



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO APLICADA

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

“LUÍS DE CAMÕES”

EURO 2004: DO MEDO À FESTA

**A METAMORFOSE DE UM ACONTECIMENTO VISTA ATRAVÉS DO
DISCURSO JORNALÍSTICO**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Aplicada

Autora: Mariana Valério Guerreiro Freire de Andrade

Orientadora: Professora Doutora Paula Cristina do Rosário Lopes

Número:20150059

Novembro de 2021

Lisboa

RESUMO

Nesta dissertação, pretendemos perceber qual é a influência do discurso jornalístico na construção da realidade e do equilíbrio sociais em torno de um fator (desestabilizador) que, potencialmente, poderia pôr em causa a segurança do País. Para o efeito, olhamos para o Campeonato Europeu de Futebol - Euro 2004, mais de uma década depois da sua realização, e analisamos o seu impacto, o que ficou e o que mudou. Começámos por questionar se a estratégia de segurança do Euro 2004 alterou o paradigma da segurança em eventos desportivos (e outros), adquirindo um novo significado no discurso mediático e, desse modo, no imaginário coletivo.

Mais do que uma análise de discurso, o objeto desta pesquisa é a “análise do discurso em relação”, ou seja, olhamos para o diálogo entre os discursos enunciados pelos atores sociais representativos dos diferentes enquadramentos (*frames*) numa linha temporal (*time-frame*), segmentada em três momentos, conjunturalmente determinantes para a produção do discurso mediático, que refletem o processo de construção da realidade (*framing/ frame change /reframing*), produto da interação social, num devir paradigmático.

A análise plurimetodológica e sistemática da questão da segurança perante a ameaça do Euro 2004 no discurso mediático leva-nos numa viagem com paragem em três tempos: o tempo do medo, o tempo da festa e o tempo do sucesso refletido em orgulho nacional.

Em cada um destes paradigmas, a segurança assume diferentes dimensões. Se, na fase de preparação, a segurança surgia como uma tarefa inatingível, para a qual não tínhamos capacidade de organização nem meios, no decurso do campeonato quase que desapareceu do discurso mediático para emergir no final envolta numa nova significação. A segurança foi um sucesso, um modelo a seguir que em muito contribuiu para que o Euro 2004 passasse a ser uma referência da capacidade portuguesa para organizar grandes eventos.

Outro aspeto importante desta pesquisa é a análise do processo de significação do Euro 2004, tanto no que respeita ao valor-notícia do acontecimento, como em termos de efeitos a longo prazo, para aferir a consolidação do significado que prevaleceu para além do tempo de vida espectacular para um evento de natureza desportiva no espaço mediático e no imaginário coletivo.

Não menos importante é a análise comparativa entre o contexto mediático vivido durante os dois campeonatos europeus, que limitam a nossa pesquisa: o de 2004, quando a comunicação dos riscos era mediada através dos meios tradicionais, e o de 2016, em plena era digital.

Os resultados refletem a importância do papel dos media e do processo jornalístico em termos de difusão de um discurso responsável, credível e, acima de tudo, construtor da realidade social e do seu equilíbrio, em geral, e nas questões de segurança, em particular.

PALAVRAS-CHAVE:

Noticiabilidade; processo de significação; enquadramento; curadoria

ABSTRACT

In this dissertation, we intend to understand the influence of the journalistic discourse in the construction of social reality and balance around a (destabilising) factor that could potentially jeopardise the safety of the country. For that purpose, more than a decade later, we look at the European Football Championship Euro 2004, and we analyse its impact, what remained and what has changed. We started by questioning whether the security strategy of Euro 2004 changed the paradigm of security in sports (and other) events, acquiring a new meaning in the media discourse and, thus, in the collective imagination.

More than a discourse analysis, the object of this research is the analysis of the discourse in relation to something. That is, we look at the dialogue between the discourses enunciated by the social actors representing the different frames in a time-frame, segmented into three moments, critical for the production of the media discourse, which reflect the process of construction of reality (framing/ frame change /reframing), product of social interaction, a paradigmatic change.

The multi-methodological and systematic analysis of the safety issue before the Euro 2004 threat in the media discourse, takes us on a journey that has three different momentums: the time of fear, the time of celebration and the time of success reflected in national pride. In each of these paradigms, security assumes different dimensions. If, in the preparatory phase, security appeared as an unattainable task, for which we would neither have the organisational capacity nor the means needed. In the course of the championship this narrative almost disappeared from the media discourse to emerge at the end of the event with a new meaning. Security was a success, a role model, which contributed much for Euro 2004 becoming a reference of the Portuguese capacity to organize big events.

Another important aspect of this research is the analysis of the Euro 2004 signification process, not only in terms of the news-value of the event but also in terms of long-term effects, to assess the consolidation of the meaning that prevailed beyond the expected lifetime for a sports event in the media space and in the collective imagination.

No less important is the comparative analysis between the media context experienced during the two different European Football Championship, analysed on this dissertation. The Euro 2004, when the communication of risks was mediated through traditional media, and that of

Euro 2016, in the midst of the digital era. The results demonstrated the importance of the role of the media and the journalistic process in terms of the diffusion of a responsible, credible and, above all, constructive discourse of social reality and its balance, in general, and in security issues, in particular.

KEYWORDS

Newsworthiness; process or signification; framing; content curation.

“Todos tendemos a ser egocêntricos. Tendemos a interpretar o mundo do nosso ponto de observação. Isso torna muito difícil a interação, a empatia. Torna difícil a simples comunicação.

Tem-se dito com frequência que as palavras não significam o mesmo para todas as pessoas. É mais exato dizer que as palavras não significam absolutamente nada. Apenas as pessoas significam, e as pessoas não querem dizer o mesmo com todas as palavras.”

David Berlo, 1999

ÍNDICE

RESUMO	1
ABSTRACT	3
ÍNDICE	6
INTRODUÇÃO	9
1 – OBJETIVOS E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO	15
1.1 As Palavras	20
1.2 Alguns números	23
1.3 E as imagens	24
2 – TEORIA E PRÁTICA EM RELAÇÃO - Do medo à festa: Uma mudança de paradigma	26
2.1- EURO 2004 e a conjuntura: Tradição de violência e o risco global	28
2.2 - EURO 2004 e os valores-notícia	35
2.3 - EURO 2004 na Imprensa Escrita	42
2.4 - EURO 2004 – O trajeto ontológico de um ícone – <i>Frame a frame</i>	45
2.5 - EURO 2004 – O grande hospedeiro	50
2.5.1 As resistências: As expectáveis e as outras	51
2.5.2 Braço de ferro – Medo ou planeamento e rigor	54
2.5.3 E as reações	58
2.6 - Euro 2004 – Do medo à festa - Frame e Reframing - Que mensagem “Euro 2004” foi construída através do discurso jornalístico?	59
3- EURO 2004 A LONGO PRAZO.....	75
4 - REVISITAR O EURO 2004 NO EURO 2016	79
5 - CONCLUSÃO	88
6 - BIBLIOGRAFIA	92
7 - ANEXOS	99
I – Entrevista - Secretário de Estado da Administração Interna XV e XVI Governos Constitucionais – Nuno Magalhães	100

II – Entrevista - Coordenador do Gabinete Coordenador de Segurança - General Leonel Silva Carvalho	108
III – Entrevista- Jornalista - Valentina Marcelino	118
IV - Carta do Ministro Adjunto do Primeiro-Ministro, José Luís Arnaut (Com tutela do Euro 2004) –Maio de 2004	125
V - Calendário dos Jogos Euro 2004	126
VI - Deliberação da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) de 24.02.2004	127
VII- Mapa Semântico Euro 2004	128
VIII - Mapa Semântico Euro 2016 – 10.06.16 a 10.07.16	130
IX - Caderno de Imprensa – 30 de Janeiro de 2004	131
X – Legislação	132
Anexo X- 1 - Resolução da Assembleia da República n.º 11/2000, de 18 de fevereiro.	132
Anexo X- 2 -Resolução do Conselho de Ministros 64/2001, de 31 de maio.....	132
Anexo X- 3 - Portaria 1325/2001, de 4 de dezembro	132
Anexo X- 4 -Decreto-lei 94/2002, de 12 de abril	132
Anexo X- 5 - Resolução da Assembleia da República n.º 30/2002, de 23 de maio	132
Anexo X - 6 - Portaria n.º 1522-B/2002, de 20 de dezembro	132
Anexo X- 7 -Portaria n.º 1522-C/2002, de 20 de dezembro	132
Anexo X- 8 -Despacho conjunto 8/2004, de 3 novembro de 2003 (2.ª série.....	132
Anexo X - 9 - Portaria 485/2003, de 17 de junho	132
Anexo X- 10 - Despacho 22440/2003, de 18 de novembro (2.ª Série).....	132
Anexo X- 11 - Decreto-Lei n.º 35/2004, de 21 de fevereiro.....	133
Anexo X- 12 - Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2004, de 9 de março.....	133
Anexo X- 13 - Lei n.º 16/2004, de 11 de maio	133
Anexo X- 14 - Lei Orgânica n.º 2/2004, de 12 de maio	133
Anexo X- 15 - Resolução do Conselho de Ministros n.º65/2004, de 21 de maio:	133

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - MODELO TRIDIMENSIONAL DE INVESTIGAÇÃO.....	18
FIGURA 2 – ESTRUTURAS TEMÁTICAS FUNDAMENTAIS- PALAVRAS-CHAVE NOS TRÊS NÍVEIS DE DISCURSO – ENTREVISTAS	21
FIGURA 3 - CLUSTERS DE PALAVRAS NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO I.....	22
FIGURA 4 -DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR MEIO EURO 2004.....	37
FIGURA 5 - DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR TEMAS- 1 DE DEZEMBRO DE 2003 A 4 DE JULHO DE 2004.....	38
FIGURA 6 - APÓS 11 DE MARÇO DE 2004.....	40
FIGURA 7 - COMPARAÇÃO DO Nº DE NOTÍCIAS SOBRE SEGURANÇA E CAMPEONATO	42
FIGURA 8 - Nº. DE NOTÍCIAS POR OCS - ANTES, DURANTE E DEPOIS DO CAMPEONATO.....	43
FIGURA 9 - DISTRIBUIÇÃO DAS NOTÍCIAS POR OCS - ANTES, DURANTE E DEPOIS DO CAMPEONATO.....	44
FIGURA 10 -PALAVRAS-CHAVE NOS TRÊS TEMPOS	61
FIGURA 11- AMEAÇAS NOS TRÊS TEMPOS.....	64
FIGURA 12 -CLUSTERS DE PALAVRAS NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO II	65
FIGURA 13 - CAPAS DA REVISTA <i>FOCUS</i> NOS TRÊS TEMPOS	68
FIGURA 14 - CAPA <i>FOCUS</i> (T1) A.....	69
FIGURA 15 - CAPA <i>FOCUS</i> (T1) B.....	69
FIGURA 16 - CAPA <i>FOCUS</i> (T1) C.....	70
FIGURA 17 - CAPA <i>FOCUS</i> (T2) A.....	71
FIGURA 18 - CAPA <i>FOCUS</i> (T2) B.....	72
FIGURA 19 - CAPA <i>FOCUS</i> (T3) A.....	72
FIGURA 20 - CAPA <i>FOCUS</i> (T3) B.....	73
FIGURA 21 - LOGÓTIPOS EM T1, T2 E T3.....	73
FIGURA 22 - DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS ENTRE JANEIRO DE 2003 E JULHO 2016	75
FIGURA 23 -DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR MEIO EURO 2016.....	79

INTRODUÇÃO

Um evento como o Campeonato Europeu de Futebol – UEFA Euro2004 tem sempre impacto social, pela sua relevância, pelas oportunidades que gera, pelo impacto económico, pelo número de pessoas envolvidas, pelo interesse que suscita junto dos *media*, pelas alterações na organização social que provoca, pela preparação que requer, bem como pelo risco associado, devido às ameaças, reais e potenciais, que intrinsecamente acompanham um evento desta natureza.

Julgamos pertinente recuar no tempo e voltar a olhar para o Euro 2004, o evento com impacto mundial de maior dimensão realizado em Portugal, provavelmente aquele que constituiu o maior alvo de ameaça terrorista que o País alguma vez viveu. Uma ameaça renovada, que voltou a estar na ordem do dia, quando França, país anfitrião do Campeonato Europeu de Futebol - UEFA Euro 2016 (Euro 2016), foi alvo de diversos atentados terroristas enquanto se preparava para receber o evento.

Consideramos, por isso, relevante observar e relacionar o interesse dos *media* pelas questões de segurança num evento desportivo de grande dimensão e o discurso que resultou deste ângulo de abordagem. Quanto ao Euro 2004, é oportuna a nossa análise, pela sua grandeza, pela sua previsibilidade, pelo facto de ser um evento onde estavam postos os “olhos do mundo”, alvo de interesse mediático, garantia de grande visibilidade e de penetração numa vasta audiência e, principalmente, porque terminou em festa e ficou para a história como sendo um evento sem incidentes e um modelo a seguir em termos de segurança.

Assim, a expectativa é perceber se a nossa hipótese se verifica, ou seja, se a imagem projetada do evento, numa fase inicial, pouco ou nada tem a ver com aquela que emergiu no decorrer do mesmo e muito menos com a que ficou e que passou a fazer parte do imaginário coletivo, fruto de uma construção comum, a partir de um verdadeiro fenómeno de massas.

O interesse mediático deste evento, reconhecido pela deliberação da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS)¹, de 24 de fevereiro de 2004, sobre os problemas suscitados pela cobertura mediática do evento, considera que o Euro 2004 é uma iniciativa com grande impacto em todos os setores da vida nacional que exigia um “tratamento adequado”, chamando a si,

¹ Anexo VI – Deliberação da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) de 24.02.2004

dentro do quadro legal, a promoção “do direito e da liberdade de informar, de se informar e de ser informado”.

Partindo do pressuposto que os *media* são construtores da realidade social e que são expressão daquilo que é a opinião pública, pretendemos analisar o discurso mediático, produzido em concorrência com o discurso oficial (político e operacional), perceber a sua relevância em contexto de desequilíbrio social, e o papel assumido no reequilíbrio, contribuindo para a construção de uma nova realidade na qual o Euro 2004 adquire uma nova significação, uma identidade própria que vai para além de um evento desportivo.

Considerando os *media* o elo de ligação social, uma espécie de sistema nervoso central que nos relacionam com o meio, que nos revelam os acontecimentos e nos fornecem a informação necessária para formarmos imagens, termos sentimentos e perceções da realidade, queremos saber como se chegou ao novo equilíbrio e à recuperação da homeostasia do sistema fundamental para a manutenção da vida em sociedade.

Assim a nossa pergunta de partida procura perceber, 12 anos depois, o que ficou e o que mudou, em que medida a estratégia de segurança do Euro 2004 alterou o paradigma da segurança em eventos desportivos, adquirindo um novo significado no discurso mediático e, desse modo, no imaginário coletivo.

Dividimos o trabalho em duas partes: a primeira que se ocupa essencialmente do processo de significação do evento, através da análise do discurso jornalístico como resultado do confronto entre os discursos dos atores sociais considerados, nesta pesquisa, o discurso político e o operacional, cada um legítimo representante de uma parte do sistema social e do seu enquadramento ou *frame*. Assim, delimitámos e dividimos o tempo de análise em três períodos distintos: antes, durante e depois do campeonato.

Na segunda parte, alargamos o tempo em análise até à realização do Euro 2016² e olhamos para os efeitos a longo prazo com dois objetivos: confirmar o significado do Euro 2004 resultante do processo de significação previamente analisado e, por outro lado, verificar se o papel do discurso mediático continua a ter relevância para o equilíbrio social num tempo de “convergência de meios” – tradicionais e novos *media* –, em que, com a “multiplicação de

² Tendo em conta o tempo necessário para recolha e tratamento da informação, não alargámos o tempo desta pesquisa até 2020/2021. Por outro lado, o mais recente campeonato da Europa não se realizou em circunstâncias idênticas aos anteriores devido à pandemia Covid-19.

atores no processo informativo/noticioso, os jornalistas deixaram de deter a exclusividade no processo” (Gomes *Apud* Lopes, 2017:18).

Assumimos, desde já, que esta dissertação não segue o modelo clássico. Ao longo do documento, optámos por mobilizar teoria e empiria, numa comunhão pouco habitual e disruptiva.

No capítulo 1 lançámos a base desta investigação, delimitámos a nossa amostra de análise dentro de um universo de notícias publicadas, antes, durante e depois do campeonato Europeu de Futebol UEFA2004, justificámos a opção plurimetodológica, na qual cruzámos métodos quantitativos e qualitativos, observámos palavras, números e imagens para verificar a alteração do discurso mediático relativo à segurança do evento, como manifestação da percepção de segurança, da credibilidade do discurso e da confiança que este foi gerando na opinião pública.

Já no capítulo 2, procedemos à contextualização de uma situação de desequilíbrio social em relação com a teoria. Apresentámos a conjuntura, as ameaças, que foram divididas em três categorias (terrorismo, *hooliganismo* e pequena criminalidade). Num tempo em que a consciência da globalização dos riscos está muito presente devido à proximidade dos dois grandes atentados terroristas, o 11 de setembro em Nova Iorque e o 11 de março em Madrid, fez temer a ameaça mais grave: o terrorismo. Esta conjuntura fez com que o discurso jornalístico se tivesse ocupado essencialmente do terrorismo. No entanto, segundo as autoridades, a mais provável ameaça era o *hooliganismo*, uma ameaça diretamente ligada ao mundo do futebol.

Contextualizadas as circunstâncias conjunturais, pretendemos avaliar o Euro 2004 através da grelha de valores-notícia (Silva, 2005:13-14), que resulta da convergência das sucessivas sistematizações elaboradas por vários autores como Bond (1954); Chaparro (1994); Erbolato (1991); Galtung e Ruge(1965); Gans (1980); Golding-Elliot (1979); Hetherington (1985); Lage (2001); Lippman (1922); Shoemaker *et al.* (1991); Stieler (1695); Warren (1968) e Wolf (1999) e que permite aferir a noticiabilidade deste evento.

Identificámos os protagonistas e delimitámos em *frames* os seus discursos, produzidos no âmbito desta abordagem. Repetimos o processo *frame a frame* em cada um dos tempos em análise para traçar um percurso ontológico do Euro 2004, num processo de *reframing*, que evolui de um paradigma do “medo” para a “festa” e termina em “sucesso”. Esta análise que evidencia o confronto dos diferentes discursos em competição pelo espaço mediático, aquele espaço onde é forjada a opinião pública e se gera influência nas percepções e sentimentos que

vão dar lugar a um reequilíbrio ou, mais concretamente, a um novo equilíbrio do sistema que surge da emergência de um novo paradigma com um novo conjunto de signos geradores de uma nova realidade.

No capítulo 3, fazemos uma análise a longo prazo, que nos permite responder a duas questões: confirmar se o Euro 2004 continua a ser imagem do sucesso, um símbolo do orgulho nacional, e se continua a ser modelo, uma referência em termos de organização e planeamento de grandes operações de segurança. Por outro lado, procuramos também verificar se o modelo de segurança do Euro 2004 voltou a ser aplicado, não ficando circunscrito a eventos desportivos, tendo sido aplicado em organizações de outra natureza, como a cimeira da NATO, em 2010, e as mais recentes visitas papais, em 2010 e em 2017.

No capítulo 4, olhamos para o Euro 2016, com o objetivo de perceber as diferenças de contexto entre os dois eventos e quais as grandes questões em matéria de segurança no plano mediático. Se, em 2004, a comunicação dos riscos era *media* da entre os emissores, fontes oficiais, identificadas, e as audiências, essencialmente através dos meios tradicionais (uma vez que os meios digitais ainda não eram preponderantes), em 2016, os meios de comunicação tradicionais dividem o espaço público com as redes sociais, por exemplo. Este universo de todos os produtores de conteúdo, pátria dos *accidental journalists* introduz na equação da perceção da realidade e da formação do sentimento de segurança o passa palavra ou *electronic word of mouth (EWOM)* e a conversação viral (*BUZZ*), onde proliferam as *fake news*, um dos fenómenos de poluição informacional que se insere numa realidade mais vasta, a qual considera a *mis-,dis-and mal-informacion*, que constituem a desordem informacional³, o que só por si constitui uma ameaça numa sociedade que é de riscos.

Esta situação coloca em evidência a importância da qualidade da relação entre fontes e jornalistas, bem como a importância do método jornalístico no que diz respeito à verificação da informação, para que esta seja credível e através da verdade jornalística gere confiança na opinião pública.

Por fim, no capítulo 5, apresentamos as conclusões, que incidem na análise dos diferentes discursos produzidos em torno da questão da segurança no âmbito do Euro 2004, nos seus efeitos no quotidiano mediático, na formação da opinião pública e na significação do evento,

³ “A new conceptual framework for examining information disorder, identifying the three different types: mis-,dis- and mal-information” (Wardle e Derakhshan, 2017:5) Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c> consultado em 10/03/2018

bem como, nos efeitos a longo- prazo, na medida em que é revelada a consolidação do processo de significação. Também refletimos sobre a curadoria da informação e importância do papel dos media e do processo jornalístico em termos de difusão de um discurso responsável, credível e, acima de tudo, construtor da realidade e do equilíbrio social.

Uma nota: A autora desta dissertação integrou, numa posição privilegiada, o processo de preparação e realização do Euro 2004, pelo que podemos dizer estar perante um documento que muito revela da sua observação-participante.

“Os meios de comunicação não descrevem uma realidade exterior: são autores, eles próprios, num campo social de forças em que exercem influência e que neles a exerce também”

Daniel Innerarity, 2006

1 – OBJETIVOS E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

O Euro 2004 tem sido alvo de diversos estudos, com diferentes ângulos de abordagem. Existem trabalhos de investigação que o elegem como objeto de análise ou como acontecimento de referência para delimitar uma análise. Existem estudos relativos ao futebol como fenómeno desportivo (Sousa, 2011; Gomes, 2013), à gestão de eventos desportivos e ao controlo de multidões (Stott *et al.*, 2007; Almeida, 2013), ao seu impacto económico e turístico (Viseu, 2004). O Euro 2004 também já foi analisado como fator de identidade nacional (Ribeiro, 2010) e como referência para a constituição da “marca Portugal” (Melo, 2007).

Em termos de segurança, no estudo *Variability in the collective behaviour of England fans at Euro2004: ‘Hooliganism’, public order policing and social change*, Otto Adang referencia o Euro 2004 como origem de um novo modelo de policiamento, “*ESIM- Elaborated social identity modelo of crowd behaviour*” (Stott *et. al*, 2007), na abordagem dos adeptos de futebol mais problemáticos, habitualmente designados *hooligans*. Este modelo, reutilizado e mencionado, tanto a nível nacional como internacional, além de dar início a um novo tipo de relação entre Forças de Segurança e adeptos, promove uma alteração social na forma como passámos a olhar para a generalidade dos adeptos ingleses que eram vítimas do estigma do *hooliganismo*.

Não obstante, continua a faltar um estudo que olhe para este acontecimento através do discurso jornalístico, enquanto reflexo dos vários discursos coexistentes, num momento de desequilíbrio social em que a homeostasia do sistema é posta em causa, tendo em conta os riscos e as ameaças geradas pelo paradigma de desconfiança e medo que um processo de preparação e a realização de um evento desta dimensão provocou durante as principais fases do campeonato e que as relacione com os diferentes níveis discursivos identificados, em tensão ou em guerra, aquilo que Lakoff e Johnson descrevem como “*argument is war*” (Lakoff e Johnson *Apud* Gradim, 2016:40), numa relação dinâmica de “equilíbrio/desequilíbrio entre a expectativa criada pelo contrato de comunicação e o sancionamento do discurso daí resultante por parte dos diversos agentes envolvidos e que marca, assim, o novo campo de enunciação e os próprios enunciados do novo ambiente aberto pelo «fim da escravatura» que era a dependência do acontecimento” (Mendes, 2001:391).

Com o objetivo de perceber se houve uma metamorfose da linguagem utilizada pelos jornalistas e em que medida essa metamorfose ajudou a fazer a transição para um novo paradigma/ novo equilíbrio, passando o Euro 2004, enquanto signo, a ser maior do que um mero evento/acontecimento para ser ele próprio um “modelo em questões de segurança”, que permanece e é consensualmente aceite e reconhecido como tal, sinónimo de orgulho, um ícone⁴ do sucesso nacional. Estatuto que lhe confere uma durabilidade (Arendt, 2001) obtida pelo uso que lhe continuamos a dar, um uso que mantém o que já aconteceu atual, pois “se não usarmos as coisas do mundo, elas também perecerão” (Arendt, 2001:176).

Também importa perceber a relação existente entre os três níveis de discurso uma vez que “as pessoas pensam por *frames*”⁵, os quais refletem os quadros de referência, ou *framework*, com que cada um se estrutura. Esta circunstância faz com que, “para ser aceite, a verdade tem de adaptar-se às *frames* das pessoas. Se os factos não encaixam na *frame*, esta fica e os factos são rejeitados”⁶.

Este facto faz com que exista uma necessidade de adaptação, de ir ao encontro daquilo que são os diferentes quadros de referência. Neste contexto, que ocorre através da adaptação da linguagem, recorre-se, por vezes, a *spin doctors*⁷ e às técnicas de *spinning*, com vista a conseguir uma convergência de foco ou no ângulo de abordagem que leve à obtenção de um sentido ou significado comum num processo que, segundo Gradim, “é dialético e não unilateral” (Gradim, 2016: 35).

No entanto, da mesma maneira que pode haver este movimento de convergência também poderá acontecer o oposto, na medida em que os representantes de cada setor, tendo por base diferentes *frameworks*, procurem através da polémica e do desafio ganhar espaço mediático e dar voz às suas próprias mensagens.

⁴ Segundo Pierce “um signo é icónico na medida a propriedade do seu denotado. Assim, são ícones uma fotografia, um desenho, um diagrama, mas também uma forma lógica e, sobretudo uma imagem mental.” (Pierce *Apud* Eco, 2004:56)

⁵ (Lakoff *Apud* Gradim, 2016: 43)

⁶ (*Idem*)

⁷ “O termo *Spin Doctor* surgiu pela primeira vez, no contexto da comunicação política, em 21 de outubro de 1984, no jornal *New York Times*, referente à campanha para a Eleição Presidencial entre Reagan e Mondale. Este conceito está muitas vezes associado à manipulação, conspiração ou propaganda, isto é, a uma pessoa especializada em comunicação política, que tenta influenciar a opinião pública através de informação apresentada ao público” (Ribeiro, 2015: 149-150).

Como já salientado, assumimos à partida o estatuto de observador participante que teve oportunidade de interagir com as três dimensões mobilizadas (política, operacional e mediática) e de observar o “eco” gerado pela interação destes discursos no plano mediático.

Neste trabalho, optámos por uma triangulação de métodos: análise documental, análise quantitativa e entrevistas em profundidade.

Seguindo Lalanda, consideramos ser “consensual afirmar a importância de uma abordagem plurimetodológica como estratégia eficaz na «clarificação» dos fenómenos, em termos da sua extensão, quer em termos do seu significado” (1998: 872).

Assim, procedemos à análise documental, tanto de peças jornalística de imprensa escrita⁸, como dos relatórios⁹ produzidos pela Secretaria de Estado da Administração Interna e da Comissão de Segurança do Euro 2004 (que incluem os relatórios de todas as forças e serviços de segurança envolvidos, nos quais encontramos o balanço final da operação de segurança e onde podemos perceber a estratégia utilizada, os meios, humanos e materiais, envolvidos e o trabalho desenvolvido para tornar possível a maior operação de segurança alguma vez realizada em Portugal).

Recorremos à análise quantitativa para compreender o impacto mediático em três tempos distintos [(t1); (t2) e (t3)] organizados em função do calendário¹⁰ oficial dos jogos, entre janeiro de 2003 e 11 de junho de 2004 (t1), de 12 de junho a 4 de julho de 2004 (t2) e de 5 de julho de 2004 a dezembro de 2005 (t3), para acompanhar o trajeto percorrido para uma nova significação, que levou a uma mudança de paradigma. Também procedemos à análise do comportamento a longo prazo, num período alargado de tempo com início em 2003 e que se estende até 2016.

Deste modo, observámos a permanência do evento na agenda mediática e os seus efeitos em termos de significação do evento, ou seja, definimos um *time-frame* (Saperas 2010:62) ou quadro temporal, no qual poderemos observar os efeitos cumulativos e a confirmação da nova significação do Euro 2004.

⁸ Leitura das publicações e recurso ao serviço de *clipping* da Mynetpress - Manchete

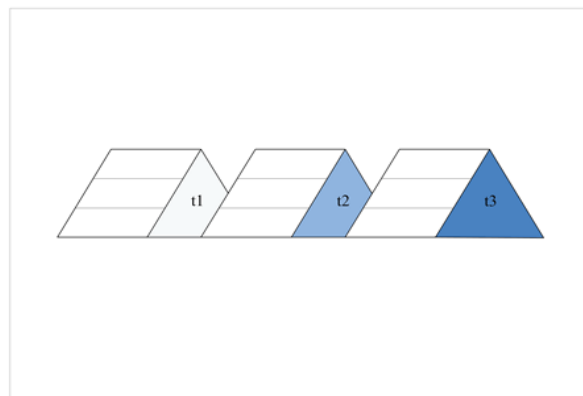
⁹ Estes relatórios não são apresentados em anexo dado serem documentos reservados que tivemos oportunidade de consultar no âmbito das funções desempenhadas na Secretaria de Estado da Administração Interna.

¹⁰ cf. Anexo V

Por último, as entrevistas em profundidade representam as três dimensões mobilizadas: Nuno Magalhães (dimensão política); Leonel Silva Carvalho (dimensão operacional das Forças de Segurança) e Valentina Marcelino (dimensão mediática).

Desta abordagem tridimensional resulta o modelo piramidal que iremos seguir mais detalhadamente através das palavras, dos números e de algumas imagens.

Figura 1 - Modelo tridimensional de investigação



Fonte: Elaboração própria

Na análise de discurso, Anabela Carvalho propõe que se pense em termos de narrativa, com os seus elementos constituintes (a história e o discurso)¹¹, envolvendo uma ação, uma conclusão ou resultado, personagens e um palco ou quadro de ação.

Assim, no que diz respeito às personagens, a abordagem parte das entrevistas em profundidade a três dos protagonistas, atores sociais representativos dos diferentes sistemas ou discursos (político, operacional e mediático) que dão vida a esta narrativa, em determinado período histórico (quadro de ação).

Tendo por base um guião semiestruturado, recolhemos o testemunho de quem participou diretamente nas diferentes ações, com o objetivo de obter elementos significativos para o nosso estudo.

Ao serem efetuadas na fase analítica, estas entrevistas contribuíram para a consolidação das hipóteses e focam os discursos/narrativas dos três níveis em análise, recorrendo ao “*framing*”

¹¹ “As teorias da narrativa, especialmente sob a influência dos estruturalistas franceses, entendem que a narrativa é composta de dois elementos principais – a «história» e o «discurso». Uma narrativa seria uma história contada através de um discurso” (cf. Carvalho, 2000: 146).

como um processo de perspetivação e enquadramento, sendo o resultado da seleção e composição¹², considerando um *frame* “uma ideia organizadora para atribuir sentido a eventos” (Gamson e Modigliani *Apud* Carvalho, 2001:145).

Assim, além dos três tempos identificados (ou *time-frames*), que no seu conjunto formam a *story-line*, podemos também identificar três *frames*¹³, ou enquadramentos, estruturantes para o processo de significação deste evento:

1. O *frame* político que, através da constituição da Comissão de Acompanhamento do Euro 2004, reuniu todas as tutelas ministeriais, serviços e forças de segurança que, de forma relevante, podiam contribuir para identificar e compreender as necessidades criadas, os riscos e ameaças, os défices de preparação e de meios existentes, e que, no seu conjunto, determinaram a definição de uma estratégia de segurança e a tomada de decisões em função das opções assumidas;
2. O *frame* operacional, no qual o foco recai na operacionalização das táticas utilizadas, resultantes da implementação da estratégia definida, do acompanhamento no terreno da mesma e na relação com a Comunicação Social;
3. O *frame* mediático, em que a perceção do sentimento de segurança, apreendido e transmitido, expressa a formação da opinião pública, através do discurso jornalístico, em concreto, através da narrativa apresentada na imprensa escrita portuguesa.

¹² “Seleção é um exercício de inclusão e exclusão de factos, opiniões, juízos de valor. Composição é o arranjo destes elementos de forma a produzir um determinado sentido. Este processo ocorre sempre e necessariamente na produção de textos” (Durham *Apud* Carvalho, 2000: 145).

¹³ “*Frame* é visto como uma ideia central que subjaz e orienta a construção de textos. Gamson e Modigliani, por exemplo, referem-se a um *frame* como uma ideia organizadora para atribuir sentido a eventos, indicando o que está em causa (1989: 3)” (*cf.* Carvalho, 2000: 145).

1.1 As Palavras

Complementarmente às entrevistas ao então Secretário de Estado da Administração Interna, Nuno Magalhães, em representação do *frame* político, ao General Leonel Silva Carvalho, responsável pelo Gabinete Coordenador de Segurança, em representação do *frame* operacional, e à jornalista Valentina Marcelino, especialista em segurança e administração interna, em representação do *frame* mediático, utilizámos a análise documental e a análise quantitativa, de modo a comprovar algumas das hipóteses levantadas, orientados para dar suporte à análise dos diferentes discursos¹⁴ que permitam estabelecer uma relação entre “sentido” ou “não-sentido”¹⁵ e a linguagem utilizada, e obter uma tradução gráfica que ajude a perceber o trajeto do acontecimento.

Para o efeito, seguimos o modelo indicado por Van Dijk (1988) que propõe a criação de macroestruturas semânticas, as quais permitem observar e relacionar sequências temporais pertencentes a um mesmo evento através da identificação de “estruturas temáticas fundamentais”, recorrendo a uma depuração dos textos que proporciona a eliminação de redundâncias, sob a “forma de esqueletos temáticos” (Van Dijk *Apud* Carvalho, 2000:144).

Os “esqueletos” ou “clusters de palavras” (Gamson e Modigliani *Apud* Gradim 2016: 75) são constituídos pelas palavras-chave¹⁶, implícitas ou explícitas, que formam um mapa semântico¹⁷, o qual expressa as linhas de força de cada texto da amostra e permite analisar a narrativa do acontecimento. Estas palavras-chave, estereótipos e imagens, segundo Tankard (2003), constituem codificadores que permitem determinar um enquadramento ou lista de *frames*, cuja principal vantagem é permitir uma abordagem quantitativa e retirar subjetividade ao processo de identificação de *frames*¹⁸.

¹⁴ “Análise de discurso é uma designação comum a múltiplas formas para analisar a relação entre o sentido e a linguagem, bem como as suas repercussões sociais e políticas. Várias correntes têm sido desenvolvidas no âmbito das ciências sociais e no domínio da linguística. Esta comunicação busca inspiração em perspetivas adotadas, sobretudo, no âmbito da sociologia, da ciência política e dos estudos dos *media*” (cf. Carvalho, 2000: 143).

¹⁵ “A crise de sentido que procuramos aqui abordar é também – e essencialmente – uma crise de memória no sistema de *media*, um «não-sentido». Isto é, os *media* hoje não procuram construir, com a sua própria história e o seu discurso, um sentido da história, ou tão-somente a imagem crua do humano e da sua experiência, mas antes efabulações e estórias sem sentido, narrativizando os acontecimentos de forma a experiência a ficcionalidade e as redundâncias do mundo – da pequena política à grande catástrofe –, cumprindo assim cabalmente o conceito emergente do tempo (infotainment). Assim, a possibilidade de o telejornal da noite dar um sentido à história, política, social, etc., um sentido ético ao humano, perde-se no seu carácter disjuntivo, no arbítrio de um palimpsesto eletrónico cujo ritual é o do esquecimento” (cf. Cadima, 2010: 109).

¹⁶ cf. Figura 2

¹⁷ cf. Anexo VII

¹⁸ (*idem*)

Figura 2 – Estruturas temáticas fundamentais- Palavras-chave nos três níveis de discurso – entrevistas

Sequência temporal ou *story-line*¹⁹- Um percurso do medo à festa

O ponto de partida - <i>Setting</i>²⁰		
<i>Frame</i> político	<i>Frame</i> operacional	<i>Frame</i> mediático
Ameaças Risco Desconfiança Descoordenação <i>Hooliganismo</i> Pânico Terrorismo	Ameaças Insegurança Desconfiança Dúvida Expectativa Incapacidade Receio	Ameaça Risco Apreensão Expectativa
O processo - <i>Complication</i>²¹ (t2)		
<i>Frame</i> político	<i>Frame</i> operacional	<i>Frame</i> mediático
Comunicação Informação Coordenação Cooperação Envolvimento Disponibilidade Trabalho Convicção Serenidade	Comunicação Rigor Abertura Coordenação Colaboração Proximidade Disciplina Organização Acreditar Serenidade Festa	Comunicação Informação Transparência Interagir Diálogo Disponibilidade Trabalho Convicção
O resultado – <i>Resolution</i>²² (t3)		
<i>Frame</i> político	<i>Frame</i> operacional	<i>Frame</i> mediático
Confiança Orgulho Sucesso Responsabilidade	Confiança Orgulho Sucesso Verdade Credibilidade Autoestima	Confiança Orgulho Verdade Competência

Fonte: Elaboração própria

¹⁹ (Carvalho, 2001: 145-146)

²⁰ “Já Aristóteles considerava que uma narrativa deve possuir um princípio, meio e fim. Tal sequência tem também sido associada a “*setting, complication, resolution*” (Van Dijk *Apud* Carvalho, 2001:146)

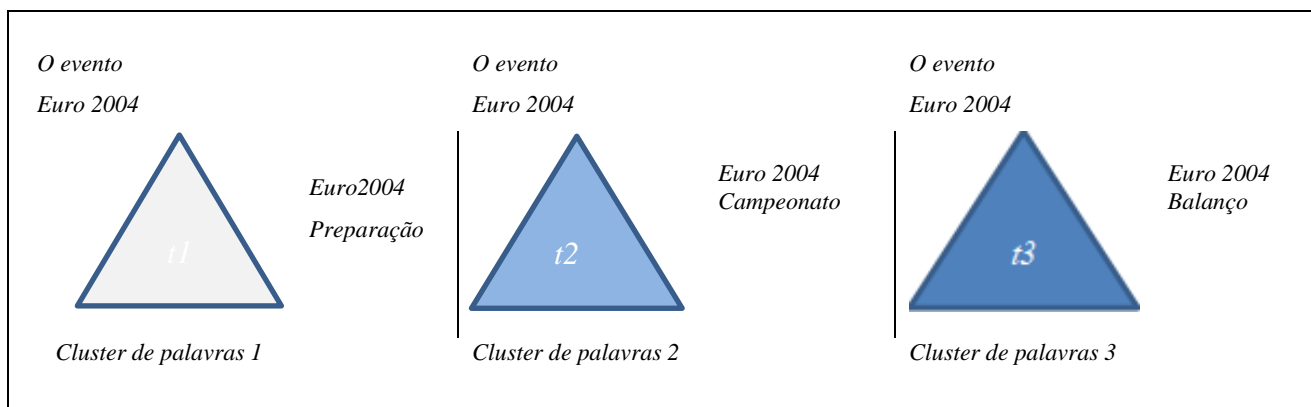
²¹ *Idem*

²² *Idem*

Nesta medida, o cruzamento das três dimensões ou *frames* colocam em relação todos os atores sociais identificados, enquanto conjunto de categorias, para analisar o discurso mediático e perceber o papel assumido pela imprensa, o cumprimento das funções que lhe são próprias, na construção das representações veiculadas que contribuiram, na boa tradição aristotélica, para promover a “mudança das sortes” (Carvalho, 2000:146).

Estuda-se uma metamorfose de linguagem que assume um relevante papel na formação da opinião e do sentimento coletivo, que migra da desconfiança para a confiança, do medo para a festa, do insucesso para o sucesso ou, como demonstra Brandt ²³, com o modelo de rede de espaços mentais que parte da interação discursiva inerente à arquitetura semiótica, para chegar a um espaço de significação, neste caso, da realidade complexa que é o Euro 2004, enquanto referente, que se transforma ele próprio num conceito uno, um novo signo (um novo modelo de segurança), numa lógica de continuidade conceptual pierciana²⁴, num processo de *reframing* que se desenvolveu ao longo de uma linha temporal ou *story-line*, como iremos ver no ponto quatro do próximo capítulo.

Figura 3 - Clusters de palavras no processo de significação I



Idem

²³ “Brandt estabelece a base conceptual da construção de significado num ato semiótico. Conforme afirma este autor, a mente humana trabalha sempre em dois planos, o plano da percepção e o da conceptualização, sendo que o segundo ocorre imediatamente após o primeiro na mente do sujeito. Se, por um lado, o sujeito, através da percepção, tem acesso ao evento ou ao objeto percecionado, por outro, ele não tem acesso à conceptualização deste evento ou objeto, pois a conceptualização ocorre dentro da sua mente. Porém, a imaginação funciona como um instrumento de projeção do evento ou do objeto na nossa mente. Podemos ainda supor que a referida projeção ocorra numa tela imaginária, ou «tela ontológica», conforme denominação de Brandt (2010:1). Porém, o sentido desta projeção apenas é ativado através de certos esquemas reguladores contidos numa dimensão de relevância que ajustam o sentido da mescla em conformidade com o contexto cultural que esta se insere” (Brandt *Apud* Arantes, 2011: 56-57).

²⁴ cf. Gradim, 2016: 51

A constituição do *corpus*, para análise documental da imprensa, foi estabelecida a partir de peças jornalísticas sobre o Euro 2004 com referência à questão da segurança, provenientes da imprensa escrita de referência, diária e semanal, que foram utilizadas para desenhar um mapa semântico. Estas notícias foram extraídas dos jornais diários *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*, do Semanário *Expresso*, e das revistas *Focus* e *Visão*, por serem publicações nas quais os temas relacionados com segurança são acompanhados regularmente, enquanto o desporto, por regra, fica circunscrito às páginas dedicadas ao tema na respetiva editoria.

No que diz respeito ao Euro 2016, também desenhámos um mapa semântico²⁵, com base na recolha que foi efetuada durante o período que antecedeu o campeonato até ao fim do mesmo, seguindo critério idêntico: identificámos as notícias referentes ao evento que abordavam a questão da segurança e, em simultâneo, procurámos identificar sinais da presença ou da influência do Euro 2004.

1.2 Alguns números

Este estudo parte de um facto: o Campeonato Europeu de Futebol – UEFA Euro 2004 ser um acontecimento relevante, a nível nacional e internacional, com interesse mediático. Uma carta²⁶ dirigida a todos os portugueses, em maio de 2004, indica a abrangência deste evento, tanto em termos de audiências como do interesse suscitado junto dos *media*, com 8500 jornalistas acreditados, cerca de 200 estações de televisão com presença confirmada e a expectativa de ter mais de 1 milhão de espectadores.

Assim, considerámos ser necessário perceber e quantificar a relevância do evento enquanto valor-notícia, não só pelos critérios de noticiabilidade²⁷ que posicionam o acontecimento num dos lugares cimeiros do *agenda-setting*, como pelo seu parâmetro temporal para avaliar a “influência” da Comunicação Social “como efeito de longo prazo” (Wolf, 1995:152)

A teoria, os depoimentos dos entrevistados, os resultados da análise documental e da análise quantitativa vão sendo mobilizados ao longo desta dissertação, o que motiva, de alguma forma, esta “inversão” à organização clássica de um trabalho deste género.

²⁵ cf Anexo VIII

²⁶ cf Anexo IV

²⁷ Ver: 2.2 Euro 2004 e os valores-notícia

Assim, podemos dizer que, nesta pesquisa, a análise quantitativa assume um papel importante na medida em que nos permite avaliar a dimensão e o impacto do acontecimento e, por outro lado, imprime um maior rigor e objetividade à análise documental, notícias e entrevistas, permite o cruzamento dos dados relevantes e, deste modo, torna mensurável a realidade estudada.

1.3 E as imagens

Para completar esta análise, olhámos também para as imagens, não para aquelas que poderiam ter sido captadas por qualquer cidadão ou adepto, mas para as fotografias que representam uma linguagem jornalística, com o seu ângulo de abordagem, com a sua contextualização, ou seja, aquelas que constituem um binómio composto por imagem e texto.

Para este efeito, escolhemos as capas de três edições da revista *Focus*²⁸ por serem representativas de cada um dos tempos (*t1*, *t2*, *t3*), por considerarmos que através desta análise é possível verificar as alterações e a evolução da imagem do evento projetada em cada momento.

Por outro lado, incluir nesta investigação a atenta observação destas capas, ricas do ponto de vista do sincretismo de linguagens, oferece a possibilidade de analisar fotografias, texto e o logótipo da publicação, sendo uma forma de relacionar os vários momentos que, em conjunto, permitem abordar o Euro 2004 como um todo e perceber o seu trajeto, aquele que nos conduz à sua identidade ou, por outras palavras, à sua significação. Tal como na análise do discurso, a nossa expectativa é perceber se a nossa hipótese se verifica, ou seja, se no início (*t1*), a imagem projetada do evento pouco ou nada tem a ver com aquela que emergiu no decorrer do mesmo (*t2*) e muito menos com a que ficou (*t3*) e que de algum modo passou a fazer parte do imaginário coletivo, fruto de uma construção comum, a partir de um verdadeiro fenómeno de massas, aquilo a que Merleau-Ponty designou de “terceira dimensão” afirmando que ela “é o ser bruto ou selvagem, anterior à objetividade e à subjetividade” (Merleau-Ponty *Apud* Montovani, 2003: 45).

Poder-se-á dizer que a perceção que temos, hoje, é substancialmente diferente daquela que tínhamos a poucos meses do início do Campeonato. Mas em que é que nos baseamos para fazer

²⁸ Revista Focus, nº 223, 21.01.04; Revista Focus, nº 246, 30.06.04; Revista Focus, nº 247, 07.07.04

esta afirmação? No senso comum²⁹, naquilo que sentimos. Como é que podemos transformar esta percepção que faz parte do mundo do “sensível”³⁰ em objetividade racional? Como é que podemos sair deste “vazio” do indizível para chegar ao dizível, do impensado ao pensado, no fundo, chegar à significação daquilo que todos sentimos, todos sabemos, mas que ficou por explicar, por enunciar. Aquilo a que nos propomos é revelar, mais adiante, aquilo que a fenomenologia considera como “reflexão”³¹, através do cruzamento entre a análise das palavras, dos números e das imagens, expressões do discurso mediático em análise.

²⁹ “O senso comum é o substrato concreto e contínuo do pensamento reflexivo e das diversas formas de expressão deste “(Merleau-Ponty *Apud* Montovani, 2003: 49).

³⁰ “O sensível não é feito de coisas. É feito também de tudo que nelas se desenha, mesmo no vazio dos intervalos, tudo que nelas deixa vestígio, tudo que nelas figura, mesmo a título de desvio e como uma certa ausência: “o que pode ser apreendido pela experiência no sentido originário do termo, o ser que pode dar-se em presença originária (...)” (*Idem*, 2003:44).

³¹ “Refletir é revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que éramos ingenuamente e que agora não somos mais, sem que possamos duvidar de que a reflexão o atinja, pois é graças a ela que temos noção dele. Não é, portanto, o irrefletido que contesta a si mesma porque seu esforço de retomada, posse, interiorização ou imanência só tem sentido frente a um termo já dado, que se abriga em sua transcendência sob o olhar que vai buscá-lo “(*Idem*, 48).

2 – TEORIA E PRÁTICA EM RELAÇÃO - Do medo à festa: Uma mudança de paradigma

A rotina oferece um enquadramento do real que nos proporciona uma percepção³² de segurança, baseada numa realidade³³ conhecida, construída por vários atores. Os políticos, os jornalistas, os profissionais e intelectuais, segundo Missika e Wolton, são: “«atores de comunicação política» correspondentes a «palavras legítimas» que se exprimem no «espaço público» contemporâneo. “Segundo os autores”, os homens políticos, que, de forma direta ou indireta, retiram a sua legitimidade da eleição por sufrágio universal; os jornalistas, que fundamentam a sua intervenção no espaço público na recolha e tratamento de informações, num quadro de liberdade de expressão de pensamento; os atores sociais e profissionais, que se legitimam por via da representação de determinadas forças sociais ou grupos de interesses; os intelectuais, que baseiam o seu acesso aos *media* e a sua intervenção pública nos saberes e no conhecimento, na ligação às instituições de ensino e da cultura” (Missika e Wolton *Apud* Mesquita 2003:92).

Estes atores são provenientes dos diferentes contextos ou subsistemas que, no seu conjunto, formam o sistema social e que atuam no espaço público³⁴ contemporâneo que, segundo Wolton é um espaço “mediatizado no sentido que é funcional e normativamente indissociável do papel dos *media*” (Wolton *Apud* Lopes, 2017: 3).

Este sistema integra e oferece uma percepção de confiança e de coesão centrada numa realidade que é conhecida ou familiar, integradora e que proporciona um sentimento³⁵ de segurança.

O equilíbrio deste sistema, em grande parte, depende dos meios de comunicação social, na medida que são estes os portadores do mundo e da realidade circundante, uma vez que são eles que assumem “uma função fática, ritualizadora, que proporciona segurança e chaves para a

³²“A percepção não é resultado da mera apreensão de estímulos sensoriais externos. Estímulos sensoriais certamente afetam o sujeito, mas o conteúdo da percepção não se reduz a estes, sendo fruto do emprego das habilidades sensoriais e corporais necessárias para a constituição da experiência de perceber. O que de “ativo” estaria envolvido na atividade perceptiva (...) a existência de uma atividade corpórea e sensorial a partir da qual os estímulos externos são processados pelo sujeito participante” (John Stewart, 2016: 663).

³³ “A representação de realidades é sempre uma representação ligada a um contexto” (Innerarity, 2006: 148).

³⁴ O espaço público é, pois, “lugar de mediação entre a sociedade civil e o Estado, onde se exprime a opinião pública” (Mesquita, 2003: 92).

³⁵ “Um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção do de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar. Todo este conjunto preceptivo se refere à causa que lhe deu origem. Os sentimentos emergem quando a acumulação dos pormenores mapeados no cérebro atinge um determinado nível” (Damásio, 2003:104).

orientação moral” na medida em que “absorvem a insegurança”, numa redundância temática tranquilizadora e na sua dimensão epistemológica disponibilizam um “esquema informativo” que “dá uma espécie de moldura estável para a inquietação quotidiana” (Innerarity, 2010: 92-94).

Se algum acontecimento fora desta normalidade ocorrer, o sistema entra em desequilíbrio, provocando um fenómeno de estranhamento, “de perda de evidência, de confiança, de familiaridade” (Innerarity, 2006: 92-154) que gera um sentimento de medo, que se pode descrever como “uma ausência de referências que ratifiquem o que sabemos ou somos” (Innerarity, 2006: 151), sendo que, “o estranho também pode vir do futuro. O que atualmente é familiar pode deixar de o ser” (Innerarity, 2006: 155), o que provoca uma série de reações no sentido de recuperar ou pelo menos de encontrar um novo equilíbrio ou homeostasia, o que, segundo Damásio, é um “processo de manutenção dos parâmetros fisiológicos de um organismo vivo dentro da amplitude mais conducente ao ótimo funcionamento e à sobrevivência” (2020: 113). Ainda segundo Damásio, os sentimentos³⁶ enquanto “percepções interativas” que põem em diálogo o corpo e cérebro e geram emoções que surgem em reações às ameaças, no caso do medo, ou como manifestações da alegria e do orgulho, constituindo “uma partitura musical que acompanha os pensamentos e as ações” (Damásio, 2020: 115).

Uma realidade nacional que o General Leonel Silva Carvalho descreve da seguinte forma: “somos um pouco de extremos. Ou somos os piores do mundo, ou estamos nas piores condições, ou então somos muito bons, mas quando vamos organizar qualquer coisa surge o clima de dúvida e de receio de não conseguirmos corresponder às expectativas e que, no conjunto, o País fique mal visto”³⁷.

Assim, partindo do individual para o coletivo, também podemos dizer que o Euro 2004, enquanto acontecimento de grande impacto social, gerou toda a latitude de sentimentos homeostáticos, provocados pelas reações às ameaças, reais e possíveis (como vamos ver no próximo capítulo), a começar pelo medo para acabar em ambiente de festa.

³⁶ “Experiências mentais que acompanham os vários estados de homeostasia do organismo, quer sejam primários (sentimentos homeostáticos como a fome ou a sede) ou provocados pelas emoções (sentimentos emocionais como o medo, a raiva ou a alegria)” (Damásio, 2020: 114).

³⁷ *c.f.* Anexo II (Carvalho, 2017: 103)

2.1- EURO 2004 e a conjuntura: Tradição de violência e o risco global

O contexto social e político vivido na preparação e durante a fase final do Campeonato Europeu de Futebol foi uma premissa determinante para definir a estratégia da segurança e para a sua implementação.

Podemos considerar a existência de diversos fluxos comunicacionais, que constituíram a trama que caracteriza o ambiente social vivido, coexistindo nem sempre de uma forma pacífica. Se, por um lado, este facto permite “acrescentar” conhecimento e experiência, o que potencia o desenvolvimento, uma vez que se trabalha a partir de anteriores conquistas, por outro, são estes fluxos comunicacionais, em processo, que abrem caminho para as novas ameaças ou para o incremento daquelas que já existiam.

Deste modo, é gerado um novo contexto, inserido numa dinâmica mais célere em termos de penetração, tanto no espaço como no tempo, que nos revela uma capacidade dos meios de comunicação social para, de “forma subtil e indireta (...), determinarem a nossa perceção do meio” (Noelle-Neumann *Apud* Saperas, 2000: 20).

Num mundo em que a globalização, como hoje a conhecemos, ainda era “um conceito inovador em conteúdo” na medida em que implicava “uma realidade dinâmica, de múltiplas e graves implicações políticas, económicas, sociais e culturais” (Lampreia *Apud* Almeida, 2004: 22), a insegurança global neste “mundo comum”, que Innerarity metaforicamente descreve como um mundo “sem arredores, sem margens, sem cercanias, sem arrabaldes” (2004:119), é também uma realidade onde nada fica de fora: “*Ya no hay nada fuera*” (Jaspers *Apud* Innerarity, 2004:119). Como relata o General Leonel Silva Carvalho, quando refere que o Euro 2004 acontece “três anos depois do 11 de Setembro e três meses depois dos acontecimentos de Madrid. As polícias estavam todas alertadas para as ameaças e riscos, incluindo a ameaça que, não sendo a mais provável, era a mais perigosa”³⁸.

Uma evidência com a qual as sociedades ainda estavam a aprender a viver porque este mundo “global é o que não deixa nada de fora, o que contém tudo, que vincula e integra de maneira que nada fica solto, isolado, perdido ou protegido, a salvo ou condenado, no seu exterior” (Innerarity, 2006: 277).

³⁸ cf. Anexo II (Carvalho, 2017: 102)

Uma nova sociedade, a “sociedade do risco”, segundo Beck, onde os riscos³⁹ são globais, na qual os *media* ocupam um papel preponderante, na medida em que a globalização dos acontecimentos e a sua propagação só é possível pela ampla difusão à escala planetária, em termos de espaço, e à instantaneidade, em termos de tempo, dos acontecimentos, proporcionada pelos órgãos de comunicação social e suportada pelas novas tecnologias de comunicação.

No essencial, podemos verificar uma espécie de bipolaridade no que diz respeito à aceitação dos prós e dos contras desta nova sociedade. Se aceitamos com agrado os benefícios da globalização⁴⁰ e desejamos que se tornem numa realidade dentro do espaço que nos é próximo, também olhamos com particular desconfiança para as consequências negativas que essa mesma realidade acarreta.

No caso concreto de Portugal, o país dos “brandos costumes”, de que nos fala José Gil (2004), aos quais nos habituámos e que, de algum modo, oferecem um certo distanciamento, que funciona como uma espécie de garante de segurança, esta situação foi abruptamente alterada com a perspetiva da realização do Euro 2004 em Portugal que, conseqüentemente, projetou o sistema social português para uma situação de desequilíbrio, uma vez que transformou o território nacional no palco do acontecimento do momento. O mais mediático, na medida em que iria atrair os “olhos” do mundo, os bons e os menos bons, aqueles que avidamente procuram situações favoráveis para as suas atividades pondo em risco a paz, a ordem e, principalmente, a segurança.

As ameaças e os riscos previsíveis, no âmbito deste acontecimento, provocaram uma reação de rejeição, de algum modo inevitável, na medida em que essa atitude funciona como um reflexo do próprio sistema, como se do aparelho parassimpático se tratasse, no sentido de garantir a sua defesa e manutenção.

Tendo por referência o relatório final da Comissão de Segurança para o Euro 2004 (CSEURO2004)⁴¹, podemos identificar não só as premissas estruturantes para o planeamento,

³⁹ “O risco é, para Beck, um estádio intermédio entre a segurança e a destruição, e a perceção dos riscos ameaçadores determina o pensamento e a ação. No risco, o passado perde o seu poder de determinar o presente. É o futuro, algo que é construído, não existente, que constrói o presente, e os riscos são sempre locais e globais, assumindo uma dimensão transescalar” (Mendes, 2015:212).

⁴⁰ Na medida em que aproxima o que é distante e abre oportunidades a nível planetário, democratiza o acesso à informação e aos mercados.

⁴¹O documento não é apresentado em anexo por ter sido classificado como reservado.

no que se refere à realidade portuguesa específica, mas também o contexto global em que esta realidade se insere e do qual transcrevemos alguns excertos que passamos a citar:

“No capítulo da segurança, o contexto português apresenta diversas características e tendências que foram tidas em devida conta no planeamento e execução do conceito de segurança. Desde logo, o facto do nosso modelo de segurança interna, de natureza multi-institucional, requerer um acrescido esforço em termos de coordenação e de cooperação entre as diversas Forças, Serviços e Organismos com atribuições no domínio da segurança, proteção e socorro” (CSEURO2004, 2004: 4).

Neste parágrafo, encontramos, de imediato, uma dificuldade em termos de comunicação, ou seja, a necessidade de existir um esforço em articular diferentes instituições, com responsabilidade nas diversas áreas a ter em conta, que não tinham tradicionalmente uma política de cooperação.

Esta missão em concreto exigia-o, uma vez que cada uma das instituições envolvidas tem por delegação de competências, funções e áreas de jurisdição bem definidas, mas que neste contexto, do Euro 2004, seria imperativo promover a cooperação de modo a que fosse possível dar uma resposta eficaz a todo o tipo de eventuais ocorrências.

A dimensão do evento, segundo o Secretário de Estado da Administração Interna, o maior alguma vez realizado em Portugal, quer pelo tempo de duração, quer pela extensão, que em termos geográficos abrangeu a quase totalidade do território nacional, por vezes com ocorrências simultâneas (nos dias em que se verificou a realização de mais do que um jogo), quer ainda pelo número de envolvidos nesta operação de segurança, implicou um grande empenho e envolvimento de todos os recursos humanos que nela participaram.

Esta missão exigiu uma forte mobilização e motivação, o que fomentou a necessidade de trabalhar intensamente as questões comunicacionais dentro das próprias instituições, situação cujo relatório CSEURO2004 nos dá conta do seguinte modo: “Em resultado deste modelo complexo de organização, a existência de um dos mais elevados rácios polícia/cidadão, a atingir um valor de 1/210, num total de aproximadamente 50.000 elementos com funções policiais. Deste valor global, estima-se que cerca de metade fossem diretamente envolvidos no torneio, ficando os restantes afetos a funções de apoio de retaguarda e outras funções de policiamento geral. Para que os recursos humanos pudessem estar disponíveis na sua máxima força, não foi permitido o gozo de licenças de férias, durante o período do torneio” (CSEURO2004,2004:4).

Em termos de comunicação para o exterior, a imagem projetada de Portugal gozava de um estatuto privilegiado, ou seja, “havia que ter presente o facto de o nosso país apresentar, nas últimas décadas, um relativamente baixo rácio de incidentes em jogos de futebol (0,036 por jogo, na época 2002/2003), no contexto europeu, registando fenómenos de violência perfeitamente localizados. Acresce a este ambiente favorável uma longa experiência no policiamento de jogos de dimensão internacional, designadamente, nas competições europeias de futebol” (CSEURO2004, 2004: 5).

Os restantes aspetos constantes neste ponto, em conjunto com os que acabamos de transcrever, formaram o contexto que deu lugar à formulação do conceito de segurança a aplicar e permitiu elaborar o planeamento, do qual a expressão final foi o Plano Global de Segurança.

A fase final do UEFA EURO 2004 iria ter lugar em Portugal entre os dias 12 de junho e 4 de julho de 2004⁴².

Por considerarmos ser vital para a compreensão desta dissertação a referência detalhada do contexto, transcrevemos conforme é descrito no relatório da Comissão de Segurança:

“Os jogos decorreriam em 10 Estádios, localizados, na sua maioria, em grandes cidades do litoral. Em termos de lotação, os Estádios dividiam-se em três grandes grupos: o Estádio da Luz, com cerca de 65 000 lugares; os estádios do Dragão e Alvalade XXI, com cerca de 50 000 lugares; e os restantes com aproximadamente 30 000 lugares. Cada um destes estádios foi concebido com as necessárias infraestruturas de segurança, dotado e equipado com sistemas evoluídos de controlo de acessos, de videovigilância, de controlo de intrusão, de som, de comunicações e de informação.

Nesta fase final do Campeonato, participaram, além da seleção de Portugal, enquanto país organizador, as 15 equipas que previamente se haviam qualificado: Alemanha, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Letónia, países-Baixos, República checa, Rússia, Suécia e Suíça.

Conforme o calendário aprovado, apenas se realizariam, na fase de grupos, dois jogos por dia e em cidades diferentes.

Pela primeira vez em torneios como este, foi entendimento das autoridades portuguesas e do organizador que os resultados do sorteio final deveriam ser ponderados tendo por base as superiores razões de segurança. Por este motivo, dois jogos considerados de mais elevado risco foram transferidos para estádios e cidades que garantiam melhores condições de segurança. Foram os casos do Alemanha - Holanda, que passou do estádio de Aveiro para o Estádio do Dragão; e o Inglaterra – Croácia, que transitou de Coimbra para o Estádio da Luz.

O evento iria decorrer numa época do ano que se previa particularmente amena, com temperaturas agradáveis, coincidente com o início do grande fluxo turístico estival e com as festas populares”⁴³.

O relatório ainda refere a conjuntura internacional e a ameaça terrorista, bem como a vinda de adeptos estrangeiros, por vezes associada ao fenómeno do *hooliganismo*:

“Tendo em conta a localização periférica de Portugal relativamente aos países participantes, as estadias dos adeptos estrangeiros seriam, de um modo geral, mais prolongadas que o habitual nestes torneios, intercalando períodos de turismo pelo país com a assistência aos jogos, numa permanência média estimada em quatro dias.

⁴² cf. Anexo V

⁴³ Cf. CSEURO2004, 2004: 5

A acrescentar a estas condições favoráveis, também seria determinante o relativamente elevado sentimento de segurança das populações, associado a um baixo índice de criminalidade violenta ou altamente organizada, nomeadamente a ausência de atos de terrorismo.

Não obstante, atentas as características do evento e considerando as experiências anteriores no continente europeu, era previsível que alguns grupos de adeptos pudessem evidenciar comportamentos violentos, não só no interior como no exterior dos recintos desportivos, designadamente, nas zonas de lazer das cidades.

Do mesmo modo, e face à grande mediatização deste evento – o terceiro maior, a nível mundial, logo a seguir aos Jogos Olímpicos e à fase final do Campeonato do Mundo de Futebol, era previsível a ocorrência de manifestações ou de outras formas de protesto, com motivações políticas ou sociais.

Além disso, a situação de instabilidade internacional, conjugada com a participação de Portugal no conflito do Iraque e no Afeganistão, aumentavam as preocupações relativamente à segurança deste evento.

Estimava-se, também, um grande número de deslocações de grupos de adeptos estrangeiros ao longo do território nacional, tendo em conta as curtas distâncias – tempo entre os locais de alojamento e os estádios onde as respetivas seleções iriam jogar ⁴⁴.

Assim, segundo o relatório, os conceitos utilizados foram consolidados a partir das experiências e estudos que antecederam este evento e com base nas premissas conjunturais que acabámos de apresentar.

2.1.1 Conceito geral de segurança no Euro 2004

Ao abordar a temática da segurança⁴⁵, entramos num domínio muito específico do qual assumimos, à partida, não dominar todos os códigos e significados. Nesse sentido, para tornar este universo tangível, é necessário que seja feita uma aproximação ao contexto específico que envolveu toda a estratégia e preparação da fase final do Campeonato Europeu de Futebol que se realizou em Portugal e aos conceitos utilizados pelos responsáveis, ou seja, aqueles que se constituíram como axiomas para o planeamento que foi enunciado tanto ao nível político, como ao nível operacional e que, em muitas ocasiões, entrou em dissonância com o discurso mediático.

O conceito de segurança preconizado e desenvolvido pela CSEURO2004, com o contributo de todas as forças e serviços de segurança nela representados foi apresentado pela primeira vez na Diretiva Preliminar⁴⁶, mas só conheceu a sua forma definitiva no Plano Global de Segurança,

⁴⁴ Cf. CSEURO2004,2004:6

⁴⁵ Segurança no âmbito da preparação de eventos de grande dimensão.

⁴⁶Segundo o relatório da Comissão de Segurança, esta diretiva preliminar, aprovada por despacho do Secretário de Estado da Administração Interna, de 5 de maio de 2003, definia as orientações gerais relativas à segurança (CSEURO2004, 2004:16).

cuja missão geral era garantir a segurança e a proteção dos eventos, acautelando não só a integridade física das pessoas e a proteção dos bens e das instalações, mas também proporcionar um ambiente de concórdia e bem-estar.

Segundo a Comissão de Segurança do EURO 2004⁴⁷, o conceito geral de segurança assentou essencialmente em quatro linhas, representativas das quatro vertentes por ele enunciadas, cuja responsabilidade e definição foram expressas do seguinte modo:

“1- **Segurança Pública**, da responsabilidade do Estado Português, no cumprimento da sua missão de garante da proteção de pessoas e bens em todo o território nacional, exercida pelas forças, serviços e organismos de segurança, com a colaboração da proteção civil;

2- **Segurança Privada**, da responsabilidade do organizador/promotor do evento, neste caso da Federação Portuguesa de Futebol através da Euro 2004, S.A, cuja ação incide prioritariamente no interior do perímetro de segurança dos estádios, especialmente através dos assistentes de recinto desportivo (ARD ou *stewards*);

3- **Segurança passiva**, assegurando não só condições adequadas que previnam ou minimizem a ocorrência de acidentes, bem como as disposições próprias para atenuar os seus efeitos, incluindo o controlo de situações de emergência, da responsabilidade do Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil e do INEM;

4- **Segurança estrutural e tecnológica**, abrangendo as disposições sobre os aspetos construtivos dos estádios, associados, designadamente, ao dimensionamento, localização e natureza das estruturas físicas, bem como aos dispositivos tecnológicos necessários à segurança, gestão dos fluxos de acesso e escoamento, assim como à acomodação dos espectadores, da responsabilidade da Portugal 2004, S.A.”⁴⁸

No que diz respeito à implementação destas vertentes de segurança, em termos territoriais, “a nível regional e local, a coordenação entre Forças e Serviços de Segurança deveria ser assegurada, quando necessário, pelos Gabinetes Coordenadores de Segurança Distritais presididos pelos respetivos governadores civis”⁴⁹, ficando a coordenação da Segurança pública, nível local, a cargo “do comandante da Força de Segurança territorialmente competente, quando ajuizava da sua utilidade e fazendo apelo ao dever de cooperação”⁵⁰.

Estes conceitos de segurança, estruturados em função das necessidades e dos objetivos concretos, constituintes do Plano Global de Segurança, que preconizavam o conceito de “Desporto em Ambiente de Festa”⁵¹, que viesse a contrariar o ambiente internacional que associava os eventos desportivos desta natureza à violência, exigiam, por um lado, suporte legal ajustado à circunstância (do qual não nos ocupamos no âmbito desta investigação, mas que pontualmente teremos de referir) e, por outro lado, a consciência e a integração de uma política de comunicação em três níveis diferentes, a saber:

⁴⁷ Relatório final da Comissão de Segurança do EURO 2004:15

⁴⁸ *Idem*

⁴⁹ *Idem*

⁵⁰ *Idem*

⁵¹ Relatório EURO2004 – Secretaria de Estado da Administração Interna que não apresentamos em anexo por ser um documento reservado.

- Comunicação Interna, no âmbito da Comissão Coordenadora de Segurança que congregou todos os serviços e forças de segurança;

- Cooperação Internacional, que promoveu a coordenação com outros Estados e a troca de informação através da estreita cooperação entre forças de segurança e serviços de informação;

- Comunicação Externa, no que ao relacionamento com a população em geral diz respeito, através da relação com os *media* e que promoveu a formação da opinião pública⁵² relativamente a este evento, tendo sido definida uma “Política de Comunicação Social” que, por sua vez, contemplava três níveis de comunicação:

1- Político, centrado na Secretaria de Estado da Administração Interna⁵³;

2- Estratégico/Operacional, centrado no Coordenador Geral do Gabinete Coordenador de Segurança;

3- Factual, segundo orientação dos comandos das Forças de Segurança⁵⁴, PSP e GNR.

A confluência de objetivos viria a permitir a introdução dos novos procedimentos e a capacidade de gerar confiança e serenidade junto dos *media* e da opinião pública.

Nuno Magalhães salienta a importância do fator psicológico no sentimento de segurança, que só se consegue induzir através do “envolvimento com a comunicação social e com a população em geral”(2016:11)⁵⁵.

Um “clima de proximidade” que, segundo o General Leonel Silva Carvalho, se revelou da maior importância, considerando que “na Política de Comunicação Social para o Euro 2004, havia o nível político, naturalmente, (...) e depois a gestão de informação genérica com a atuação de segurança propriamente dita”(2017: 99)⁵⁶.

Neste contexto, a questão da comunicação e da relação entre os *media* e poder político, ou seja, entre jornalistas e fontes, é determinante para o processo de formação da opinião pública,

⁵² “A opinião pública manifesta-se como uma estrutura formada por temas institucionalizados, obedecendo a uma valoração de relevância por parte dos meios de comunicação de massas em função das necessidades do sistema político” (Luhmann *Apud* Saperas, 2000: 91).

⁵³ “As linhas gerais da política de relacionamento com os órgãos de comunicação social seriam fixadas pelo senhor Secretário de Estado da Administração interna” (CSEURO2004,2004: 35).

⁵⁴ “Cada força e serviço de segurança poderia prestar informação aos órgãos de comunicação social, no restrito âmbito técnico do policiamento à sua responsabilidade, e de acordo com a sua própria política de comunicação”. (*Idem*)

⁵⁵ *cf.* Anexo I

⁵⁶ *cf.* Anexo II

enquanto “unidades estruturantes” no quadro de uma sociedade complexa (Luhmann, 2001) enquanto representantes de dois dos subsistemas cada um assumindo a sua dimensão funcional, numa relação complexa cujo resultado é a estruturação da opinião pública em função dos temas selecionados e veiculados.

Conteúdos veiculados, sob a forma de notícias, que são, segundo Traquina “o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (Traquina *Apud* Lopes, 2017: 46-47), filtrados através de valores-notícia que, como vamos ver no ponto seguinte, são parte ativa na construção da realidade.

2.2 - EURO 2004 e os valores-notícia

Um acontecimento para ser/ter valor-notícia tem de preencher uma série de requisitos, ou fatores de noticiabilidade⁵⁷, critérios de seleção que permitam que seja ou não considerado notícia em detrimento de outros que com ele concorram pelo mesmo espaço mediático e, deste modo, adquirir relevância pública.

Assim, a comunicação social tem, também, esta função de *tematizar*⁵⁸, através dos *gatekeepers*⁵⁹ e pela consolidação de agendas (*Agenda-setting*)⁶⁰: fazem a seleção dos temas e a triagem do que acontece segundo critérios específicos, os valores-notícia⁶¹, suficientemente flexíveis para se poderem adaptar à imprevisibilidade e à plasticidade dos diferentes

⁵⁷ “Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (*news-values*) como uma componente da noticiabilidade” (Wolf, 1995: 175)

⁵⁸ “Tematização que se define como o processo de seleção e de valorização de determinados temas de interesse introduzidos de forma contingente na opinião pública, entendida como estrutura temática contingente, que reduz a complexidade social nos diversos subsistemas ou sistemas parciais em que opera (...) a tematização deve ser enquadrada no que denominámos efeitos cognitivos da comunicação de massas, visto realizar uma ação mediadora entre indivíduos e sistemas políticos” (Saperas, 2000:94).

⁵⁹ “A capacidade dos meios de comunicação para produzirem mudanças através dos efeitos cognitivos pode ser atribuída ao permanente processo de seleção realizado pelos “Gatekeeper” nos *media*, os quais, em primeiro lugar, determinam que acontecimentos são jornalisticamente interessantes e quais não são” (Saperas, 2000: 574).

⁶⁰ “A ideia básica de *Agenda-Setting* afirma a existência de uma relação direta e causal entre o conteúdo da agenda dos *media* e a subsequente percepção pública de quais são os temas importantes do dia” (Saperas, 2000: 56).

⁶¹ “Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído” (Golding- Elliott *Apud* Wolf, 1995: 176).

acontecimentos e de estabelecer a agenda mediática, influenciando a percepção pública daquilo que é relevante e estruturante.

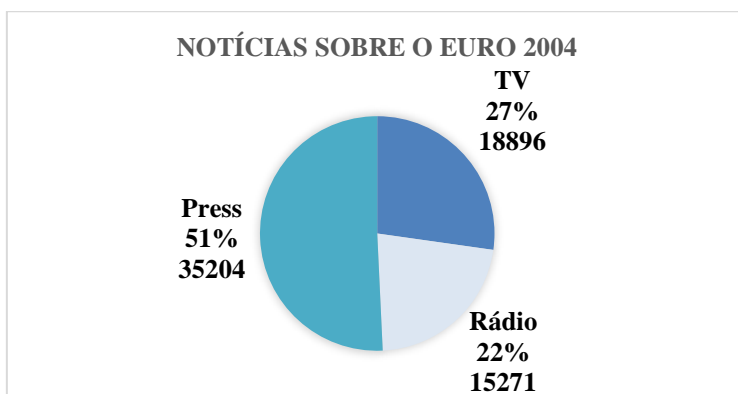
Para o efeito existem tipologias de valores-notícia elaboradas por diversos autores como Bond (1954); Chaparro (1994); Erbolato (1991); Galtung e Ruge(1965); Gans (1980); Golding-Elliot (1979); Hetherington (1985); Lage (2001); Lippman (1922); Shoemaker et al. (1991); Stieler (1695); Warren (1968) e Wolff (1999), as quais partilham critérios numa tabela operacional⁶², que convergem em grupos de critérios elencados por Gisele Silva na proposta de uma nova tabela de valores-notícia para agilizar a análise dos acontecimentos noticiáveis / noticiados (2005:13-14), os quais seriam agrupados nas seguintes categorias:

- 1- Impacto; Número de pessoas envolvidas (no facto); Número de pessoas afetadas (pelo facto); Grandes quantias (dinheiro);
- 2- Proeminência; Notoriedade; Celebridade; Posição hierárquica; Elite (indivíduo, instituição, país); Sucesso / Herói;
- 3- Conflito; Guerra; Rivalidade; Disputa; Briga; Greve; Reivindicação;
- 4- Entretenimento/Curiosidade; Aventura; Divertimento; Desporto; Comemoração;
- 5- Polémica; Controvérsia; Escândalo;
- 6- Conhecimento/cultura; descobertas; invenções; pesquisas; progresso; atividades e valores; culturais; religião;
- 7- Raridade; incomum; original; inusitado;
- 8- Proximidade geográfica; cultural;
- 9- Surpresa; inesperado;
- 10- Governo; interesse nacional; decisões e medidas; inaugurações; eleições; viagens; pronunciamentos;
- 11- Tragédia/drama, catástrofe; acidente; risco de morte e morte; violência / crime; suspense; emoção; interesse humano;
- 12- Justiça; julgamentos; denúncias; investigações; apreensões e decisões judiciais.

⁶² “Tabela operacional que contemple não só o consenso entre os atributos listados pelos diversos autores como também a inclusão de outros que por precisão e originalidade possam contribuir para análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados. Um primeiro procedimento necessário, de acordo com o conceito de valores-notícia adotado aqui nesse artigo, é separar atributos que funcionam mais como macro-valores-notícia ou pré-requisitos para qualquer seleção jornalística” (Silva, 2005:11-12).

Posto isto, podemos perguntar o que fez do Euro 2004 notícia em Portugal 69.371 vezes ⁶³, entre 1 de dezembro de 2003 e 11 de julho de 2004. Este universo de notícias distribuiu-se pelos meios imprensa, rádio e televisão, sendo a imprensa a responsável pelo maior número de notícias com 35.204 títulos (50,7%), seguida da televisão com 18.896 notícias (27,2%) e da rádio com 15.271 (22%).

Figura 4 -Distribuição de notícias por meio Euro 2004



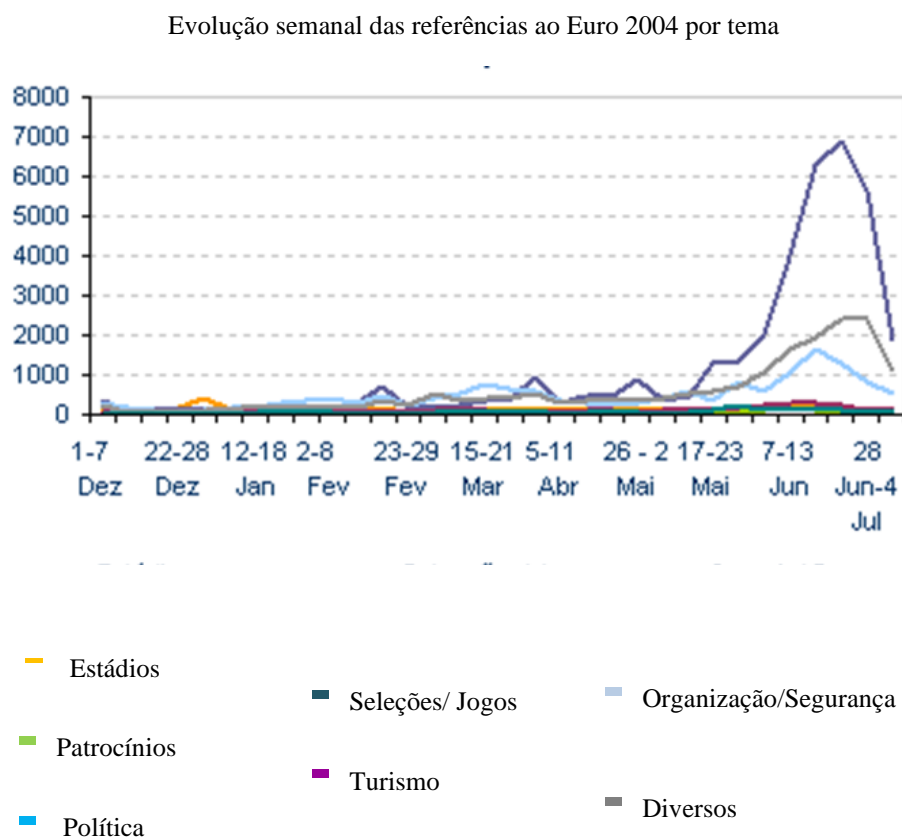
Fonte: Media Monitor

Os temas abordados dividiram-se entre as questões relacionadas com a seleção e os jogos, a organização e a segurança, sendo que a evolução da incidência destes temas no tempo difere conforme se desenvolvem os diferentes períodos (antes, durante e depois do campeonato) e de acordo com a hipótese levantada no âmbito deste trabalho. Começou por suscitar interesse a questão da construção dos estádios, para dar lugar às questões da organização e segurança que, com o evoluir do campeonato, se diluem para dar lugar às notícias sobre os jogos e sobre a seleção. Assim: “O tema seleções/jogos foi o mais abordado nestas notícias: 53.5% delas referiram-no, num total de 37.128 peças. A organização/segurança foi o segundo tema mais referido, por 15.348 notícias, 22.1% do total. Assuntos diversos relacionados com o Euro foram ainda motivo de 18.705 peças (27% do total). Inicialmente, o tema mais abordado nas notícias referia-se à questão dos estádios, que teve especial incidência logo no início deste ano. Seguidamente, foram as questões relacionadas com a organização/segurança as que motivaram as notícias. Este tema era, no entanto, sempre ultrapassado pelo das seleções/jogos, sempre que a equipa portuguesa fazia um jogo de preparação para o Euro. Com o início do Campeonato, as notícias dispararam, atingindo um máximo de 7.260 na semana que decorreu entre 21 e 27 de junho, a penúltima semana do Campeonato. O tema dominante passa a ser este das

⁶³ Fonte Media Monitor- Marktest. Disponível em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~54f.aspx> [Consultado em 10/11/2017]

seleções/jogos, que atingiu, durante o período do Campeonato, um total de 24.655 notícias divulgadas sobre o Euro”⁶⁴. Também foram abordados temas como os patrocínios, o turismo e muitos outros menos relevantes que foram agrupados na categoria “diversos”, como podemos perceber através da seguinte figura⁶⁵.

Figura 5 - Distribuição de notícias por temas- 1 de dezembro de 2003 a 4 de julho de 2004



Idem

Além da atualidade e da relevância⁶⁶, o Euro 2004 foi um acontecimento anunciado, com um tempo de preparação que permitiu a produção de notícias de antecipação, no âmbito deste processo, das tarefas concretas e da sua execução nas diferentes fases. Assim, cada tarefa, por si só, constituiu uma oportunidade de ser notícia e constituiu um terreno fértil para todas as

⁶⁴ (*Idem*)

⁶⁵ A informação tem como base os serviços de *clipping* e *telenews* da MediaMonitor.

⁶⁶ *cf.* Anexo X- 12 - Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2004, de 9 de março: “A fase final do Campeonato Europeu de Futebol de 2004, evento de reconhecido interesse nacional, permitirá uma projeção internacional de Portugal jamais alcançada por nenhum outro acontecimento desportivo realizado no nosso país. Para acolher esse evento, foi implementada uma estrutura de trabalho que passou pela criação de diferentes entidades”.

resistências (valor conflito) dos que queriam tirar vantagens e dos que pretendiam manter o *status quo*.

Segundo a reportagem da jornalista Ana Tomás Ribeiro, “Contagem decrescente”⁶⁷, publicada na revista *Visão* de 12 de junho de 2003, “a 12 de junho de 2004, precisamente de hoje a um ano, às cinco da tarde, será dado o pontapé de saída do Campeonato Europeu de Futebol que, durante três semanas, se vai realizar em dez estádios portugueses. Hoje, à mesma hora (...) será feito um balanço do que está realizado e do muito que ainda falta concretizar”.

Este fenómeno de impacto na audiência e de envolvimento de todos os subsistemas sociais implicados poderá ser explicado por aquilo que o sociólogo António Silva e Costa defendeu em Braga, no âmbito do V Congresso Português de Sociologia⁶⁸, ao afirmar que o Euro 2004 “foi verdadeiramente uma vitória. É, provavelmente, o acontecimento mais importante que o país tem desde os Descobrimentos”. O investigador foi corroborado por Salomé Marivoet⁶⁹ que, na mesma ocasião, acrescenta: “Portugal consegue, graças ao Euro, ser o centro da Europa e do Mundo. Vão estar milhões de pessoas atentas ao que se passa cá”. Ao mesmo tempo, fez a advertência para a importância da organização e da segurança para o sucesso do evento nos seguintes termos:” mas é preciso que as coisas corram bem, sobretudo na organização, para que não haja publicidade negativa”. A informação é publicada no jornal *Público*⁷⁰, a 14 de maio de 2004.

No que diz respeito à proximidade, não só estamos a falar do terceiro evento desportivo mais relevante, a nível mundial, que aconteceu em Portugal, como estamos a falar num evento que teve impacto em quase todo o território nacional, com dez estádios de Norte a Sul do país. Também a proximidade afetiva fez a diferença nesta matéria, uma vez que o Euro 2004 foi considerado o Campeonato Europeu de Futebol mais visto de sempre, superando em audiências o Mundial de 2006 e o Euro 2008, por ter sido “realizado em casa” e pela “razão do coração”⁷¹, com 3,8 milhões de pessoas a assistir ao Portugal-Holanda.

Também se justifica a noticiabilidade do evento pelo impacto e o interesse nacional em vários setores de atividade implicados na preparação e no acolhimento de espectadores e turistas, tal

⁶⁷ *Visão* – 12 de junho de 2003:108

⁶⁸ V Congresso Português de Sociologia | Sociedades Contemporâneas, Reflexividade e Ação |Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 12 a 15 de maio de 2004

⁶⁹ Doutorada, mestre e licenciada em Sociologia pelo ISCTE-IUL, atualmente investigadora do CIES

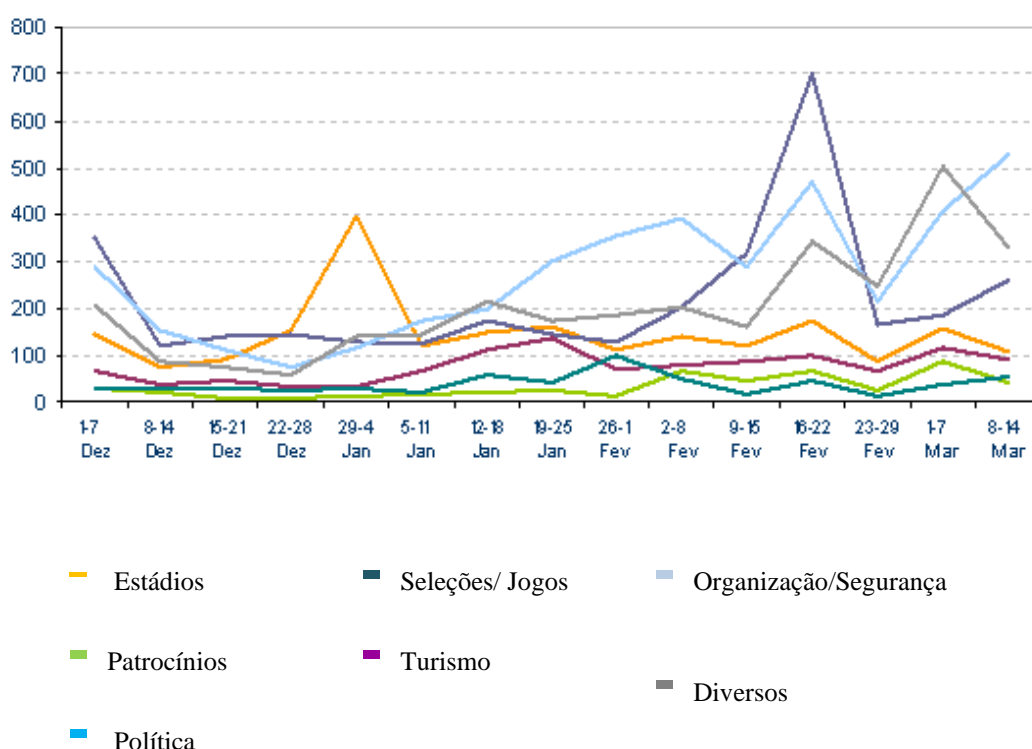
⁷⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/05/14/desporto/noticia/euro-2004-o-acontecimento-mais-importante-desde-os-descobrimentos-1193828> [Consultado em 8/05/2017]

⁷¹ *Diário de Notícias* - 25 de junho de 2008:60

como a nossa capacidade interna de concretizar, cumprir prazos, planear e operacionalizar uma operação de segurança de proporções inéditas para Portugal, num momento particularmente difícil, depois do atentado terrorista de 11 de setembro, mais tarde agravado pelo 11 de março em Madrid.

Como podemos verificar no gráfico seguinte, o tema da segurança, que se manteve na “ordem do dia” durante um longo período de tempo, assumiu uma especial relevância na sequência dos atentados terroristas que ocorreram a 11 de março em Madrid, ocupando 46% das notícias sobre o Euro 2004.

Figura 6 - após 11 de março de 2004



Fonte: *Idem*

Segundo o jornal *Expresso*, o Euro-2004 poderia ser um “alvo preferencial de eventuais ações terroristas em Portugal (...) A circunstância dos terroristas terem uma especial apetência por ações de grande impacto e visibilidade internacional é o elemento que faz incidir a preocupação das fontes contactadas na realização em Portugal (...) Segurança é ineficaz embora nenhum País esteja imune ou seja capaz de evitar ações terroristas, conforme se prova pelo ataque ao *World Trade Center* de Nova Iorque e ao Pentágono, Portugal está particularmente vulnerável. A nossa

organização de segurança é muito pouco eficiente, tem muito poucos meios e é muito pouco credível"⁷²

Em relação aos valores-notícia relativos ao protagonismo dos intervenientes, políticos e desportistas, e ao interesse do público, medido em "muitas consultas de opinião, constatava-se o interesse e a vontade deste acontecimento. Expressão feliz dessa vontade e entusiasmo esteve perfeitamente ilustrada no logotipo humano que se realizou no Estádio Nacional. Além de ter sido o maior do mundo, vem no *Guinness*"⁷³.

Em termos de espectadores, a contabilidade ascendeu a cerca de 1 milhão de espectadores, dos quais cerca de 600.000 estrangeiros, com uma média de assistência de 35.000 espectadores por jogo, o que satisfaz o critério do impacto, tanto no número de pessoas envolvidas direta ou indiretamente. Também é relevante o impacto económico, se considerarmos o investimento na construção dos estádios, as obras nas infraestruturas envolventes e com material e equipamentos atribuídos às forças e serviços de segurança⁷⁴ e com equipamento no âmbito da urgência médica⁷⁵.

Por fim, a concorrência, com 8.500 jornalistas acreditados e cerca de 200 estações de televisão presentes (como já referimos). Segundo a EBS, empresa responsável pela transmissão de sinal, os jogos do Campeonato Europeu de Futebol foram "difundidos para mais de cem países, em todo o Mundo" o que fez deste evento "a maior janela alguma vez aberta para Portugal".⁷⁶

Consciente da relevância do evento, a Alta Autoridade para a Comunicação Social, a 24 de Fevereiro de 2004 em reunião plenária, emitiu uma deliberação sobre os problemas suscitados pela cobertura mediática do Euro 2004 na qual reconhece a importância do mesmo em termos mediáticos da seguinte forma: " Sendo a organização do Euro 2004 uma importante iniciativa com incidências em praticamente todos os setores da vida nacional, inevitavelmente seria que também no campo dos *media* aquele evento suscitasse problemas de enquadramento e coordenação a exigir tratamento adequado"⁷⁷.

⁷² Expresso de 8 de fevereiro de 2003:12

⁷³ Público de 7 de julho de 2004:34

⁷⁴ "Atribuído pelo Ministério da Administração Interna, ascendeu a €16.500.000" (CSEURO,2005:50).

⁷⁵ "O valor total cifrou-se em €2.000.000" (*Idem*).

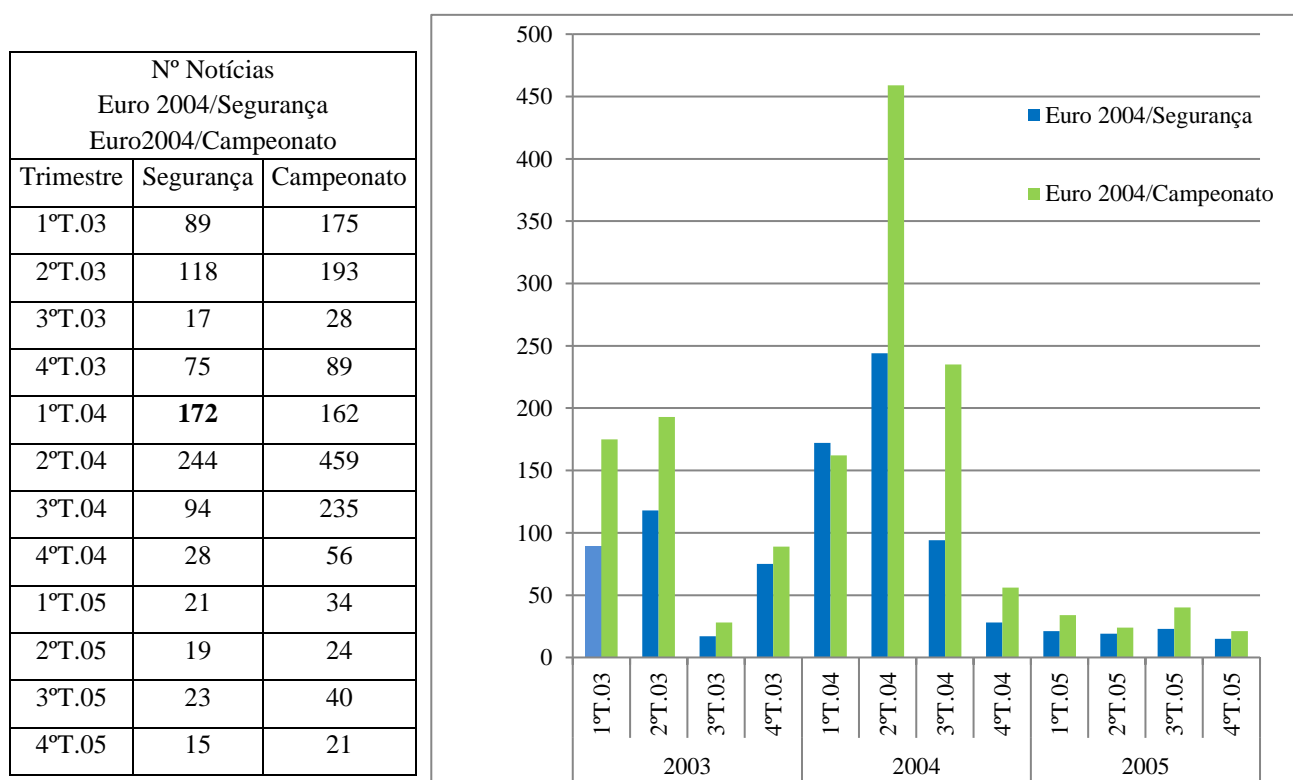
⁷⁶ *Visão* de 9 de junho de 2004:10

⁷⁷ C.f Anexo VI

2.3 - EURO 2004 na Imprensa Escrita

Após a verificação do valor noticioso deste evento, optámos pela análise da imprensa escrita, por ser o meio que produziu um maior número de notícias sobre o tema. De seguida, antes ainda de definir o *corpus* da amostra que deu origem ao mapa semântico em análise, sentimos a necessidade de ter uma perspetiva da totalidade das notícias que foram produzidas em torno do Euro 2004 e quais os títulos que se dedicaram mais ao Euro 2004 no tema segurança. Para o efeito, recorreremos à análise quantitativa com o objetivo de aferir o impacto na imprensa escrita no período em análise, ou seja, entre março de 2003 e março de 2005, considerando três fases diferentes: antes do campeonato, de março de 2003 a 11 de junho de 2004 (*t1*); durante o campeonato, de 12 de junho de 2004 a 4 de julho de 2004 (*t2*); depois do campeonato, de 5 de julho de 2004 a março de 2005 (*t3*).

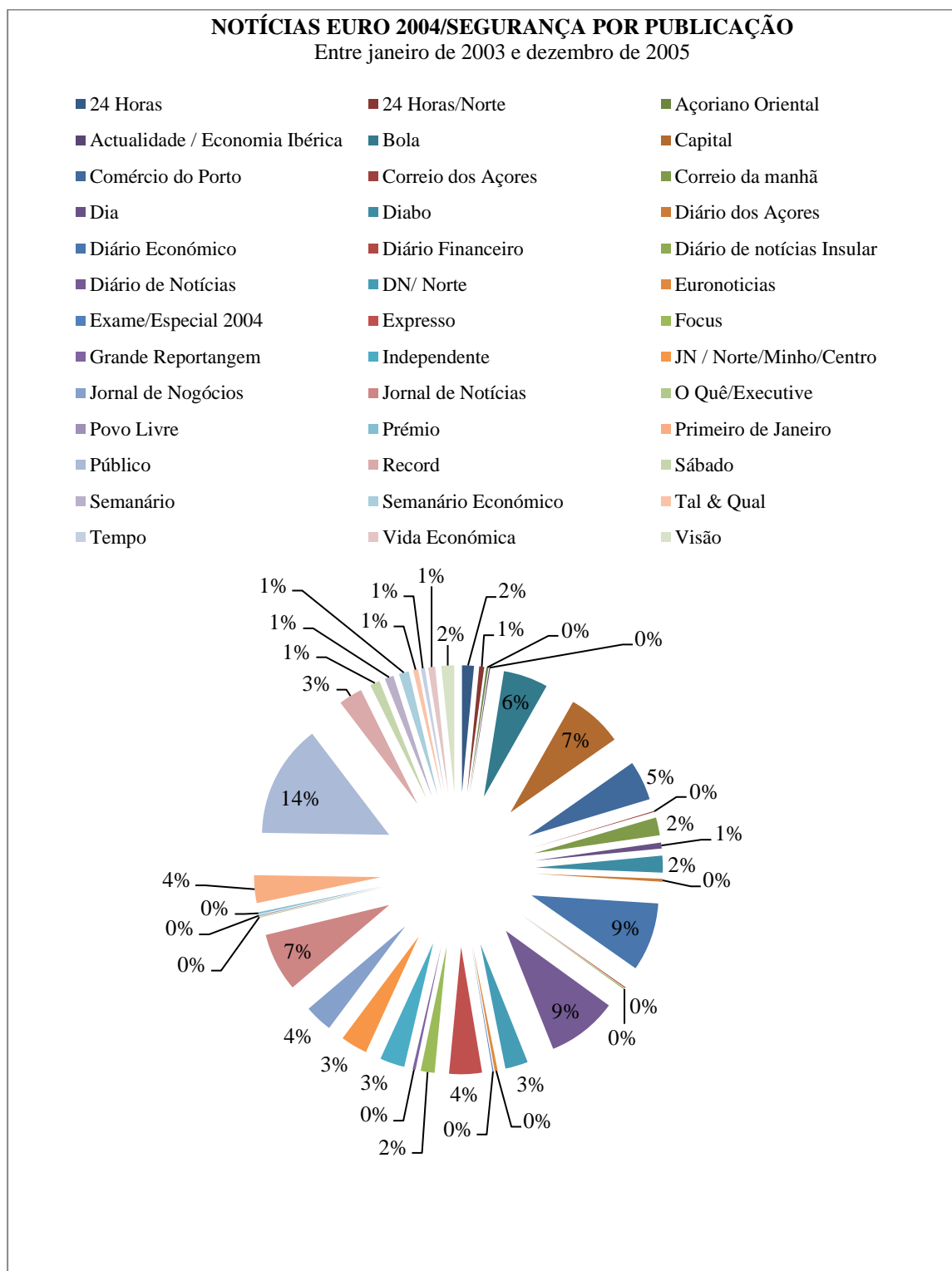
Figura 7 - Comparação do nº de notícias sobre segurança e campeonato



Esta pesquisa está centrada na análise da imprensa escrita, na medida em que foi o meio que veiculou uma maior percentagem de notícias referentes ao EURO 2004.

Assim, como podemos verificar na figura 8, durante este período, entre janeiro de 2003 e março de 2005, houve 41 publicações que se dedicaram ao tema Euro 2004/segurança.

Figura 8 - N.º. de notícias por OCS - Antes, durante e depois do campeonato

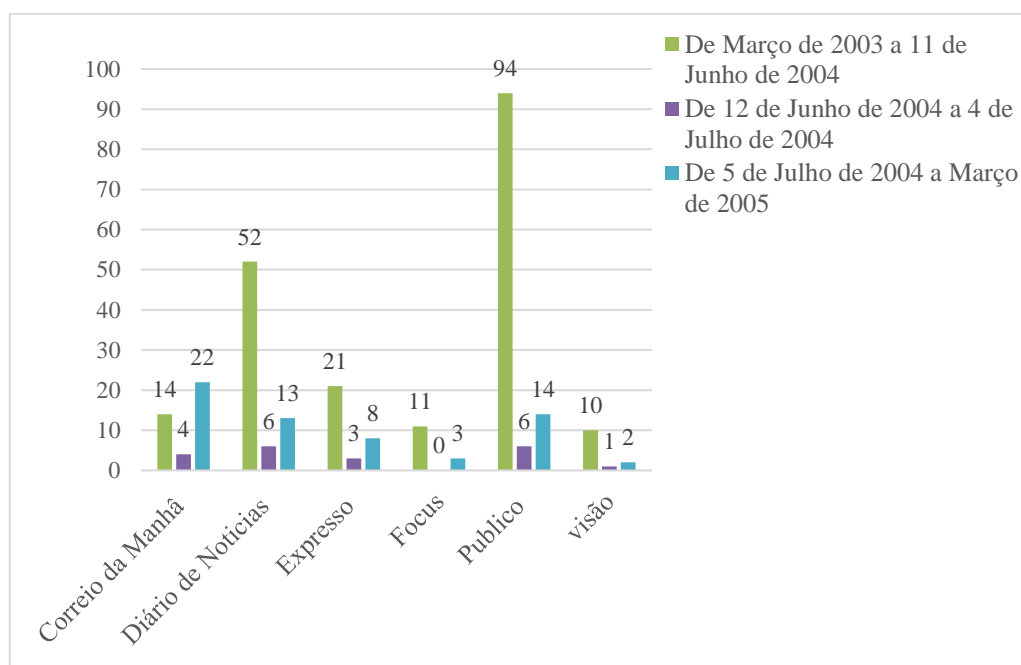


Idem

Entre os diferentes órgãos de comunicação social (OCS), encontramos jornais diários, semanários, desportivos, imprensa especializada e revistas. Alguns destes títulos, como a *Capital*, o *Independente* e a revista *Focus*, foram, entretanto, extintos.

O jornal que mais vezes se dedicou ao tema foi o *Público*, seguido do *Diário de Notícias*, *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Visão* e *Focus*. Com exceção do *Correio da Manhã*, todas as outras publicações registam um maior número de artigos no período que antecede o campeonato, os quais, em termos de análise semântica, se encontram na fase do “medo”, da “desconfiança”, o que vai ao encontro da hipótese levantada que preconizava o abandono do tema “segurança” à medida que o campeonato fosse decorrendo para dar lugar à “festa”.

Figura 9 - Distribuição das notícias por OCS - Antes, durante e depois do campeonato



Idem

Verificamos também o interesse das publicações regionais e das diferentes edições dos jornais nacionais, o que denota o interesse e o impacto do evento a nível nacional como também o efeito da proximidade⁷⁸ uma vez que os jogos de Campeonato Europeu de Futebol tiveram lugar em quase todos os distritos do território continental.

Sendo o Euro 2004 um evento do mundo do desporto, foi alvo da atenção dos diversos periódicos, saltando das páginas do Desporto para a editoria de Sociedade, sendo o tema

⁷⁸ Enquanto critério de noticiabilidade.

acompanhado por jornalistas que habitualmente tratavam de questões relacionadas com a Defesa, Administração Interna ou até mesmo da sessão Política, sempre que o ângulo de abordagem foi a segurança. Do mesmo modo, a tema segurança foi amplamente tratado pelos títulos desportivos, com destaque para *A Bola* e o *Record*.

2.4 - EURO 2004 – O trajeto ontológico de um ícone – *Frame a frame*

Esta pesquisa parte da premissa que o Campeonato Europeu de Futebol, UEFA Euro 2004⁷⁹ constituiu um fator de desequilíbrio na sociedade portuguesa, enquanto sistema⁸⁰, na medida em que veio contrariar a tendência de *não – inscrição*⁸¹ que segundo José Gil “é o que acontece em Portugal. Na verdade, não se pode afirmar em absoluto que Portugal seja «o país da não-inscrição». Porque se arranjam álibis para não inscrever, criam-se simulacros de inscrições – para que tudo ficasse num meio-termo indefinido, e para que os portugueses se convencessem de que estavam a inscrever quando estavam precisamente a fugir à inscrição” (Gil,2005:50), o que arrancou o país da sua rotina e o catapultou para o centro dos olhares do mundo, obrigando-nos deste modo a pôr de lado a nossa “pequenez”⁸², ao mesmo tempo que provocou um sentimento de medo, insegurança, incredibilidade e reações por parte dos representantes de cada subsistema.

⁷⁹ Ao abordar o Euro2004, no âmbito deste trabalho, é importante referir que em momento algum se procede à análise de aspetos relacionados com a organização do evento, promoção do mesmo ou aspetos do foro desportivo, mas sim e exclusivamente às questões diretamente relacionadas com os discursos produzidos no âmbito da segurança do evento. Podemos, no entanto, em determinados momentos, aludir aos outros aspetos por mera necessidade de contextualização.

⁸⁰ A teoria dos sistemas formulou esta ideia do seguinte modo: o que se observa num lugar e de um lugar pode ser observado de outro modo noutros lugares de outros lugares (Innerarity, 2006: 148).

⁸¹ Segundo Gil, a inscrição é um acontecimento, na medida em que “inscrever-se significa, pois, produzir real. É no real que um ato se inscreve porque abre o real a outro real. Não há inscrição imaginária e a inscrição simbólica (apesar do que pretende a psicanálise) não faz mais do que continuar a realidade já construída. Quando o desejo não se transforma, o acontecimento não nasce, e nada se inscreve” (2005:48,49).

⁸² “O português revê-se no pequeno, vive no pequeno, abriga-se e reconforta-se no pequeno: pequenos prazeres, pequenos amores, pequenas viagens, pequenas ideias (“pistas” ... que se abrem aos milhares a cada pequeno ensaio). Mais, a pulsão do pequeno dá ensejo à formação de pequenos mundos afetivos em que as relações simbióticas se desenvolvem com uma força extraordinária. (...) A pequenez é a negação do excesso, e a nossa maneira de “estar certo” ou “ser certinho” - o nosso “justo meio”. Finalmente, o ser pequeno é a estratégia portuguesa de permanecer inocente, continuando criança. (...) Circular por entre pequenas coisas, investir nelas e logo desinvestir, conectar-se e a seguir desconectar-se dá a ilusão de movimento, de liberdade, de um desejar diverso, rico e múltiplo. Dá a ilusão de uma continuidade do movimento que traz consigo a inscrição de todos os presentes pontuais num tempo único (fora do tempo) como “tempo” do sentido de uma vida. Movimento realmente ilusório, pois esse saltitar de uma pequena coisa para outra não faz senão escamotear o sentido de uma inscrição que prolonga outra inscrição. (...) E assim se vai, de uma tarefa a outra, de um empreendimento a outro, de um afeto a outro, de um pensamento a outro. Sempre saltitando, em trânsito permanente para parte nenhuma. Realmente nenhuma inscrição se opera no real. Mas esse vazio não se vê, pois, a visibilidade da vida é feita de um sem número de pequenos atos, pequenas realidades, pequenas coisas” (Gil,2005: 51-53).

Ao longo deste ponto, procedemos a uma integração e referenciação da informação que advém da pesquisa qualitativa-intensiva (entrevistas e pesquisa documental) e quantitativa-extensiva (análise quantitativa) para melhor enquadrar referências e contextualizações teóricas. Assim, considerámos o desenvolvimento paralelo de três níveis, (três contextos ou subsistemas), representados pelos seus legítimos atores que enunciaram diferentes discursos⁸³, concorrentes num mesmo espaço, e se tentaram impor neste espaço público que, segundo Habermas, está em constante construção, na medida em que “nunca está definitivamente encerrado” (Habermas *Apud Innerarity* 2006: 160).

Como vimos anteriormente, podemos identificar três subsistemas que passaremos a designar por *frames*, utilizando os estudos dedicados ao enquadramento das notícias ou *framing*⁸⁴, três níveis de discurso: o *frame* mediático, enquanto reflexo das reações sociais, o *frame* político, enquanto responsável pela organização do acontecimento, e o *frame* operacional, representado pela Comissão de Segurança, enquanto coordenador das Forças e Serviços de Segurança.

Estes discursos são organizados em função daquilo que é o “quadro de referência” ou “*framework*” que cada ator representa e segundo o qual organiza a sua rotina ou vida quotidiana na qual se “apresenta a si próprio e à sua atividade perante os outros, a maneira como orienta e controla a impressão que os outros formam dele, as diferentes coisas que poderá fazer ou não fazer enquanto desempenha perante os outros o seu papel” (Goffman *Apud Gradim*, 2016: 34).

Os jornalistas questionam e dão voz às resistências, inquietudes, apreensões e à desconfiança relativa à capacidade de agir dos políticos que, por sua vez, neste contexto, são confrontados com factos consumados, ou seja, com a responsabilidade de cumprir o compromisso assumido pelo Governo: ter tudo preparado na data prevista para o início do evento. Ao mesmo tempo que têm de trabalhar nesse particular, também têm de informar e de veicular um sentimento de confiança, na sua capacidade de governação e concretização, para transmitir um sentimento de segurança.

Quanto aos atores profissionais, protagonizados pelas forças e serviços de segurança, congregados na Comissão Coordenadora de Segurança, tinham a seu cargo a operacionalização, desde a participação da conceção estratégica e elaboração dum plano de segurança até à ação no terreno.

⁸³ Salienta-se que “qualquer discurso organizado distribui de um modo imperfeito as oportunidades de se impor. (Innerarity,2006: 162)

⁸⁴ O *framing* é o modo pelo qual uma história “é escrita e produzida” (Gradim, 2016:9).

Em teoria, segundo Goffman (1974), estamos perante um “processo” que “não é perfeito nem se encontra acabado”, no qual existe “um grau de subjetividade e variabilidade grande nas molduras que podem ser empregues por diferentes sujeitos” os quais “projetam rotineiramente as suas *frames* de referência no mundo, que é o modo que empregam para organizar e compreender os fenómenos” (Goffman *Apud* Gradim, 2016: 38). Deste modo a “construção social da realidade”, enquanto facto resulta das “interações sociais dos sujeitos, quando se aproximam do consenso, que determinarão o que a realidade é num determinado contexto” (Berger e Luckman *Apud* Gradim, 2016:38).

Neste sentido, percebemos, à partida, que foi necessário fazer um esforço conjunto para concretizar todas as tarefas de organização e construir um discurso capaz de dar resposta às questões levantadas, de modo a disponibilizar informação, de forma transparente e verdadeira, para serenar os ânimos, sem que se perdesse o controlo da situação ou permitisse que o ritmo fosse marcado pelos atores mediáticos em função da sua agenda, em detrimento do que estava previsto e calendarizado na estratégia traçada pela Comissão de Segurança do Euro 2004.

Como explica, em entrevista, o General Leonel Silva Carvalho, responsável pelo Gabinete Coordenador de Segurança, além do nível político, a comunicação sobre a segurança do Euro 2004, no que respeita à “gestão da informação genérica com a atuação de segurança propriamente dita, era centralizada no coordenador geral com uma filosofia de atuação de disponibilidade e abertura, veracidade e credibilidade, serenidade do discurso” (Carvalho, 2017: 99)⁸⁵.

Também o então Secretário de Estado da Administração Interna, Nuno Magalhães, afirma: “O apelo à serenidade e à confiança nos discursos sempre foi uma estratégia de comunicação. Se o próprio responsável pela segurança não tivesse confiança, então mais ninguém teria” (Magalhães, 2016: 95)⁸⁶.

Esta consciência da importância da comunicação e da necessidade de envolver todos os atores, em especial os jornalistas pelo relevante papel que estes desempenham na mediação das mensagens e na formação da opinião pública é realçada da seguinte forma:

“Responsabilidade e cumplicidade. Gerar confiança nas pessoas, gerar cumplicidade na comunicação social e até nos partidos da oposição, gerar confiança, cooperação e

⁸⁵ cf. Anexo II

⁸⁶ cf. Anexo I

responsabilização nas Forças e Serviços de Segurança. (...) Não há grandes operações de segurança sem grandes operações de comunicação” (Magalhães, 2016: 95)⁸⁷.

Esta mensagem, que é recebida pelos jornalistas como uma função⁸⁸ na medida em que da deontologia⁸⁹ da profissão decorre o direito de ser informado e o dever de informar, procedendo à mediação entre o acontecimento e a informação (Saperas) numa lógica de construção social da realidade⁹⁰, como sublinha Valentina Marcelino: “porque nós acabamos por ser os porta-vozes dessas políticas públicas e para a sociedade ter a perceção se as coisas estão a correr melhor ou pior, a nossa mensagem acaba por ser essencial, e se não houver informação nem abertura nós não a podemos passar (...) eu acho que foi essencial, pelo menos é escrever com toda a convicção, que aquilo que estamos a escrever é a verdade, ou aquilo que achamos que é a verdade na altura” (Marcelino, 2017:111)⁹¹.

Neste dever de informar, emerge o conceito de “verdade jornalística”⁹², baseado no código deontológico, o qual, no seu artigo quarto, afirma de forma clara que o jornalista “deve utilizar meios leais para obter informações, imagens ou documentos e proibir-se de abusar da boa-fé de quem quer que seja”.

Do confronto entre diferentes discursos, percebemos que a mensagem veiculada não é um espelho de nenhum deles, mas sim o resultado de um processo de apreensão, seleção e transmissão de factos ou acontecimentos, partindo de um princípio de obtenção da verdade jornalística que será “a melhor aproximação à verdade conseguida até ao momento da sua publicação.” E que consiste “na pesquisa, recolha, verificação e confronto de dados

⁸⁷ *Idem*

⁸⁸ “Em relação à sociedade, a difusão da informação desempenha duas funções: perante as ameaças e perigos imprevistos, oferece a possibilidade de alertar os cidadãos; fornece os instrumentos para se executar certas atividades” (Wright *Apud* Wolf:60).

⁸⁹ Artigos 1º e 3º do Código Deontológico Aprovado no 4º Congresso dos Jornalistas a 15 de janeiro de 2017 e em Referendo realizado a 26, 27 e 28 de outubro de 2017.

⁹⁰ “A função social do jornalista integrou-se no estudo dos efeitos, na medida em que as teorias que tratam da construção social da realidade trouxeram novos critérios para resolver a tão debatida relação existente entre realidade e informação, entre jornalismo e acontecimento” (Saperas,2010: 51).

⁹¹ C.f. Anexo III

⁹² C.f. Código Deontológico Aprovado no 4º Congresso dos Jornalistas a 15 de janeiro de 2017: 4. O jornalista deve utilizar meios leais para obter informações, imagens ou documentos e proibir-se de abusar da boa-fé de quem quer que seja. A identificação como jornalista é a regra e outros processos só podem justificar-se por razões de incontestável interesse público e depois de verificada a impossibilidade de obtenção de informação relevante pelos processos normais. 5. O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais, assim como promover a pronta retificação das informações que se revelem inexatas ou falsas. 6. O jornalista deve recusar as práticas jornalísticas que violentem a sua consciência. Disponível em: <http://www.jornalistas.eu/?n=10011> [Consultado em: 03/01/2018]

informativos e traduz-se num relato rigoroso dos factos apurados e do seu significado, válido no momento, suscetível de posterior evolução e aprofundamento.” (Lopes, 2014: 25)

Esta estratégia de segurança, que contemplou desde o início a comunicação, previa que a evolução do interesse mediático, em termos temporais e relativamente às questões da segurança, tivesse uma evolução: um primeiro momento, no qual a segurança iria dominar o espaço mediático; um segundo, a partir do início do Campeonato a 12 de Junho de 2014 e, à medida que este se aproximasse do fim, o tema iria gradualmente perder o interesse⁹³, dando origem a uma inflexão de sentido e gerando um movimento inversamente proporcional ao da primeira fase⁹⁴.

O espaço mediático foi o palco desta estratégia, uma vez que é o local onde os meios de comunicação atuam, “não descrevem uma realidade exterior: são autores, eles próprios, num campo social de forças em que exercem influência e que neles a exerce também” (Innerarity, 2006: 95).

Podemos interpretar esta asserção de diversos ângulos, mas o que aqui importa é o processo de construção do discurso dos *media* na sua relação com a realidade e a forma como a apresentam, recortada pelo que selecionam para ser notícia ou, sendo notícia, a forma como os acontecimentos são veiculados através de um determinado ângulo de abordagem, até porque “no exercício que o jornalista faz da sua profissão, no sentido de que não lhe compete repetir acriticamente o que dizem as fontes, nem repetir os debates nos termos próprios destas, mas criar espaços plurais de diálogo e reflexão onde o máximo possível de perspetivas possa ser trazido ao espaço público e aí ser submetido a escrutínio” (Gradim 2016: 73).

É esse sistema integrado de recomposição do mundo e de reescrita do acontecimento que, de certa maneira, Innerarity nos propõe quando diz que os *media* “proporcionam a coesão social mínima (...), criam a integração comunicativa instantânea” (2010: 87-88) sem a qual, nas suas palavras, uma sociedade seria impensável de pluralismo de largo espectro-geográfico, cultural e político.

⁹³ Com exceção para alguns incidentes que pudessem ocorrer, promovendo picos de interesse muito pontuais, o que de facto veio a acontecer.

⁹⁴ Ver Figura 7 - Comparação do nº de notícias sobre segurança e campeonato.

2.5 - EURO 2004 – O grande hospedeiro

Qualquer acontecimento com uma dimensão considerável, quer pela sua importância, quer pelo número de pessoas envolvidas, suscita interesses vários, tanto no público como nos *media*. Este facto proporciona um fenómeno de interesse circular, na medida em que a mensagem veiculada pelos diferentes atores “inscreve-se num duplo registo: a representatividade alargada, abrangendo a opinião pública de uma forma generalizada, conjuga-se com a dimensão da representatividade restrita, que apenas tem em conta o universo dos seus pares (políticos, sindicalistas, jornalistas e outros)” (Mesquita, 2003: 92).

Assim, como vimos no ponto anterior, “as situações de potencial conflitualidade” que envolvem os diferentes atores criam uma tensão na narrativa, na medida em que geram um “permanente conflito quase institucionalizado entre políticos e jornalistas”⁹⁵, ou seja, é gerada uma relação de interesse que concentra o foco das atenções num acontecimento, o que resulta num maior impacto do acontecimento, o que provoca um aumento exponencial do interesse por parte do público. Assim, percebemos que, além do fenómeno de exposição e percepção seletivas das mensagens (Wolf, 1995), o que dá origem a um crescente interesse pela informação relativa ao tema, é maior junto dos que já detêm, *à priori*⁹⁶, alguma informação.

A dinâmica do interesse pela informação, relativa a este tipo de acontecimentos, faz deles um momento aliciante para diversos grupos de pressão, que de uma forma oportunista utilizam o foco mediático e o tempo de antena que este proporciona para instrumentalizar a informação em prol de interesses aparentemente associados mas que, no fundo, nada mais são do que a expressão de velhas pretensões ou reivindicações do tipo corporativo ou associativo, as quais encontram o terreno ideal nestas ocasiões para poderem emergir com uma aparente imagem renovada e pertinente em termos de agenda. De outro modo, seria pouco provável ou, pelo menos, muito mais difícil conseguir furar o *agenda-setting*, obrigando a recorrer àquilo a que Daniel Boorstin definiu como *pseudo-acontecimentos*⁹⁷, os quais proporcionam uma visão

⁹⁵ (Mesquita, 2003: 92).

⁹⁶ “os processos de compreensão não dizem apenas respeito à compreensão dos textos, mas também à compreensão das situações descritas pelos textos, torna-se claro que tais processos implicam, de uma forma crucial, amplas camadas de conhecimento do mundo anteriormente adquirido” (Wolf, 1995:151).

⁹⁷ Daniel Boorstin criou, nos anos 60, o conceito de pseudo-acontecimento, com vista a designar certos artefactos construídos exclusivamente para serem veiculados pelos *media*. Não são acontecimentos espontâneos, mas fabricados com o objetivo de serem difundidos pela comunicação social. A sua relação com o real é, pelo menos, ambígua. Além disso, “os pseudo-acontecimentos geram outros pseudo-acontecimentos segundo uma progressão geométrica”, porque cada tipo de *media event* - conferência de imprensa, jantar de celebração, ato de comunicação

forjada do real, através de atos comunicacionais que, como diz Mesquita, são “caracterizados pela «performatividade», ou seja, suscetíveis de produzirem efeitos independentemente da sua correspondência com o «real»” (Mesquita, 2003:114).

Por outro lado, no decorrer da fase de preparação do Campeonato Europeu de Futebol, pudemos assistir a um outro fenómeno de resistência, mais concretamente a uma ação de resistência por parte de poderes e interesses instalados que perante a constatação da irreversibilidade das novas regras impostas pela organização, no caso concreto pela estratégia de segurança do evento, reagiram “violentamente” fazendo uso do sistema mediático, como lembra Valentina Marcelino ao referir que “a pressão era muita, de facto, porque havia os sindicatos, havia sempre a tradição portuguesa do não sou capaz, não temos meios” (Marcelino,2017: 110)⁹⁸

O ambiente mediático vivido transformou o EURO 2004 num enorme hospedeiro, para mensagens cujos objetivos revelam um aproveitamento da situação ou parasitismo. Protagonizado pelos diferentes atores, que deste modo tiveram uma oportunidade para expressar interesses corporativos ou associativos no espaço mediático, fizeram contrastar o seu discurso com o discurso institucional. Instrumentalizaram a informação e criaram ruído em torno de questões que, mais tarde, se provou serem falsas questões ou, pelo menos, desajustadas naquele contexto específico.

2.5.1 As resistências: As expectáveis e as outras

A busca pela pluralidade da informação, essencial na boa prática jornalística, em determinados casos cria oportunidades de comunicação para diversos sujeitos de enunciação, nem sempre aqueles que oficialmente representam o setor. Esta situação, em vez de facilitar o esclarecimento da opinião pública, contribui para o aumento do ruído⁹⁹ na comunicação, chegando mesmo a ser um fator contraproducente que contribui para denegrir a imagem coletiva até da própria instituição, Como descreve o responsável pelo Gabinete Coordenador de Segurança, “o ambiente de algum receio, foi aproveitado pelo senhor Presidente da

institucional – “tende a conformar-se como um ritual, com regras protocolares rígidas que lhe são próprias”. (Boorstin *Apud* Mesquita, 2003: 115)

⁹⁸ cf. Anexo III

⁹⁹ Ruído é algo que é acrescentado ao sinal, entre a sua transmissão e a sua receção, e que não é pretendido pela fonte. (...) O ruído semântico define-se como uma qualquer distorção de significado que ocorra no processo de comunicação e que não é pretendido pela fonte, mas que afeta a receção da mensagem no seu destino (Fiske, 2001: 22).

Associação Sindical dos Profissionais de Polícia da PSP, ASPP/PSP”, o qual “entendeu criar um clima de **suspeita** sobre a nossa capacidade de organização, de preparação e também de meios para fazer face à segurança do Euro”(Carvalho, 2017: 99)¹⁰⁰.

Em setembro de 2003, durante uma conferência de imprensa no Porto, chegando a apelar ao Primeiro-ministro e ao Presidente da República, a Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP) pediu a demissão do ministro da Administração Interna. Para tal o presidente da ASPP, Alberto Torres, alegou “ausência de uma linha de orientação para a polícia”¹⁰¹a qual se traduzia “numa crise de confiança dos profissionais da PSP no ministro”. Relacionou com falta de meios técnicos e humanos e disse em relação ao Euro que “não há preparação para o Euro 2004; há propaganda política. Nós estamos a trabalhar todos os dias e não nos sentimos preparados para garantir a segurança do Euro 2004. Não podemos assegurar que tudo corra como gostaríamos, porque falta a preparação”¹⁰².

Da falta de preparação à desmotivação para “assegurar a segurança do Euro 2004”¹⁰³, a ASPP/Faro entendeu fazer uma campanha na Europa, através dos sindicatos de polícia europeus que se encarregaram de divulgar, nos respetivos países, o documento que dava conta do “estado de espírito dos agentes da PSP”¹⁰⁴ que, “apesar do protesto, a ASPP/Faro garante não querer dar uma má imagem do País”. Esta ação surgiu no seguimento de uma outra, que poucos meses antes tinha consistido na distribuição, nos aeroportos nacionais, de folhetos informativos aos passageiros.

Noutra conferência de imprensa, desta vez em Coimbra em janeiro de 2004, o jornal *Público*, citando a Agência Lusa¹⁰⁵ informa que as queixas continuaram e subiram de tom. Afirma que o Governo ainda não teria dado resposta a uma série de problemas deixados pelo anterior Executivo, apontando queixas sobre insuficiências em termos de meios materiais e humanos, nomeadamente o parque automóvel "envelhecido", material de comunicações "frágil" e esquadras degradadas, bem como aspetos socioprofissionais relacionados com a progressão na carreira e número de horas de serviço. Também se ameaçou o Governo com uma manifestação

¹⁰⁰ cf. Anexo II

¹⁰¹ *Público*, 18-09-03, p. 25

¹⁰² *Idem*

¹⁰³ *A Capital*, 17-10-03, p.16

¹⁰⁴ *Idem*

¹⁰⁵ Agência Lusa – Polícias ameaçam organizar manifestação durante o Euro 2004. *Público* [Em Linha].30-01-04, 15:49.Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/01/30/sociedade/noticia/policias-ameacam-organizar-manifestacao-durante-o-euro-2004-1184429> [consultado em: 30.01.2004]

nacional, durante o período do Euro, caso este não desse resposta aos problemas apresentados. Ainda no mesmo comunicado é possível observar a seguinte situação: “questionado pelos jornalistas sobre se perante o quadro apresentado, de insuficiência de meios materiais e humanos, os cidadãos portugueses e estrangeiros poderão temer pela sua segurança durante o Euro 2004, Alberto Torres sublinhou que a PSP pretende «manter e melhorar» o nível de segurança que «normalmente» existe.”

Em termos do ato de comunicação, importa referir que o sujeito de enunciação, ASPP, surge como se estivesse a falar em nome da própria instituição, no caso a PSP, quando a sua legitimidade se limita àqueles que representa, ou seja, ao universo de associados que constituem a associação sindical. Esta situação, sendo recorrente, em vez de contribuir para o esclarecimento dos acontecimentos, vem criar à partida um equívoco sobre “quem” (quem é o emissor) é o responsável pela mensagem. Sendo a pluralidade na informação uma boa prática, segundo o então Secretário de Estado da Administração Interna, Nuno Magalhães, em resposta ao *Correio da Manhã*, afirma que teria sido saudável que as associações sindicais tivessem tido “uma maior ponderação e uma maior contenção”¹⁰⁶, uma vez que considera que “é preciso fazer uma distinção entre aquilo que são as reivindicações e aquilo que é o sentido de Estado. E essas posições eram evitáveis, por algum alarme que criaram na opinião pública”. Sendo legítima a posição da ASPP, não é legítimo assumir a opinião de uma parte como se fosse o todo. Do lado do *frame* mediático, Valentina Marcelino, reconhece a situação na medida em que considera fundamental a disponibilização de informação “se não tivesse havido abertura e transparência na explicação de como é que tudo estava a ser organizado e do plano que havia, o resultado seria a especulação, que envolve sempre sindicatos. No âmbito das suas reivindicações sindicais, vêm sempre dizer que falta mais um colete e que falta mais uma arma e que faltam mais meios e que falta mais «N» coisas” (Marcelino, 2017: 114)¹⁰⁷.

A falta de meios e a falta de formação foram, durante os meses de preparação, as queixas mais ouvidas, mas houve outras, como a falta de “interligação entre a PSP e a GNR”¹⁰⁸, apontada pelo presidente da Associação Profissional da Guarda.

¹⁰⁶ cf. *Correio da Manhã* 07.07.2004 p:34,35

¹⁰⁷ cf. Anexo III

¹⁰⁸ cf. *Focus*, n.º 223, 21-01-04

António Borges, presidente da Associação Sindical dos Profissionais da Polícia, denuncia a falta de agentes para as exigências do Euro, dizendo mesmo à *Focus*: “Temos de rezar à Nossa Senhora de Fátima para que tudo corra sem problemas”.

Também os bombeiros criticaram a segurança do Euro 2004, reclamando ser integrados na Comissão de Segurança do Euro 2004 pela voz de Duarte Caldeira, presidente da Liga, quando se encontravam representados na referida comissão através do Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil (SNBPC).

Entre ameaças e pré-avisos de greve, o Sindicato das Carreiras de Investigação e Fiscalização do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) esteve em conversações e negociações com o Executivo até às vésperas do início do campeonato numa tentativa de resolver um problema específico, deixado pendente pelo anterior Executivo, o qual encontrava o momento ideal para ser resolvido.

Usando a ameaça de greve durante o período do Euro, este serviço, sabendo o papel importante da sua atividade para garantir a segurança durante o campeonato, esperava deste modo alcançar os seus objetivos. Perante a intransigência do Governo em resolver a complexa situação sobre pressão e dada a importância do evento para o país, o sindicato, após várias conversações, desconvocou a greve e aceitou remeter a resolução da situação para o período pós-Euro, como explica Magalhães: “as ameaças de greve do sindicato do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, (SEF) seria trágico, mas perceberam que teriam contra si a opinião pública, que seria contraproducente a sua luta, porque foi uma mobilização de uma sociedade, de um povo e de um país de querer dar uma boa imagem” (Magalhães, 2016: 98)¹⁰⁹.

2.5.2 Braço de ferro – Medo ou planeamento e rigor

Em termos de espaço mediático é incontornável fazer referência ao episódio, protagonizado pelo presidente do Sporting Clube de Portugal, cujo mote: “Baixaram as Calças”, referente ao Governo, se transformou num item obrigatório do *agenda-setting* de todos os órgãos de comunicação social (diários), revelando duas situações: a primeira substancial, a segunda formal. Por um lado, a utilização dos *media* como forma de reação à intromissão do Governo, no mundo particular do futebol e dos seus interesses próprios, em prol de um objetivo maior

¹⁰⁹ cf. Anexo I

que era a preparação e treino para o Europeu; por outro lado, a “colagem” ao universo do futebol com os seus mecanismos próprios, das relações entre clubes e a sua relação/mediação através da imprensa especializada, capazes de produzir manchetes aliciantes e adequadas tanto ao contexto em que são produzidas, como ao consumidor tipo destas mensagens. No entanto, esta forma de tratar a informação revelou-se, do ponto de vista das autoridades, de algum modo desajustada, uma vez que se referia a um assunto de interesse nacional e a compromissos com um grau de responsabilidade muito elevado, como aquele que foi assumido pelo Governo Português quando se comprometeu a garantir as condições de segurança imprescindíveis à realização do Campeonato Europeu de Futebol em território nacional.

Segundo o relatório do Euro 2004, da responsabilidade da Secretaria de Estado da Administração Interna, a preparação da segurança implicava o treino das Forças e Serviços de Segurança que deveria decorrer em três níveis. O primeiro dizia respeito ao treino interno de cada uma das forças e que incluía especificidades relativas ao EURO, o segundo e terceiro que, em termos cronológicos, deviam decorrer em simultâneo, destinavam-se respetivamente a proporcionar situações de simulacro, tanto a nível dos exercícios dos postos de comando (CPX) como a exercícios reais (LIVEX) e num âmbito mais alargado que deveria envolver além das Forças de Segurança, a Sociedade Euro 2004 de modo a articular a utilização dos novos estádios, em jogos de alto risco, para os quais era espectável a presença de um grande número de adeptos, de modo a que fossem testados todos os aspetos relacionados com a utilização dos mesmos, de um modo geral e a segurança em particular.

Deste modo, uma das questões de relevo dizia respeito à política de bilhética, pela sua importância estratégica. Segundo o mesmo relatório, esta foi “redigida pela Sociedade Euro 2004, aprovada pela Comissão de Segurança e homologada pelo Secretário de Estado da Administração Interna” e deveria ser determinante para a segurança no interior dos estádios, na medida em que estabelecia a separação de claques, as zonas tampão, o controlo de multidões e a venda dos ingressos.

Das diversas normas estipuladas por esta política, existe uma que se reveste de especial interesse para este caso concreto e que diz respeito à necessidade de garantir a separação entre as claques apoiantes de cada uma das equipas, através da retenção de 5% dos bilhetes, pois os lugares não vendidos permitiam criar medidas especiais de segurança, nomeadamente as entradas e saídas dos estádios controladas pelas Forças de Segurança.

Por outro lado, a proximidade do campeonato exigia a dissipação de receios e a necessidade de criar um clima de confiança junto da opinião pública. Era urgente que os adeptos sentissem segurança e que este sentimento se difundisse, simultaneamente, através das pessoas presentes. Estes jogos eram de facto situações reais e o público não era constituído por figurantes, o que fazia de cada pessoa presente uma fonte bem conhecida¹¹⁰ capaz, através do seu testemunho, de transmitir aquilo que viu, aquilo que sentiu e, principalmente, avaliar na primeira pessoa a preparação em curso.

A consciência da importância da imagem que se estava a construir, suportada por um efetivo planeamento e empenho, para o sucesso da operação de Segurança, não permitia às autoridades deixar a menor margem de manobra para que pudessem ocorrer incidentes no interior dos recintos desportivos. Era fundamental começar a criar um clima de festa e salutar desportivismo no qual a violência não tinha lugar.

Neste contexto, é mais fácil perceber o âmago do braço de ferro que deu origem ao mediático caso: “As autoridades baixaram as calças”.

Enquanto a preparação para o EURO era efetuada, decorriam os jogos da Super Liga, alguns dos quais foram selecionados, pela sua importância, em termos de número de adeptos e risco apresentado, como cenário de treino. Um desses jogos foi o Sporting/Porto, que iria decorrer no estádio Alvalade XXI, a 31 de janeiro, no qual deveriam ser aplicadas todas as normas a adotar durante os Jogos da Fase Final do Europeu, incluindo a política de bilhética.

Os critérios para a escolha dos jogos de treino residiram essencialmente em dois factos: primeiro, se o estádio em causa era um dos novos estádios que seria palco do EURO; segundo por se tratar de um jogo de risco elevado¹¹¹, dada a natureza do jogo e as equipas em prova, da rivalidade suscitada por este tipo de encontros entre os respetivos adeptos e, não menos importante, do “peso” do resultado para a classificação geral na corrida pelo título.

Com muita frequência, estes tipos de jogos são antecidos por episódios amplamente mediatizados, que dão conta da rivalidade entre clubes e a promovem, criando um clima de

¹¹⁰ A atenção seletiva das pessoas pode ser captada de um modo mais eficaz se as mensagens que recebe forem transmitidas por uma fonte próxima (normalmente pertencente ao grupo social restrito e muito próximo, entre o qual se incluem os familiares e amigos mais chegados) cuja idoneidade é comprovada e principalmente sobre a qual não recaia qualquer tipo de suspeita relativamente ao interesse que essa fonte possa ter na divulgação da mensagem em causa. Esta situação de liderança de opinião é descrita no modelo do *two-step flow* (Wolf, 1995).

¹¹¹ cf. Conselho Nacional contra a violência no Desporto (Deliberação nº 20CNVD/2003)

tensão que tem como efeito o crescimento do interesse por parte do público. Muitas vezes, os protagonistas da troca de provocações são os próprios presidentes dos clubes.

Esta situação, só por si, não constitui novidade, mas neste caso concreto a presença das autoridades veio destabilizar a “normal” relação, própria do mundo do futebol, interferindo não na troca de ameaças, mas impondo as regras de segurança que deveriam vigorar durante a realização do Campeonato Europeu de Futebol.

No dia 30 de janeiro de 2004, a cerca de cinco meses do início do campeonato, os jornais diários davam conta da reação do presidente do Sporting à intransigência dos responsáveis pela segurança perante o incumprimento das regras¹¹² que se destinavam a manter separadas as claque de apoio dos clubes e os restantes adeptos, de acordo com aquilo que deveria ser testado para poder ser posto em prática durante o EURO 2004.

Olhando para o modo de funcionamento dos *media* e para os critérios de seleção que presidem à escolha de uma notícia, a mediatização das declarações em causa era inevitável.

Para começar, a atualidade. Como diz Gaillard, “a notícia é por definição, algo de novo” (1971:28). Depois do insólito da situação, tendo em conta os termos utilizados que, só por si, já são pouco habituais (“Baixaram as calças”) principalmente quando dirigidas às autoridades e quando os protagonistas são personalidades mediáticas e com responsabilidades, neste caso o presidente de um dos mais importantes clubes de futebol do País, e por fim o interesse que todos os temas relacionados com o mundo do “desporto rei” suscitam junto do público.

Deste modo, olhando exclusivamente para os títulos da imprensa escrita, verificamos a presença e o destaque dado ao acontecimento na maioria das publicações diárias, além dos desportivos, com os seguintes títulos¹¹³: 24 Horas – “Baixaram as Calças” ; Correio da Manhã – “As autoridades baixaram as calças perante as ameaças”; Jornal de Noticias – “Dias da Cunha insurge-se contra pressão portista”; Diário de Noticias – “Dias da Cunha fala em «invasão de vândalos»”; Público – “Presidente do Sporting acusa Governo de «Baixar as Calças» Aos Portistas”; A Bola – “Cederam às ameaças”; Record – “Bilhetes repartidos”.

¹¹² Recomendações internacionais sobre as políticas de bilheteira e de separação de adeptos (cf. Resolução do Conselho da União Europeia de 06 de dezembro de 2001 e recomendações da UEFA para a segurança nos estádios)

¹¹³ Anexo IX

2.5.3 E as reações

Se as resistências à realização do evento foram uma realidade, não menos reais foram as reações do sistema dos *media* em si. Enquanto subsistema dentro do sistema constituído pela sociedade portuguesa, fez eco dos discursos que contestavam e que especulavam sobre possíveis cenários.

Estes aspetos, no seu conjunto, reproduziram o elenco de “questões frequentes”, que durante os meses que antecederam o início do campeonato, tiveram eco no discurso mediático chegando a assumir proporções que preocuparam os responsáveis pela segurança, na medida em que poderiam gerar um sentimento de insegurança e de medo. As questões “inquietantes” surgiram de forma recorrente, indiferentes ao desenvolvimento e progressiva operacionalização da estratégia de segurança e do discurso dos responsáveis.

O confronto discursivo, espectável dada a elevada previsibilidade do interesse mediático, produziu efeitos ao nível da opinião pública, como é possível verificar através da análise da sondagem realizada pela Universidade Católica¹¹⁴, divulgada pela RTP no programa “Prós e Contras” e publicada no jornal *Público* na edição de 11 de maio de 2004. É importante referir que esta sondagem foi efetuada cerca de dois meses após os atentados terroristas de Madrid a 11 de março. Assim, a um mês do início do campeonato, a resposta à questão “Com o Euro 2004 acha que há razões para ter mais receio de atentados terroristas, menos receio ou não vai fazer diferença?” 58% dos inquiridos responderam mais receio, 32% não faz diferença e 4 % menos receio, os restantes 6% não sabem ou não respondem.

A outra questão relativa à segurança foi enunciada nos seguintes termos, tendo obtido os resultados entre parêntesis: “Por aquilo que sabe ou ouviu dizer, acha que o esquema de segurança no interior e exterior dos estádios está muito bem preparado (2%), bem preparado (15%), assim-assim (34%), mal (28%) ou muito mal (12%).

Este panorama justifica-se pela proximidade com o atentado de Madrid, o ruído noticioso em torno da segurança e o descrédito a que o próprio país se votou em relação a todas as questões que impliquem alguma magnitude, estratégia, planeamento, organização e capacidade de

¹¹⁴ Sondagem (publicada no Jornal Público, P.42 de 11 de maio de 2004) realizada pelo Centro de Estudos da Universidade Católica para a RTP no dia 6 de maio de 2004, cujo universo alvo é a população com 18 ou mais anos residente em Portugal continental em alojamentos com telefone fixo. Os números de telefone foram selecionados aleatoriamente das listas telefónicas nacionais e em cada domicílio foi selecionada a pessoa que tivesse tido o seu aniversário há menos tempo. Foram obtidos 689 inquéritos válidos, 50% deles a indivíduos do sexo feminino e a taxa de resposta foi de 62%. A margem de erro máxima da amostra é de 3,7%, com um nível de confiança de 95%.

concretização. Como relatam os responsáveis pela segurança, “o Euro 2004 decorreu três meses depois dos atentados de Atocha em Madrid, e havia a ameaça da Al Qaeda, estávamos três anos depois do 11 de Setembro” (Magalhães, 2016: 91)¹¹⁵, corroborado pelo General Leonel Silva Carvalho quando afirma que na sequência dos atentados de 11 de Março de 2004 foi criado um clima de “perturbação muito grande, o que foi aproveitado” para transmitir uma ideia de “incapacidade” de “falta de meios” e “insegurança da polícia portuguesa”(2017:99)¹¹⁶.

2.6 - Euro 2004 – Do medo à festa - Frame e Reframing - Que mensagem “Euro 2004” foi construída através do discurso jornalístico?

Quando falamos em Euro 2004, importa referir que o Campeonato Europeu de Futebol, além de pertencer à categoria dos maiores eventos desportivos a nível mundial, o terceiro, logo a seguir aos Jogos Olímpicos e ao Campeonato Mundial de Futebol, promovido pela UEFA e cuja designação oficial é “UEFA EURO 2004”, foi também, segundo Magalhães “a maior operação de segurança realizada em Portugal”¹¹⁷ que, como vimos anteriormente, emerge como um valor notícia¹¹⁸ com lugar próprio. Por tudo o que representa, sendo o somatório das diferentes abordagens, podemos identificar o percurso ontológico que lhe confere uma identidade, constituindo-se uma “metáfora epistemológica”, num devir como se fosse uma “obra aberta” (Eco, 1989:178).

Esta transformação fez caminho no discurso mediático, uma vez que “os meios de comunicação são o *à priori* concreto da nossa perceção e interpretação do mundo, as próteses do senso comum. Com as suas funções de observação, seleção e encenação, os meios de comunicação são os postos avançados da perceção coletiva” (Innerarity, 2006: 100).

São eles que nos dão o enquadramento necessário para interpretarmos os acontecimentos, que nos ligam à realidade, que ligam os diferentes atores sociais e expõem as relações existentes em que “mundo e sujeito colaboram mutuamente para a constituição da experiência da cognição” (Stewart, 2016: 673).

Consciente desta circunstância, o responsável pelo gabinete coordenador de segurança fala da importância da informação e explica que “não é só a segurança em si é também o sentimento

¹¹⁵ cf. Anexo I

¹¹⁶ cf. Anexo II

¹¹⁷ cf. Anexo I

¹¹⁸ Ver – 2.2 EURO 2004 e os valores-notícia

de segurança, porque às vezes há segurança e as pessoas não sentem segurança” (Carvalho,2017:107)¹¹⁹.

É desta dinâmica relacional que resulta o processo de cognição¹²⁰ através do qual construímos as mensagens veiculadas que denotam as percepções, uma vez que “quando agimos, construímos o mundo que percebemos” (Stewart, 2016: 670).

Também Marcelino considerou que a relação com o poder político para a construção da mensagem “foi determinante” (2017: 110)¹²¹.

Após a identificação dos diferentes *frames*, no que diz respeito aos interlocutores, ou sujeitos de enunciação, principais e secundários, identificámos também os diferentes ângulos de abordagem e as tensões e conflitos gerados no espaço mediático.

Desta tensão resultou o processo construtivo do discurso jornalístico que, partindo de um *frame* inicial, se vai constituindo através da sucessiva metamorfose ou *reframing*, numa linha temporal, ou *story-line* (Carvalho, 2001:145) que liga os diferentes paradigmas, o paradigma do medo, da festa e o paradigma do orgulho.

Neste devir, o Euro 2004 deixou de ser visto como mais um campeonato da Europa de Futebol para passar a ser um “Desígnio Nacional”, uma marca de Portugal, um momento de inscrição de uma nação.

Numa análise mais detalhada, conforme foi exposto no capítulo 1, que parte da identificação de palavras-chave¹²² nas entrevistas, seleccionámos: “ameaça”, “confiança”, “festa”, “medo”, “orgulho”, “risco”, “segurança” e “sucesso”, aquelas que são transversais às três entrevistas. De seguida analisámos o mapa semântico, constituído a partir da depuração da amostra, que reflete o discurso produzido nos três tempos em estudo e verificámos que a ocorrência de cada uma destas palavras-chave ou dominantes variou em cada um destes tempos, formando *clusters* de palavras que denotam a evolução da percepção durante o processo de significação.

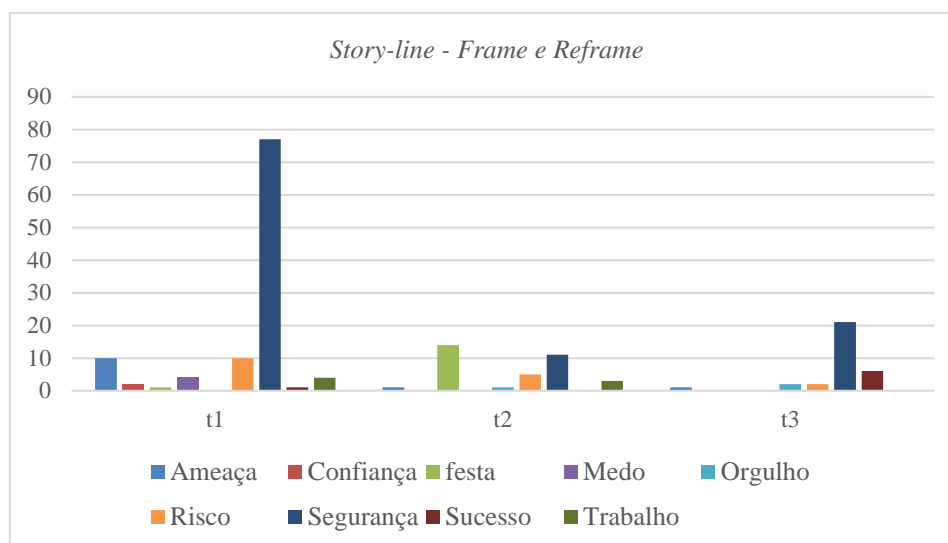
¹¹⁹ cf. Anexo II

¹²⁰ “Para Kant, cognições são representações objetivas, isto é, estados mentais relacionados a um objeto independente da mente. (...) Para Alva Noë, a tese central do enativismo, como abordagem das ciências cognitivas, consiste em sustentar que a percepção envolve um carácter ativo, isto é, alguma atividade por parte do sujeito que percebe.” (Kant *Apud* John Stewart, 2016:663)

¹²¹ cf. Anexo III

¹²² cf. Figura 2

Figura 10 -Palavras-chave nos três tempos



Fonte: Elaboração própria

No início (*t1*), no paradigma do medo, os *media* enquadravam o Euro 2004 pelos fatores negativos. Se havia algumas reservas quanto ao impacto económico¹²³, que levaram o Governo a proferir a famosa expressão “nem mais um euro para o Euro”, a nível das questões de segurança era encarado como uma ameaça e um desafio acima da capacidade nacional, como explica a jornalista Valentina Marcelino ao relembrar que existia “expectativa, no sentido de nunca se ter realizado um evento com uma dimensão como a do Euro 2004, que envolveu vários pontos do País. Apreensão, em relação a saber se seríamos capazes de estar à altura de um evento desses” (2017:109)¹²⁴.

Em fevereiro de 2003, a jornalista, num trabalho conjunto, escrevia no semanário *Expresso* uma notícia com o título “Euro a contrarrelógio – É uma corrida contra o tempo na preparação do Euro 2004: obras atrasadas, segurança por planear e polémica na promoção” (22.02.2003:12). Um outro artigo do mesmo jornal considera que o “Euro 2004 pode ser alvo terrorista”, fazendo referência à crise no Iraque e ao alinhamento do Governo Português com as posições norte-americanas, ressalva também “a circunstância dos terroristas terem uma especial apetência por ações de grande impacto e visibilidade internacional” (08.02.2003:12).

Entre as notícias publicadas durante este período, muitas destacam o risco de realizar o Campeonato Europeu de Futebol em território nacional por transformar o País num potencial

¹²³ <https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/seguranca-de-um-pais-nao-se-faz-por-decreto> [consultado em 08/05/2017]

¹²⁴ *cf.* Anexo III

alvo para atentados terroristas. Em janeiro de 2004, a revista *Visão* fazia uma reportagem sobre o tema: “Segurança – As ameaças do Euro”, considerando que o 11 de Setembro colocou o terrorismo no topo da tabela dos perigos que ameaçam o Euro 2004. Enquanto o General Loureiro dos Santos corrobora esta possibilidade, o General Leonel Silva Carvalho, coordenador da Comissão de Segurança do Euro, sem ignorar a ameaça, afasta a hipótese afirmando que, “de acordo com os serviços de informações, não há nada que ligue o Euro 2004 ao terrorismo”. Quanto à tutela, a ênfase nas ameaças vai para os jogos de alto risco, para o fenómeno do *hooliganismo* e para a criminalidade organizada. Em termos de planeamento da segurança, depois do 11 de Setembro, a tutela considera medidas preventivas como o fecho do espaço aéreo e a suspensão do acordo Schengen, para ser possível o encerramento de fronteiras durante o evento (*Visão*, 29.01.2004:34).

Enquanto as Forças de Segurança, pela voz dos sindicatos, se queixavam, apontando falhas na preparação, os responsáveis pela segurança percebem a importância de dar a conhecer o trabalho em curso, transmitindo, em simultâneo, confiança e serenidade, de modo a promover um “sentimento de segurança”, como nos relatam os nossos entrevistados e como podemos ver nos excertos dos artigos à data publicados.

Para este efeito é necessário ser credível¹²⁵ e, para isso, é fundamental que haja uma só narrativa, falar a uma só voz, sem contradições no discurso que deve ser coerente com os acontecimentos para fomentar a credibilidade, uma prioridade que o Coordenador de Segurança explica da seguinte forma: “É importante haver um discurso oficial que transmita um sentimento de segurança. No que diz respeito ao Dr. Nuno Magalhães, tudo o que foi feito foi exatamente proporcionar todas as condições para que esse discurso passasse, ao nível político, essa mensagem” (Carvalho,2017: 106)¹²⁶.

Este posicionamento também era sentido no *frame* mediático como nos diz Marcelino: “Havia rostos na própria polícia que davam confiança às pessoas. Havia reportagens, havia disponibilidade para os jornalistas acompanharem o trabalho da polícia. (...) a mensagem transmitida através da comunicação social acabou por ajudar que a percepção geral fosse de facto

¹²⁵ “Esta política de comunicação social provou ser correta, porque conseguia ser oportuna e credível, cumprindo, assim, os objetivos propostos de fazer chegar à opinião pública uma imagem de serenidade e de eficiência” (CSEURO2004:37)

¹²⁶ Anexo II

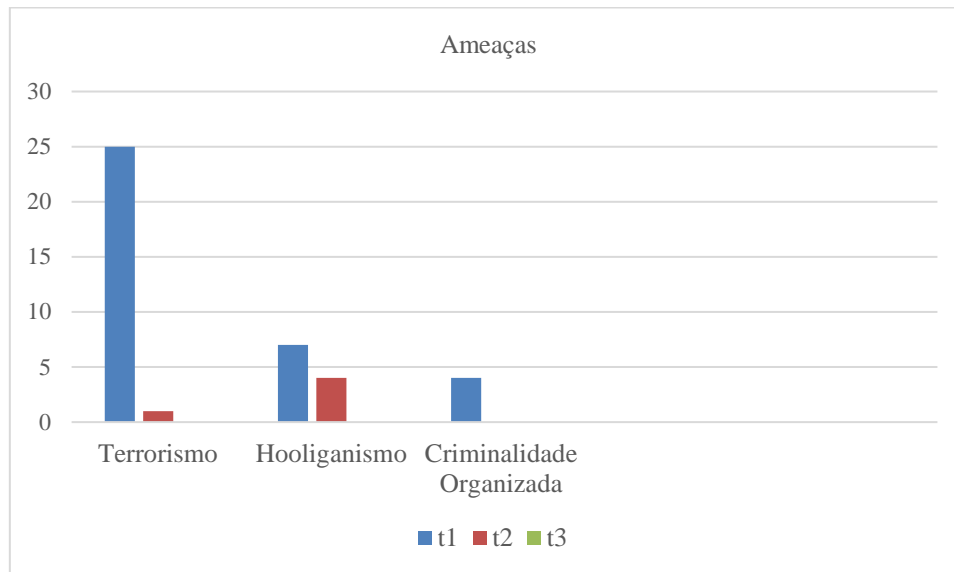
que as pessoas estavam a trabalhar, tinham competência e era possível que as coisas corressem bem” (Marcelino,2017: 110).¹²⁷

Também podemos observar esta articulação de discursos noutra reportagem da revista *Visão* que dá voz às diversas partes e na qual se percebe a articulação entre as Forças de Segurança e a Tutela no confronto com as vozes dissonantes: “A um ano do Euro 2004, o Sindicato de Oficiais (SO) da PSP mostra-se «muito apreensivo» com a falta de estruturas, que considera fundamentais, para a segurança do Europeu de Futebol. (...) o perfil dos indivíduos estrangeiros, considerados de alto risco, vulgo *hooligans*. São eles quem constitui a principal ameaça à segurança do evento”, diz-se na mesma publicação. O diretor-nacional da PSP, Mário Morgado, desdramatiza a situação, referindo que sobre esta questão «sempre houve operações conjuntas entre polícias». Já a tutela, através do secretário de Estado da Administração Interna, Nuno Magalhães, defende que «o assunto é demasiado sério para ser instrumentalizado por quem quer que seja»” (*Visão*, 12/06/2003:114).

Olhando agora de forma mais detalhada através da figura seguinte, verificamos que o sentimento de “medo” materializado em ameaças, identificadas na fase de preparação, foi dividido em três categorias: terrorismo, *hooliganismo* e pequena criminalidade ou criminalidade organizada. Sendo a mais grave o terrorismo, segundo as autoridades a mais provável era o hooliganismo, uma ameaça diretamente ligada ao mundo do futebol. No entanto, a conjuntura fez com que o discurso jornalístico se tivesse ocupado essencialmente do terrorismo. A pequena criminalidade quase não foi referida.

¹²⁷ Anexo III

Figura 11- Ameaças nos três tempos



Idem

De seguida, em (*t2*), a ameaça terrorismo foi perdendo relevância, uma vez que não se verificou a existência de qualquer ataque, enquanto a referência ao *hooliganismo* foi crescendo.

No relatório da Comissão de Segurança do Euro 2004, estes episódios não passaram de “pequenos incidentes de ordem pública, praticamente circunscreveram-se à zona de Albufeira, durante três noites, e resultaram, essencialmente, do excesso de consumo de bebidas alcoólicas numa rua de grande concentração de bares e de adeptos, na sua maioria ingleses.”¹²⁸

Também o discurso que anunciava a falta de preparação, tanto ao nível do planeamento como dos equipamentos, bem como a falta de preparação, foi desaparecendo. “À medida que o campeonato foi decorrendo e à medida que as pessoas foram percebendo que estava tudo sobre controlo, que não ia acontecer nada, acho que isso depois começou a passar para aquela mensagem da missão cumprida” (Marcelino,2017: 109)¹²⁹.

E no final, em (*t3*), “o balanço é extremamente positivo”.¹³⁰ O terrorismo desapareceu, o *hooliganismo* foi dominado e só sobrou a pequena criminalidade, da qual o discurso mediático foi dando conta dos pequenos incidentes. “À exceção de alguns incidentes com adeptos alemães e ingleses, nos primeiros dias, a Polícia não teve necessidade de fazer intervenções muito duras. A nossa atuação na primeira semana funcionou como elemento dissuasor de outros

¹²⁸ Relatório CSEURO2004: 47

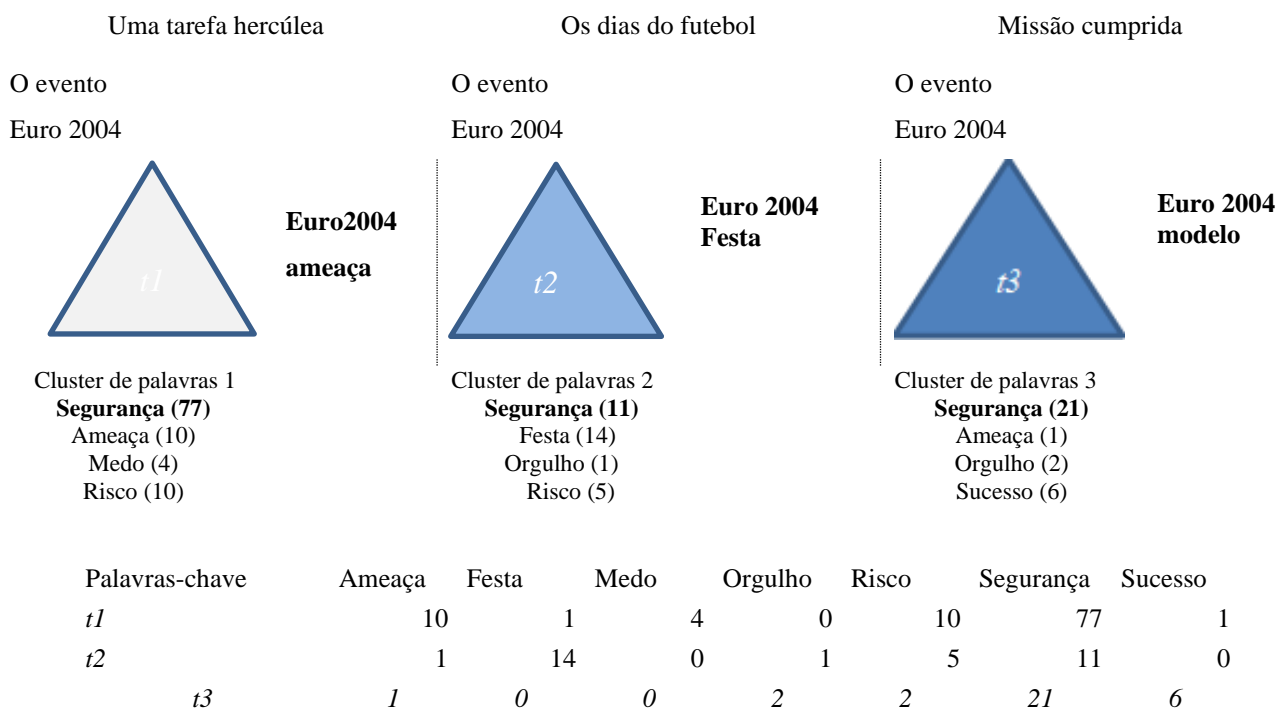
¹²⁹ cf. Anexo III

¹³⁰ Focus 07.07.04 - Anexo VII

comportamentos violentos. Ao longo dos 23 dias de campeonato, foram detidas 255 pessoas, metade das quais por venda ilegal de bilhetes. Apenas 90 foram presentes a juiz”.¹³¹

O *Correio da Manhã* de dia 7 de julho de 2004 considerou que “a eficácia das Forças de Segurança reveladas durante o Euro 2004 e a inexistência de incidentes graves foi uma lufada de ar fresco”. No mesmo dia, o jornal *Público* dizia que “mais do que palavras são os portugueses nas ruas, portugueses nas ruas, nas cidades, nas vilas, nas aldeias de Portugal e do Mundo que testemunham o seu orgulho nacional, o seu orgulho de serem portugueses dentro e fora de Portugal”. Um orgulho reiterado por Lars- Christen Olsson, diretor executivo da UEFA, que em declarações à *Focus* afirmou que: “Difícil é encontrar pontos em que a organização não esteve muito bem. Foi o melhor Europeu de sempre.”

Figura 12 -Clusters de palavras no processo de significação II



Idem

¹³¹ *Idem*

Como podemos ver no esquema, o tom do discurso muda. Agora “a festa continua - A onda verde e vermelha que invadiu o país está para durar. (...) a festa voltou a sair à rua para celebrar a dramática vitória de Portugal contra a Inglaterra.” Enquanto o desporto volta a ser rei, as questões da segurança são encaradas de outra forma. “A pronta intervenção do Corpo de Intervenção da PSP evitou problemas de maior. Estes episódios foram exceções numa noite de *fair play*” (*Focus* de 30/06/2004:100-104).

Neste período, o Euro 2004 ascendeu de evento desportivo a questão nacional. A mobilização foi geral e os setores envolvidos, transversais a toda a sociedade, foram convocados. O Governo em geral, cada um dos ministérios cujas tutelas estavam envolvidas (da Presidência, Administração Interna, Economia, Saúde e Defesa), o poder local e cada cidadão, adeptos e não adeptos de futebol, com ou sem camisolas da seleção, de cara pintada com as cores nacionais, de bandeira na mão ou pendurada à janela. O País inteiro foi convocado.

Esta dimensão nacional (*t3*) que, por si só, constitui um enquadramento do evento, ou seja, um *framing* nacional, do orgulho nacional, ou até mesmo da portugalidade, em grande parte resulta da permanência do tema no espaço mediático, mantendo-se como um tema interessante ao longo do tempo, o que segundo McCombs e Chi, resulta de um processo de sucessivos *reframings* ou *frame change* (McCombs e Chi *Apud* Gradim, 2016:88).

Apesar de, num momento inicial, ter existido tensão, a estratégia de comunicação adotada teve por base a abertura, a disponibilidade e a cooperação. Dispensando os *spins doctors*, a verdade dos factos, a confiança e o sentimento partilhado de corresponsabilidade no processo transformou o Euro 2004 num desígnio nacional. Neste processo, cada um foi “*homo faber*, construtor do mundo e fabricante de coisas” (Arendt, 2001: 200) partilhadas na esfera pública, na medida em que no envolvimento geral cada um desempenhou o seu papel, numa “relação tão estreita entre ação e discurso” (Arendt, 2001:227) porque “sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for ao mesmo tempo, o autor das palavras” (Arendt, 2001:227).

Foi construída uma relação de “confiança” assente na “disponibilidade”, na “transparência” e no “diálogo”, testemunhada pelo *frame mediático*, segundo Marcelino que afirma que “isso só é possível com essa abertura, por haver informação e por explicarem se houve alguma coisa que correu mal, porque é que correu mal e o que é que se iria fazer para melhorar a seguir, se

faltavam meios e se não havia tudo o que a polícia queria, porque é que não foi possível, o que é que iriam fazer para compensar” (Marcelino,2017:111).¹³²

“Eu sentia que os próprios jornalistas, no caso dos jornalistas portugueses, eles próprios estavam satisfeitos e recetivos para as boas notícias, o que normalmente não acontece nos jornalistas que querem é as más notícias para ser notícia” (Carvalho,2017:108).¹³³ Assim, a segurança, vista como uma impossibilidade, tendo em conta a falta de capacidade instalada e de preparação para enfrentar todas as ameaças e riscos associados, perde relevância enquanto tema, durante o decorrer do campeonato, desaparecendo as grandes ameaças para dar lugar às ocorrências quotidianas, ressurgindo no balanço final como um sucesso. Afinal, “a segurança foi irrepreensível”¹³⁴, nas palavras do diretor executivo da UEFA, Lars-Christen Olsson “Difícil é encontrar pontos em que a organização não esteve muito bem. «Foi o melhor Europeu de sempre»”.¹³⁵

A disponibilidade, a transparência, o diálogo e a coerência entre o que era dito e a realidade dos factos foram as molas propulsoras que permitiram a metamorfose do discurso sobre a segurança do Campeonato Europeu de Futebol, que se transformou numa referência, símbolo, sinónimo de sucesso “e no fim orgulho, porque fomos capazes, como se provou e acabámos por ser um exemplo na segurança de grandes eventos, como foi do Euro 2004 “(Marcelino,2017:109).¹³⁶

2.6.1 Reframing em imagens - três tempos

No que respeita à análise das imagens das capas identificadas em 1.1 - O EURO 2004 em palavras, em números e em imagens, começamos por identificar dois planos¹³⁷, a fotografia principal, a manchete e o logótipo, também ele composto por imagem e texto.

¹³² cf. Anexo III

¹³³ cf. II

¹³⁴ *Focus* 07.07.2004:102

¹³⁵ *Idem*

¹³⁶ cf. Anexo III

¹³⁷ Para esta análise não são considerados os elementos que aparecem no cabeçalho, espaço destinado a publicidade ou à “chamada” para outras notícias em destaque.

Figura 13 - Capas da revista *Focus* nos três tempos



Fonte: *Focus* 21 de janeiro, 30 de junho e 7 de julho de 2004

Num primeiro momento, em t1, a escolha da imagem da capa recai sobre uma das principais ameaças, aquela que mais preocupava as autoridades, por ser a mais provável.

A escolha da fotografia recupera uma ocasião passada, representativa de uma situação cuja probabilidade de se repetir era elevada. Deste modo, faz presente um passado e projeta no futuro os riscos de acontecimentos desta natureza. Por outras palavras, tal como Barthes definiu a “representação pura” é “este novo *punctum*, que já não é forma, mas intensidade, é o tempo, é nada mais que um “isto foi” (acontecimento) e um “isto é” (ameaça).

Esta imagem, manipulada, é um recorte de uma realidade pertencente a um outro campeonato de futebol¹³⁸, na qual a violência está em destaque, sendo o resultado do confronto entre as Forças de Segurança e os populares que, neste caso, assumem o papel do adepto de futebol que ao invés de assumir uma atitude de *fair play* e são desportivismo prefere procurar situações de violência, entregando-se à fruição do consumo de bebidas alcoólicas na via pública e não perdendo a menor oportunidade para causar distúrbios com maior ou menor gravidade chegando a causar, além de danos materiais, danos físicos de grande gravidade, em algumas situações extremas, a tirar vidas. Estes adeptos tipo, vulgarmente designados por “*hooligans*”, constituem uma das maiores ameaças neste tipo de eventos.

¹³⁸Embora a publicação não nos disponibilize essa informação, limitando-se a indicar o nome do fotógrafo, Petar Kujundzic, e indicando a Agência Reuters como a fonte.

Figura 14 - Capa *Focus* (t1) A



Idem

Nas linhas de força desta imagem encontramos uma multidão em confronto com as Forças de Segurança numa situação de desordem pública. No centro da imagem, podemos observar cadeiras que voam na nossa direção, como se a qualquer instante nos fossem atingir.

Observamos também, do lado direito da imagem, os desordeiros que arremessam objetos contra as Forças de Segurança, que, do lado esquerdo da imagem, surgem numa escala superior, o que, juntamente com os equipamentos de defesa pessoal (fatos, capacete com viseira e bastões), sugere uma desproporção de forças.

O texto que acompanha a fotografia remete para o futuro, para a incerteza, para a dúvida relativa à capacidade dos responsáveis portugueses para planear e garantir a segurança. Este texto funciona como uma chamada de atenção, como se alguém estivesse a falar em voz bem alta.

Figura 155 - Capa *Focus* (t1) B



Idem

É dado um alerta vermelho, “Euro 2004 Alto risco”, uma mensagem redundante no conteúdo e na forma. Por um lado, a mensagem é clara e inequívoca, tal como os sinais “Stop” e “Atenção”. E em poucas palavras, como se de um telegrama se tratasse, a informação é condensada ao mínimo essencial, mas, por isso mesmo, denota a urgência e a gravidade da situação. Para reforçar a intenção do emissor, o corpo da letra aparece vários pontos acima de todo o restante texto e a cor escolhida é precisamente o encarnado, ou seja, aquela que instintivamente associamos à noção de perigo iminente.

Imediatamente por cima, a pergunta latente: “Os estádios e as ruas de Portugal estão preparadas para os “*hooligans*” ? Sendo que *hooligans* aparece também a encarnado, estabelecendo a ligação com o alerta que é dado em destaque e justificando a existência do mesmo, porque são estes seres os causadores de tamanha apreensão, são eles que vão invadir as ruas de Portugal, são eles que constituem a grande ameaça para a qual este país sem história ou tradição em matéria de grandes eventos vai ter de enfrentar, para o qual é necessária uma organização extrema, atempada, planeamento, coordenação e um enorme esforço financeiro, como podemos ver na parte de baixo da fotografia.

Figura 16 - Capa *Focus* (1) C



Idem

Enquanto a imagem mostra acontecimentos passados noutros locais, onde se pode ver elementos das Forças de Segurança quase excessivamente bem equipados, surge a mensagem que dá conta do perigo que corremos. Não temos nada, “ainda faltam homens, equipamentos de comunicações e armamento de ordem pública para garantir a segurança nas cidades onde vão decorrer os jogos.” É pior, para aumentar este abismo que nos separa do resto dos países capazes, não temos tempo, estamos “a seis meses do início do campeonato”. A esperança perante a nossa incapacidade é o anúncio da vinda de especialistas de fora para tomar o controlo da situação (“Especialistas da Scotland Yard vêm a Portugal colaborar com a nossa polícia na identificação e controlo dos desordeiros mais perigosos”). Mais uma vez é utilizado o encarnado e a mensagem de esperança, paradoxalmente, transforma-se num reforço da situação caótica em que nos encontramos, porque reforça a ideia da nossa incapacidade, porque é remetida pelo código cromático para o mesmo patamar que o alerta para o risco. Estamos no paradigma do “medo”.

Figura 17 - Capa *Focus* (t2) A



Idem

Em primeiro plano, em (t2), temos o então primeiro-ministro, com um olhar distante dirigido para fora da imagem, por trás está a bandeira de Portugal, as vitórias e a alegria que reinava no país.

“Golo de Portugal” surge numa altura em que todos os receios e ameaças que o Euro 2004 trazia tinham passado para segundo plano, a organização do campeonato estava a decorrer da melhor forma e todas as dúvidas sobre a capacidade das autoridades de planearem e operacionalizarem uma operação de segurança desta dimensão tinham desaparecido. O Plano Global de Segurança estava a provar a sua eficácia no terreno, além de acautelar os riscos esperados, também se estava a dar uma resposta rápida e eficaz a todos os pequenos incidentes¹³⁹ que iam ocorrendo, não permitindo desta forma que os mesmos assumissem proporções que mais tarde seriam muito mais complexos de controlar. O texto que acompanha a imagem afirma êxito que acabámos de descrever: “Depois dos sucessos do Euro 2004, a Europa escolhe Durão Barroso para seu presidente”.

¹³⁹ Os incidentes a que nos referimos faziam parte do elenco de ameaças previstas no Plano Global de Segurança, pelo que, de uma forma estratégica, todas estas situações tinham sido antecipadas em termos de preparação e formação das Forças de Segurança de modo que quando ocorreram estas puderam responder em conformidade e puderam fazer um uso proporcional da força a aplicar. Destes incidentes, destacamos os descatos causados por adeptos ingleses no Algarve, embora os mesmos tenham ocorrido fora dos estádios numa zona de bares situada em Albufeira, onde não é inédito existirem este tipo de problemas com turistas desta nacionalidade que habitualmente escolhem esta zona do país para gozar férias. É importante, ainda, referir que em parte estes incidentes tiveram consequências mais graves devido ao facto de os donos dos bares em questão não terem acatado o conselho das autoridades no sentido de só utilizarem copos de plástico e cadeiras do mesmo material, de modo a evitar ferimentos graves em caso de descatos.

Registou-se, ainda, como previsto um aumento da pequena criminalidade, cujo caso mais grave terminou com a morte de um adepto inglês, no Rossio, mas que nada teve a ver com o campeonato em si, uma vez que o homicida era um imigrante ilegal que se tentou aproveitar da festa para furtar a carteira da vítima.

Todos os outros incidentes foram de muito pequena dimensão e rapidamente sanados pelas Forças de Segurança.

Figura 18 - Capa Focus (t2) B



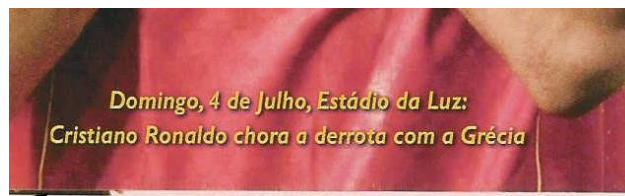
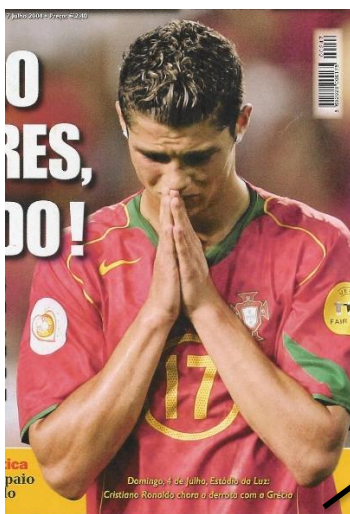
Idem

Por baixo da imagem, em rodapé, a alegria pintada nos rostos e nos corações dos portugueses, sentimentos que simbolicamente ficam registados nesta fotografia de duas adeptas, cujas cabeças estão cobertas pela bandeira e as caras pintadas com as cores nacionais invocam as “melhores imagens da festa”.

Seguindo o mesmo esquema, chegamos ao terceiro momento (t3), depois dos medos, das dúvidas e da festa, chegou o momento de fazer o balanço.

A data que todos os portugueses vão recordar como o dia em que estivemos quase a vencer uma das mais prestigiadas provas do mundo, quando conseguimos chegar mais longe a todos os níveis, quando provámos a nossa capacidade, quando mostrámos um país aprazível, onde vivem pessoas simpáticas que acolheram todos os que nos visitaram da melhor maneira, partilhando emoções, solidários nos melhores e nos piores momentos, quando todos se mobilizaram, quando vivemos um verdadeiro espírito de união, quando nos orgulhámos de ser portugueses.

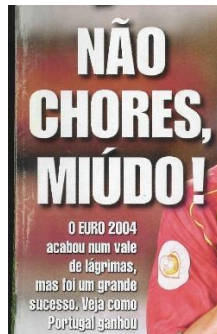
Figura 19 - Capa Focus (t3) A



Idem

A 4 de julho de 2004, Portugal perde com a Grécia e deixa escapar o título de campeão. Deste modo, o texto ao dizer “Não chores miúdo” está, na verdade, a afirmar “Não chores Portugal”, ideia que é reforçada com a afirmação da nossa grande vitória: a que ocorreu fora das quatro linhas. “O Euro acabou num vale de lágrimas, mas foi um grande sucesso, veja como Portugal ganhou.”

Figura 20 - Capa *Focus* (t3) B

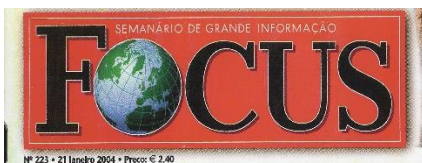


Idem

Por fim, num segundo plano, temos o logótipo, que surge como identidade, a assinatura da publicação, uma espécie de selo de qualidade da marca que oferece ao seu público informação, semana após semana oferece ao leitor uma garantia de uma determinada linha editorial e que, no caso de um acontecimento com a dimensão do Euro 2004, não ficou indiferente, acompanhando a transformação do discurso.

Figura 21 - Logótipos em *t1*, *t2* e *t3*

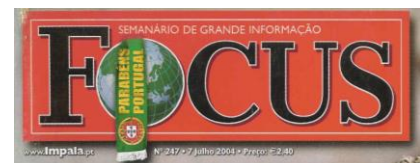
Logótipo em *t1*



Logótipo em *t2*



Logótipo em *t3*



Idem

(*t1*) Embora a atualidade traga para a ordem do dia temas variados, a identidade informativa está sempre assegurada. A *Focus* orienta a sua atenção para as questões mais importantes que vão ocorrendo no mundo, imparcial, plural, sempre a mesma postura todas as semanas. Numa redundância, expressa através da substituição do “o” de *Focus* pela imagem do globo terrestre, como se um grande artefacto ótico se encarregasse de mostrar o que de mais importante acontece

entre o *continuum* de informação disponível no Mundo. Esta ideia é, ainda, reforçada pelo texto que acompanha o logótipo “Semanário de Grande Informação”

(t2) Durante o campeonato, o texto que acompanha o logótipo mantém-se inalterado “Semanário de Grande Informação”, mas a imagem sofre uma alteração. Às suas características permanentes, aquelas que lhe conferem as qualidades analisadas anteriormente, acrescenta uma unidade de manifestação, solidária com o espírito reinante. Também aqui se verifica a afirmação da nacionalidade, através da colocação do cachecol da Seleção Nacional no “pescoço” do Mundo, reafirmando deste modo o facto de o Mundo inteiro estar com os olhos postos em Portugal. Esta situação denota uma inflexão no sentido habitual: por regra é Portugal que olha para o resto do Mundo, agora assume o papel de protagonista, e é o Mundo que olha para nós.

(t3) E no final, a revista de “Grande Informação” reforça a sua portugalidade ao alterar de novo o logótipo, mantendo o cachecol inserido em (t2), mas sublinhando a nacionalidade, ou seja, não se limitando a afirmar o ser português, como afirmando o sucesso de Portugal: “Parabéns Portugal”. No logo, ostenta a esfera armilar e o escudo da bandeira nacional que invocam as glórias de outros tempos, tempos em que também estivemos de parabéns, tempos em que fomos grandes e “ que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando.”¹⁴⁰

¹⁴⁰ Luís Vaz de Camões – Excerto da 2ª estrofe do canto I dos “Os Lusíadas”

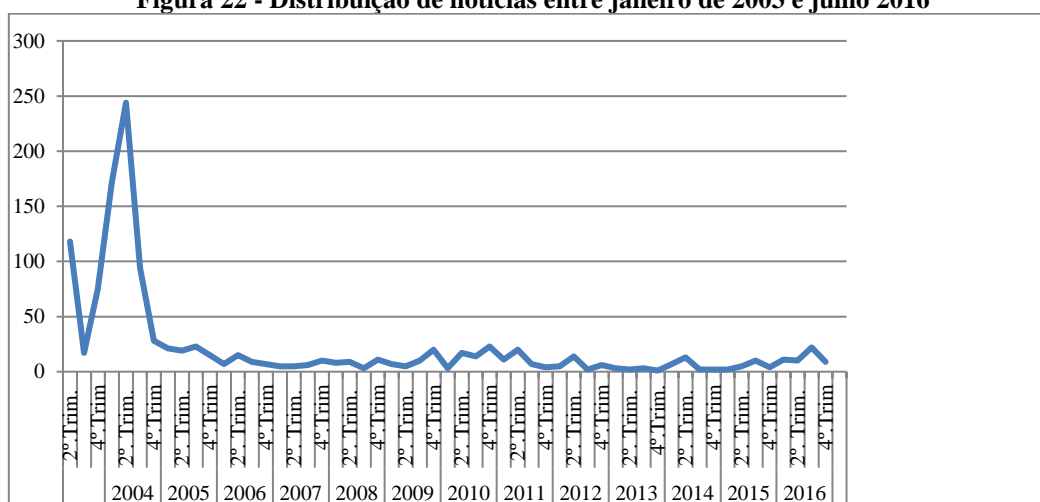
3- EURO 2004 A LONGO PRAZO

O modelo de segurança do Euro 2004 ficou circunscrito a eventos futebolísticos ou existem práticas sucedâneas aplicadas noutras situações ou em outro tipo de eventos?

Para responder a esta questão, entendemos que seria pertinente observar o comportamento dos diferentes atores e perceber como é que este evento sobreviveu no espaço mediático, tendo em conta que os efeitos a longo prazo¹⁴¹ são um dos aspetos que o *agenda-setting* levanta, na medida em que a” compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida por empréstimo” (Shaw *Apud* Wolf, 1995:130), pelos *media*, uma vez que “incluem ou excluem aquilo que estes incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” (Shaw *Apud* Wolf, 1995: 130).

Na nossa pesquisa, a partir de entrevistas, análise documental e análise quantitativa, verificámos que o Euro foi muito para além do seu tempo, que as notícias publicadas sobre o evento não se limitaram ao período temporal que o antecede, ao momento do acontecimento nem aos dias seguintes (curto prazo). Procedemos, então, à análise quantitativa da imprensa escrita. Verificámos diariamente a publicação de notícias com referência ao Euro 2004 e às questões de segurança, entre janeiro de 2003 e durante um longo período de tempo que liga o Euro 2004 ao Euro 2016.

Figura 22 - Distribuição de notícias entre janeiro de 2003 e julho 2016



Fonte: Elaboração Própria

¹⁴¹C.f Wolf, estes efeitos são “o tipo de efeitos que já não diz respeito às atitudes, aos valores, aos comportamentos dos destinatários, mas que é um efeito cognitivo sobre os sistemas de conhecimento que o indivíduo assume e estrutura de uma forma estável, devido ao consumo que faz das comunicações de massa. Em segundo lugar, muda o quadro temporal: já não são efeitos pontuais, ligados à exposição à mensagem, mas efeitos cumulativos, sedimentados no tempo”(1995:126).

Durante o período que antecede o Campeonato Europeu de Futebol e o período que o precede, podemos observar um aumento exponencial de notícias a partir do 3^a trimestre de 2003 atingindo um pico nos dias em que decorreu o campeonato e começando a decrescer gradualmente a partir do final do mesmo.

Verificamos ainda que, de acordo com a hipótese levantada, as notícias que abordam as questões de segurança surgem em número mais elevado com maior incidência nos dias seguintes aos atentados terroristas em Madrid a 11 de março de 2004, superando as notícias relativas ao campeonato.

Neste contexto, é relevante observar que numa análise diacrónica, após o fim do campeonato, verifica-se o efeito de *loop*¹⁴², uma vez que o Euro 2004, metáfora de sucesso e de orgulho nacional, não deixa de ser notícia, ressurgindo com mais expressão associado a outros eventos ou acontecimentos, tais como jogos de risco, as visitas papais, a cimeira da NATO (onde é mencionado como referência, como um modelo em termos de segurança), ou ainda como experiência de referência no currículo dos militares da GNR enviados para missões internacionais em Timor e na Bósnia, como é o caso do capitão de infantaria, que, em 2009, se destaca por ter “experiência no policiamento de jogos de futebol”, uma vez que “foi um dos oficiais destacados na operação de segurança Euro 2004”¹⁴³

O Euro 2004 ganhou uma identidade própria, uma significação, como vimos no capítulo anterior, e, por isso, as referências que surgem não cabem estritamente nas efemérides, mas apresentam um Euro 2004 como modelo ou como referência simbólica de sucesso, da capacidade de organizar e de concretizar. “Estiveram cá várias outras Forças Policiais para saber como é que fizemos, como é que tínhamos organizado e planeado a segurança do evento” (Marcelino, 2017: 111).¹⁴⁴

Sempre que em Portugal ocorre algum evento relevante que obrigue a medidas de segurança mais rigorosas, o Euro 2004 surge como exemplo, tanto no âmbito desportivo com a organização do policiamento dos jogos de alto risco, como as finais das diferentes competições, nacionais e internacionais ou nos dérbis entre as principais equipas do campeonato português,

¹⁴² “Análises comparativas diacrónicas permitem encontrar padrões de enquadramento (*loop*) de temas no espaço público, e compreender a evolução da perceção e apresentação de um assunto ao longo do tempo.” (Gradim 2016:73)

¹⁴³ C.f. Correio da Manhã de 2 de fevereiro de 2009: 10

¹⁴⁴ C.f. Anexo III

como em eventos de outra natureza, mas nos quais estejam envolvidas entidades governamentais ou religiosas, ou como já foi referido, o caso da cimeira da NATO em 2010 e das visitas papais em 2010¹⁴⁵ e 2017.¹⁴⁶ A jornalista Valentina Marcelino recorda, em entrevista, que “fomos admirados internacionalmente porque, aqui, a cimeira da NATO correu bem”. E acrescenta ainda outra circunstância: durante a visita do Papa Bento XVI, em reportagem na sala de situação da PSP “estava uma dezena de polícias estrangeiros, entre os quais polícias da *Metropolitan Police of London*, que estavam a ver como é que estavam aqui a organizar a operação de segurança” (Marcelino, 2017: 112).¹⁴⁷

Na referida reportagem do *Diário de Notícias* de 12 de maio de 2010, por ocasião da visita papal, Meredydd Hughes, indigitado pelo Ministério do Interior para coordenar a segurança da visita papal a Inglaterra, afirmava que “Portugal tem reputação internacional de ter uma excelente polícia e uma grande experiência de sucesso na segurança de grandes eventos, como se viu no Euro 2004”.

Nos eventos desportivos, o modelo do Euro 2004 está presente naquilo a que conceptualmente se passou a designar “desporto em ambiente de festa”, que implica um modelo¹⁴⁸ de policiamento menos musculado, de proximidade, a aplicação de regras claras nas questões relacionadas com a política de bilhética, acompanhamento de adeptos e claques. Também foram adotadas medidas excecionais (como o encerramento temporário do Espaço *Schengen*¹⁴⁹, o que ocorreu pela primeira vez durante a realização do Campeonato Europeu de Futebol em território Português entre 12 de junho e 4 de julho de 2004). No seu conjunto, todos estes procedimentos, resultam da estratégia de segurança que deu origem ao pacote legislativo¹⁵⁰ desenhado e aprovado para o efeito.

A reputação do Euro 2004, enquanto referência para a organização da segurança de grandes eventos surge, quase de imediato, como nos conta o então Secretário de Estado da

¹⁴⁵ “Lisboa sem crime num dia em que os polícias saíram à rua”. *Diário de Notícias*. [Em Linha]. (12/05/2010). Disponível em: <https://www.dn.pt/dossiers/sociedade/bento-xvi-em-portugal/noticias/lisboa-sem-crime-num-dia-em-que-os-policias-sairam-a-rua-1567592.html> [Consultado em 03/03/2018]

¹⁴⁶ “Portugal vai fechar fronteiras durante a visita do Papa”. *Público*. [Em Linha]. (03/03/2017). Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/03/30/sociedade/noticia/portugal-vai-fechar-fronteiras-durante-a-visita-do-papa-1767081> [Consultado em 03/03/2018]

¹⁴⁷ cf Anexo III

¹⁴⁸ “O modelo dito *civilista* e de *low profile* foi seguido sempre que possível e mostrou-se adequado ao ambiente e às circunstâncias. Também, e quando, por exceção, foi necessário recorrer à intervenção policial para a reposição da ordem pública, a atuação das forças de segurança especializadas foi correta, gradual, proporcional e eficaz”. (CSEURO2004,2004:53)

¹⁴⁹ cf. Anexo X -15 Resolução do Conselho de Ministros n.º 65/2004 de 21 de maio

¹⁵⁰ cf. Anexo X

Administração Interna, que presidia à Comissão de Segurança para o Euro 2004: “quando o Governo mudou (em março de 2005) já tínhamos convites para a África do Sul, onde se iria realizar o próximo Mundial, e para o próximo Europeu que era na Suíça, numa organização conjunta com a Áustria.(...) As pessoas ficaram impressionadas com a nossa capacidade” (Magalhães, 2016: 96).¹⁵¹

No dia 8 de maio de 2017, vários órgãos de comunicação social davam nota do interesse do Qatar em relação à experiência portuguesa na organização do Euro 2004, pela voz do primeiro-ministro António Costa em visita àquele país, numa viagem cujo principal objetivo era promover as relações bilaterais, fomentar as relações institucionais e captar investimento estrangeiro. O Euro 2004 surge como um bom exemplo na medida em que as autoridades do Qatar, tendo em vista a preparação do Mundial de Futebol de 2022, reconhecem este evento como um fator de crescimento económico, nomeadamente na promoção turística do país, bem como uma referência na “gestão dos sistemas de segurança”¹⁵²

¹⁵¹ cf. Anexo I

¹⁵² “Qatar interessado na experiência portuguesa com o Euro 2004”. RTP. [Em linha]. (8 de maio de 2017) Disponível em:https://www.rtp.pt/noticias/mundo/qatar-interessado-na-experiencia-portuguesa-com-o-euro-2004-costa_n1000167 [Consultado em 03/03/2018]

“Qatar interessado na experiência portuguesa com o Euro 2004”. SIC. [Em linha]. (8 de maio de 2017) Disponível em:<http://sicnoticias.sapo.pt/desporto/2017-05-08-Qatar-interessado-na-experiencia-portuguesa-com-o-Euro-2004> [Consultado em 03/03/2018]

“Qatar interessado na experiência portuguesa com o Euro 2004”. TVI24. [Em linha]. (8 de maio de 2017) Disponível em:<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/mundial-2022/qatar-interessado-na-experiencia-portuguesa-com-o-euro-2004> [Consultado em 03/03/2018]

“Qatar interessado na experiência portuguesa com o Euro 2004”. Diário de Notícias. [Em linha]. (8 de maio de 2017) Disponível em:<https://www.dn.pt/desporto/interior/qatar-interessado-na-experiencia-portuguesa-com-o-euro-2004----costa-7586438.html> [Consultado em 04/03/2018]

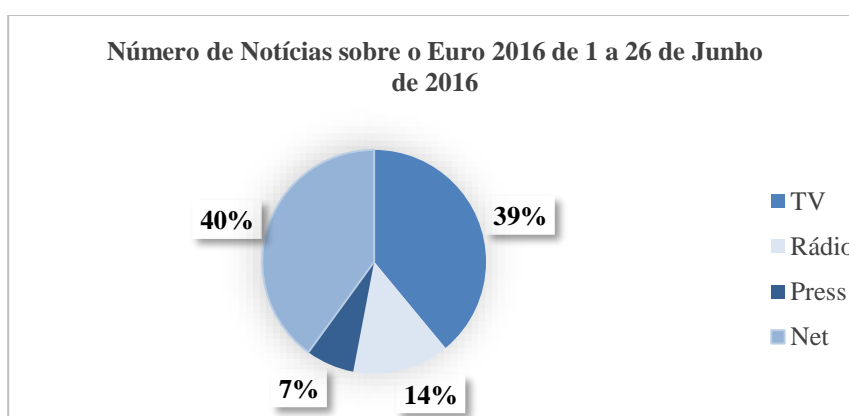
4 - REVISITAR O EURO 2004 NO EURO 2016

Voltar a 2004 é perceber que estamos no advento dos *media* digitais, porquanto os jornais *online* ainda não têm uma expressão muito relevante (recorde-se que o lançamento do *Diário Digital* e do ‘Última Hora’ do *Público* datam de 1999, e o lançamento da SIC Online acontece três anos antes, em 2001). O mundo analógico era dominante, o *broadcast* e a difusão da informação em larga escala era controlada pelos órgãos de Comunicação Social tradicionais. Ainda só se intuía a possibilidade do *self media* e das redes sociais, do universo de produtores de conteúdos se estender à escala global.

Segundo a *Marktest*¹⁵³, em 2004 registavam-se 1.258 mil internautas, dos quais 79,1% navegaram em páginas da imprensa *on-line*, o que representou um crescimento face a 2003 na ordem dos 2,6% tendo sido registado o maior crescimento em junho, com 629 mil utilizadores, facto que se atribui ao efeito Euro 2004.

Doze anos depois o cenário é bem diferente. Se, em 2004, os *media on-line* não tinham grande expressão, sendo a imprensa escrita o meio com maior número de notícias relativas ao campeonato, em 2016, durante o período de duração do Campeonato Europeu de Futebol, segundo a mesma fonte, a Internet foi o meio que publicou um maior número de notícias sobre o tema (40%), próximo do valor da televisão (39%). Na rádio foram divulgadas 14% das matérias sobre o Euro2016 e apenas 7% na imprensa escrita.¹⁵⁴

Figura 23 -Distribuição de notícias por meio Euro 2016



Fonte: Media Monitor.

¹⁵³ “Imprensa *on-line* aumenta tempo de acesso”. *Marktest*. [Em linha]. 15.02.2005. Disponível em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~716.aspx> [Consultado:07.03.18]

¹⁵⁴ “Euro 2016 motiva mais de 30 mil notícias”. *Marktest*. [Em linha]. (28.06.2016) Disponível em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~20cc.aspx> [Consultado:07.03.18]

Em 2016, os *self media* e as redes sociais são uma realidade que faz parte do cotidiano. O universo de produtores de conteúdos é global e abriu as portas a qualquer cidadão que disponha de um *smartphone*, com acesso à rede, possa assumir o papel de jornalista, aquilo a que Jay Rosen (2012) chama “*accidental journalist*”. Podemos mesmo dizer que o “Euro 2016 também se jogou nas redes sociais”¹⁵⁵, durante os dias em que decorreu o campeonato. Depois do Brexit, “os jogadores do Euro 2016 foram o segundo tema com maior *buzz*¹⁵⁶ social durante estes 31 dias, recolhendo mais de 2.4% das menções, e o terrorismo o terceiro, motivando 2.1% das referências” (Amaral, 2012:144).

Recordemos os ataques de Nice, a 14 de julho de 2016, que deixaram o mundo em choque, com os olhos postos nas imagens captadas por cidadãos anónimos que as partilharam nas redes sociais e que rapidamente se tornaram virais, difundidas pelos órgãos de comunicação social, os quais, sem qualquer cerimónia, transmitiram essas mesmas imagens. Estamos numa era para além do domínio do Quarto Poder (Ramonet1999: 39), somos interpelados por um” Quinto poder”, ou seja, o poder dos cidadãos¹⁵⁷.

Um poder que vai além da possibilidade de produzir e de difundir conteúdos, na medida em que passa a ser parte ativa na definição do *agenda-setting* uma vez que esta nova circunstância de partilha do espaço público entre meios, levou a uma alteração na hierarquia dos valores-notícia como tradicionalmente eram considerados em 2004, como vimos no ponto 2.2. Agora, as escolhas das audiências, em cada “*click*”, têm verdadeiramente influência e os “Os valores-notícia podem ser vistos, pelo menos, como um reflexo do tipo de informação que os cidadãos querem ou precisam”¹⁵⁸ (Weaver *et al. Apud* Harcup & O’Neill, 2016:4). Assim, as sucessivas revisões dos valores-notícia, enunciadas em 2016 por Harcup & O’Neill identificaram o conceito de “*sherabitily*” como fator determinante no elenco da noticiabilidade.

¹⁵⁵ Marktest, 12 de julho de 2016 [Consultado: 07.03.18] [Em linha] <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~20dc.aspx>

¹⁵⁶ Gerar: “*buzz*” (conversação viral) em torno do assunto numa escala mundial. Os ativistas, à semelhança de outros atores sociais destas revoluções, procuraram utilizar as novas práticas sociais como as “*hashtags*” para veicular as mensagens de forma eficaz e abrangente. Refira-se o interesse em promover a utilização da Internet com vista a angariar novos meios de difundir informações. Por outro lado, a disseminação de conteúdos por várias plataformas foi também uma evidência, numa perspetiva viral” (Amaral, 2012: 144).

¹⁵⁷ “O mundo passou a fluir não apenas de modo continuado, não também de forma multilinear e personalizável, nas muitas telas que compõem o nosso contemporâneo de médias convergentes, múltiplas interfaces e plurivocalidades. Usando bases de dados localizadas em máquinas com crescente capacidade de processamento e armazenamento, com possibilidade de acesso assíncrono da parte do consumidor, o jornalismo *online* encoraja o usuário (interatividade) a juntar-se aos produtores e acrescentar informação a essas bases de dados (participação e atualização contínua).” (cf. Canavilhas, 2014: 95)

¹⁵⁸ Tradução nossa.

Nesta conjuntura, os grandes eventos, embora não deixem de ter riscos, deixaram de ser um meio privilegiado para atrair oportunistas que pretendam dar visibilidade a qualquer tipo de atividade. “Se, por um lado, não se concretiza o fim da centralidade dos *media* profissionais; por outro, nascem novos «*gatekeepers*», entre utilizadores comuns e corporativos, com acesso a meios mais poderosos e múltiplas audiências” (Amaral, 2012: 142).

“Fala-se então numa nova ética da responsabilidade para os *media*, da necessidade de uma nova cidadania democrática no contexto desta emergente cultura das redes onde a Internet parece eliminar algumas barreiras, sobretudo no plano de uma *digital literacy*, que de certa maneira contribui para a formação de um recetor crítico, criativo, de um «*producer*» nos novos contextos da experiência democrática, definitivamente mais importante do que uma tecnologia «sem Conteúdo»”, segundo Daniel Innerarity (2006: 95).

Por tudo isto, pensamos fazer sentido voltar ao Euro 2004, no âmbito da segurança e da relação com os *media*, enquanto atores sociais que têm um papel relevante na perceção dos acontecimentos e na forma como estes são vividos e integrados socialmente e que “refletem o movimento das expressões, interpretações e paixões que agitam um período da vida de uma sociedade” (Moscovici *Apud* Janeira, 1971: 374).

Neste novo tempo, “depois do tempo da emissão unidirecional em *broadcast* no ecossistema mediático”¹⁵⁹(Rosen, 2012), somos convidados a refletir sobre a questão da mediação, uma vez que em que a oferta se multiplicou e as audiências “se aproximam cada vez mais da nossa imagem mental de público”¹⁶⁰, ou seja, já não se limitam a ser recetores que ouvem. “somos convidados a refletir sobre a questão da mediação, na medida em que a oferta se multiplicou e as audiências “não são uma massa de pessoas a ouvir os discursos da classe política; são pessoas afetadas por esta classe, quer façam ou não parte da audiência”, são cada vez mais flutuantes, dinâmicas e interventivas, não só como emissores de opinião, mas também como mobilizadores de ações concretas, como diz Rosen: “a função do público, uma vez informado, é ser ativo, argumentar, indignar-se com as notícias. (...) agora, o simples’ facto de as pessoas pensarem que não só devem saber o que se passa, mas também fazer algo a esse respeito, é um enorme desenvolvimento”¹⁶¹ (Rosen, 2012).

¹⁵⁹ Tradução nossa.

¹⁶⁰ *Idem*

¹⁶¹ *Idem*

No que diz respeito às questões da segurança em grandes eventos e do papel que os *media*, assumem nessa função concreta, também estamos perante um grande desafio. Entre 2004 e 2016, verificamos que a realidade se alterou profundamente com a “multiplicação de atores no processo informativo/noticioso” (Gomes *Apud* Lopes, 20:18), uma vez que “os jornalistas deixaram de deter a exclusividade do processo”. Como diz Zuckerman “na era do broadcast, a os nossos *media* eram, na sua maioria, controlados por um curador”¹⁶² (Zuckerman *Apud* Rosen, 2012)

Podemos então apontar duas dificuldades concretas, a nível da identificação dos canais e dos seus interlocutores, uma vez que, pela sua multiplicidade e pela sua convergência, cada um funciona como uma “caixa de ressonância”¹⁶³ controlada por cada recetor/emissor ou “*user-generated content*”¹⁶⁴, o qual se encarrega da seleção/triagem noticiosa e da veiculação de conteúdos uma vez que, segundo Rosen, “é difícil encontrar alternativas para aos *gatekeepers*” (Rosen, 2012). Este limbo de identidade e a seleção individual de conteúdos remetem para a questão da veracidade da informação, uma vez que as possibilidades tecnológicas tal como permitem a difusão também permitem, de forma verosímil, a construção de factos, através da manipulação de dados e da truncagem de imagens, ou seja, a produção de notícias falsas ou *fake news*.

Esta possibilidade em larga escala, quando se trata de questões de segurança, acarreta um risco acrescido uma vez que pode ter um enorme impacto social e consequências graves na medida em que poderá induzir as pessoas num erro de perceção em relação à necessidade de se protegerem quando não é necessário ou, pelo contrário, criarem uma ilusão de falsa segurança que as expõe a perigos reais. O que realça a importância de a informação ter uma chancela, um interlocutor conhecido que lhe confere uma identidade e a possibilidade de responsabilizar quem veicula a informação. “É por isso que os *media* cumprem um papel social. Têm direitos e deveres” (Pena, 2019:155).

Assim, no caso concreto da transmissão do sentimento de segurança, de que temos falado ao longo desta pesquisa, como descreve Magalhães:” na altura não havia Facebook, não havia redes sociais. Era através da comunicação social. A segurança tem um fator muito importante

¹⁶² Tradução nossa.

¹⁶³ “Caixas de ressonância” ou “*Echo Chamber*” segundo Rosen,2012

¹⁶⁴ C.f. Amaral:” Os conceitos de “*user-generated content*” e “*user-generated media*” ampliam significativamente a participação em e na rede. Efetivamente, a relação entre “*self media*”, *media* sociais, sites de rede social e a própria noção de conteúdo remete para um conjunto de elementos formadores de espaços sociais e das redes que povoam a Internet e estão em permanente mutação, numa lógica de velocidade viral” (2012:142).

que é o fator psicológico, quer do ponto de vista de quem é seguro, dos adeptos, de quem não é seguro, dos *hooligans*, e até da criação de um ambiente de segurança, através da comunicação social”¹⁶⁵ (2016: 96). Agora com a alteração do paradigma, em grande parte essa responsabilidade ficará à mercê de cada cidadão. O que de certa forma poderá explicar, num contexto de sucessivos ataques terroristas¹⁶⁶ o foco que foi dado a este tipo de ameaça e que, de algum modo, fez com que se desvalorizasse aquela que seria a mais provável neste contexto de evento futebolístico: o *hooliganismo*.

Segundo Manuel Navarrete, diretor do Centro Europeu de Contra-Terrorismo da Europol, em entrevista ao jornal *Público*, a “ameaça do autoproclamado Estado Islâmico é cada vez mais global, após os ataques terroristas de Paris e Bruxelas, por isso, todos os países europeus sentiram a necessidade e a urgência em tomar medidas proporcionais à ameaça e de adaptarem ao «novo modus operandi» protagonizado por «lobos solitários inspirados pelo extremismo jihadista» que usa uma “estratégia muito agressiva de disseminação de propaganda em fóruns da internet, assim a cooperação entre os serviços de informação teve de ser intensificada numa tentativa de antecipar atentados e identificar suspeitos, para o efeitos essa cooperação passou a ser «multilateral» em vez de ser só «bilateral» com o objetivo de obter uma maior eficácia para combater uma ameaça que é global.”

Neste contexto, o Euro 2016 foi considerado o “próximo alvo potencial”, conforme notícia do jornal *Público* que afirma que a “ameaça é elevada, sobretudo porque este é um evento com um significado especial para os cidadãos europeus. França preparou um dispositivo inédito e

¹⁶⁵ cf. Anexo I

¹⁶⁶ Segundo o Diário de Notícias, França foi alvo de diversos ataques terroristas entre 2015 e 2016: Em 2015: 07 de janeiro: Dois homens armados com entram na redação do jornal *Charlie Hebdo* e matam 12 pessoas; um homem armado faz vários reféns num supermercado judeu, matando quatro dos reféns. Os atacantes são mortos pela polícia em tiroteios e vários locais, não sem antes proclamarem o apoio ao Estado Islâmico (EI) e à Al-Qaeda; 03 de fevereiro: Um homem armado com uma faca ataca três soldados e expressa o seu ódio à França, à polícia, aos militares e aos judeus; 19 de abril, foi detido um estudante por suspeitas de ter matado uma mulher e de planejar um ataque contra uma igreja em Villejuif, um subúrbio de Paris; 26 de junho: O francês, de 35 anos, mata e decapita o seu patrão, exhibe a sua cabeça, rodeado por duas bandeiras islâmicas. Tenta explodir uma central; 13 de julho: Quatro jovens entre os 16 e os 23 anos de idade, são presos e acusados de planearem um ataque a um campo militar para decapitar um oficial em nome da 'jihad'; 21 de agosto: Os passageiros do comboio de alta velocidade que ligava Amesterdão a Paris impedem um banho de sangue ao atacar um homem que abriu fogo sobre os viajantes. 13 de novembro: No mais mortífero ataque terrorista da história francesa, vários homens com armas de assalto e explosivos atacam as imediações do Estádio de França antes do encontro de futebol da seleção local com a Alemanha, vários cafés e restaurantes e a sala de concertos Bataclan, num ataque coordenado que matou 130 pessoas e deixou mais de 350 feridas. Em 2016: 07 de janeiro: Um homem com uma faca é alvejado quando tentava atacar uma esquadra de polícia em Paris; 13 de junho: Um Jovem de 25 anos, mata um polícia e a mulher na sua casa perto de Paris. É morto pelas forças especiais, mas antes já tinha reivindicado o atentado em nome do EI nas redes sociais; 14 de julho: Um camião atropela uma multidão no Passeio dos Ingleses, em Nice, depois do fogo-de-artifício que assinala o dia da Bastilha, matando 84 pessoas e ferindo mais de 330. O EI reivindica o atentado. *Diário de Notícias*. [Em Linha]: 20/04/2017, 23:51. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/cronologia-parisatentado-ataques-terroristas-em-franca-desde-2015-6234295.html> [consultado em : 05/03/2018]

também estabeleceu um centro de coordenação internacional” tendo o Centro Europeu de Contra-Terrorismo (ECTC) como missão “melhorar a troca de informação e também a capacidade de análise, lançando mão das nossas bases de dados e recursos de inteligência financeira. (...) Outra valência é a luta contra a propaganda terrorista *on-line* e atividades de extremismo violento, para apoiar investigações em curso nos Estados-membros. (...) Focamo-nos sobretudo nas principais redes sociais. (...) Outra prioridade são as contas que fornecem um serviço de tradução: por exemplo, recebem uma mensagem em árabe, traduzem-na para diferentes línguas e difundem-na pelas redes sociais”¹⁶⁷.

Perante este cenário, as autoridades francesas não escondiam a preocupação e a gravidade, como relatava Patrick Calvar, chefe dos serviços secretos gauleses: “Já ninguém disfarça o nervosismo perante o enorme desafio de segurança que aquela competição acarreta, em especial por se realizar no país mais duramente atingido, nos últimos meses, pelo terrorismo islâmico”¹⁶⁸.

“A França é hoje, sem dúvida o país mais ameaçado e sabemos que o Daesh prepara novos ataques”, disse ele perante os deputados da Comissão de Defesa do Parlamento francês, numa alocução de que só agora se conhecem pormenores. Como consequência imediata os parlamentares aceitaram a proposta do Governo francês para ampliar, pela terceira vez consecutiva, o estado de emergência até 26 de julho. Isto significa que os cerca de 2,5 milhões de visitantes esperados em França vão estar sob apertadas medidas de vigilância”¹⁶⁹.

Assim, no início do campeonato, o foco, o discurso jornalístico, o passa a palavra ou *EWOM* (*eletronic word-of-mouth*)¹⁷⁰ e o *buzz* das redes sociais estavam alinhados na ameaça do terrorismo. O discurso das autoridades, tanto ao nível político como das forças de segurança é prudente e não afasta as ameaças nem o risco. Pelo contrário, integram essa realidade e vão ao encontro das novas estratégias para fazer face à situação, não se limitando aos tradicionais meios de comunicação social. O Executivo Francês lançou uma aplicação contra o terrorismo com o objetivo de poder alertar as populações sobre eventuais ataques terroristas durante o Campeonato da Europa, “enviar alertas em caso de suspeita de ataque e servirá de complemento

¹⁶⁷ cf. “O Estado Islâmico atingiu uma eficácia nunca vista”. *Público*. [Em Linha]. 11.06.16, disponível em: <https://www.publico.pt/2016/06/11/mundo/entrevista/manuel-navarrete-o-estado-islamico-atingiu-uma-eficacia-nunca-vista-1734740> [consultado em:21/06/2016]

¹⁶⁸ cf *Visão* de 26.05.16:16

¹⁶⁹ *Idem*

¹⁷⁰ “Fenómeno das comunicações interpessoais, ao qual se apelidou de “passa palavra” (*word-of-mouth*) (Casielles *et al*, 2013 *Apud* Silva, 2016:13)

ao habitual dispositivo de alarme”, como relata o *Jornal de Notícias*, porque “já ninguém consegue fazer desaparecer o fantasma do terrorismo”¹⁷¹.

Quando os primeiros incidentes de violência nas ruas das cidades que acolheram os jogos vieram lembrar que a habitual ameaça nestas situações continuava a ser a mesma e o *hooliganismo* ressurgiu no discurso dos *media*. Como escreve José Milhazes no *Observador*, o terrorismo fez esquecer os “*hooligans* - Os violentos confrontos entre *hooligans* ingleses e franceses parecem mostrar que as forças de segurança francesas concentraram todos os seus esforços no combate ao terrorismo islâmico e esqueceram-se de uma praga ainda mais antiga”¹⁷², bem como a referência ao Euro 2004.

A 12 de Junho de 2016, a revista *Sábado* dava nota dos “confrontos violentos entre (cada vez mais) adeptos espalham-se por França: “As autoridades francesas estão preparadas para enfrentar cenários de possíveis ataques terroristas e o país está em alerta total, mas nos primeiros dias do Euro 2016 têm sido os *hooligans* o centro das principais preocupações”¹⁷³.

Segundo Nuno Magalhães, “houve uma atenção exclusiva à ameaça terrorista, não à ameaça do *hooliganismo*. Por isso mesmo, desvalorizou-se a prevenção. Desvalorizou-se essa ameaça e desvalorizou-se a cooperação internacional, nomeadamente na partilha de dados, na partilha de listas de adeptos potencialmente perigosos. França está em estado de emergência, mas não percebo porque é que não se fechou fronteiras. Portugal foi o primeiro país da zona Schengen a fechar fronteiras a propósito do Euro 2004” (2016: 96).¹⁷⁴

Como relembra o *Observador* em “A segurança do Euro 2004. Quando ainda não havia Estado Islâmico, só Al Qaeda”¹⁷⁵ fazendo uma comparação com a situação mais recente em termos de preparação, “a ameaça terrorista era uma realidade, após o 11 de setembro, nos EUA, e o 11 de março em Espanha. (...) Em 2004. Ainda não havia Estado Islâmico, mas o Campeonato Europeu de Futebol, em Portugal, iria realizar-se na sombra de dois grandes atentados terroristas: o 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, e o 11 de março de 2004, em Madrid.

¹⁷¹ c.f. *Jornal de Notícias* de 09.06.17:50

¹⁷² c.f. “O terrorismo fez esquecer os *hooligans*”. *Observador*. [Em Linha]. 12/06/2016, 13:44. Disponível em: <http://observador.pt/opiniao/o-terrorismo-fez-esquecer-os-hooligans/> [consultado em 07.03.18]

¹⁷³ c.f. “Confrontos violentos entre (cada vez mais) adeptos espalham-se por França” *Sábado*. [Em Linha]. 12/06/2017. Disponível em: http://www.sabado.pt/bau/euro2016/detalhe/confrontos-com-cada-vez-mais-adeptos-espalham-se-por-franca?ref=DET_relacionadas_desporto [Consultado em 19.10.17]

¹⁷⁴ c.f. Anexo I

¹⁷⁵ c.f. “Segurança do euro 2004. Quando ainda não havia Estado islâmico, só Al Qaeda”. *Observador*. [Em Linha]. 10/06/2016, 17:05. Disponível em: <http://observador.pt/2016/06/10/a-seguranca-do-euro-2004-quando-ainda-nao-havia-estado-islamico-so-al-qaeda/> [consultado em 21.06.17]

As autoridades portuguesas prepararam-se para o pior e acabaram por servir de exemplo a outros países europeus. (...) O Europeu de França arranca agora sob a sombra do terrorismo do Daesh, com medidas incomuns de segurança, num país que sofreu dois atentados num ano”.

No seguimento dos confrontos entre *hooligans* de junho de 2016 em Marselha e Lille, o desportivo espanhol *Marca*¹⁷⁶ publica um artigo sobre a origem do fenómeno do *hooliganismo* nas grandes competições e traça a rota europeia, entre 1967 e 2016, fora das fronteiras inglesas, com os episódios mais marcantes pela violência e pelo elevado número de vítimas, ascendendo os feridos às centenas e, em alguns casos, às dezenas de mortos, em resultado destes incidentes: Turquia em 1967; com cerca de 600 feridos e 40 mortos; Grécia em 1982-91; Bélgica em 1985 com 39 mortos; Ucrânia em 1987; onde os confrontos envolveram mais de 800 pessoas; Polónia em 1993; Holanda em 1997; Turquia em 2000; Itália e França em 2001; Suécia em 2002; Alemanha e Suíça em 2006; República Checa em 2008; Sérvia em 2010; Espanha em 2014 e, novamente, França em 2016.

Neste elenco, o Euro 2004 destaca-se pela ausência, evidência do sucesso do planeamento e preparação da operação de segurança e do modelo civilista que retirou as forças de segurança de dentro dos estádios com a introdução dos assistentes de recinto desportivo (ARD) e que na primeira linha adotou postura amigável e de proximidade, mas com capacidade para reagir de forma musculada sempre que tal fosse necessário. Foi o caso dos incidentes de Albufeira, aos quais a pronta e eficaz resposta acabaram por resolver os confrontos em poucos minutos e não deixar memória da sua existência, como recorda o Secretário de Estado da Administração Interna. “Em Albufeira, tivemos uma intervenção sobre *hooliganismo*, mas foi minimizado, as pessoas até se esquecem disso, dizem que não houve nenhum incidente de *hooliganismo* no Euro 2004, o que é mentira, houve uma intervenção musculada da GNR no Algarve, porque nestas intervenções o objetivo é ser o mais rápido possível para repor a ordem pública, com um efeito dissuasor e que sirva de exemplo para o futuro” (Magalhães, 2016 : 92).

Assim, podemos dizer que a estratégia de segurança do Euro 2004 alterou para sempre o paradigma da segurança em eventos desportivos e que, decorrido este tempo, podemos identificar a existência do “modelo Euro 2004”, o qual se fez sentir pela ausência, por ser uma abordagem amigável que esvaziava os focos de violência tradicionais nestes eventos. “A razão

¹⁷⁶Marca, 20.06.2016. La semilla de la violencia “*hooligan*” Disponível em: <https://www.marca.com/futbol/eurocopa/2016/06/20/57679352468aeb33708b4644.html> [Consultado em 28.06.2016]

é essa, é a consciência que as autoridades francesas têm que qualquer cidadão francês legalmente residente em França, porque é cidadão francês, pode ser um potencial terrorista. Parece é que uma preocupação máxima, absolutamente máxima sobre o terrorismo e não sobre o outro tipo de ameaça, que também existe em todos os campeonatos, neste, no anterior, no Euro 2004 e no próximo, que é o *hooliganismo*” (Magalhães, 2016: 98)¹⁷⁷.

Como relata em entrevista a jornalista Valentina Marcelino, “a realidade é outra e, de facto, perante a ameaça vigente é normal que o policiamento seja mais musculado e sendo o policiamento mais musculado proporciona situações de conflito, é inevitável. Uma coisa são os adeptos a quererem divertir-se e terem pela frente uns polícias normais dialogantes, outra coisa é ter polícias fortemente armados que não têm palavras, nem conversas, nem diálogo” (Marcelino, 2017: 112-113).¹⁷⁸O modelo que para Magalhães “é exportável e tem sido exportável nas grandes competições, cada vez é mais modelo civilista” (2016:97)¹⁷⁹.

Assim, poderemos dizer que o mundo está diferente, os meios são outros a forma como comunicamos sofreu alterações, mas a natureza humana ainda prevalece e a dinâmica de grupo associada à violência em eventos desportivos, nomeadamente ao futebol, ainda é uma realidade, pelo que a experiência acumulada continua a ser útil, com as necessárias adaptações a cada circunstância. Ainda assim, verificamos que o modelo utilizado no Euro 2004 se mantém, não só como referência, mas como um instrumento válido para o futuro. Ainda assim, será necessário ter em conta a nova realidade, integrar os novos modos de comunicar, incluindo os *new media*, de forma a conseguir, do ponto de vista do emissor, uma maior penetração nas audiências e eficácia para veicular mensagens que sejam credíveis e capazes de gerar confiança¹⁸⁰. Do ponto do recetor, a exigência é maior na medida em que, além do esforço habitual para se exporem e processarem a informação, tem de fazer um esforço adicional de triagem da informação e de validação da veracidade da mesma, tarefas para as quais pode não ter as competências necessárias.

¹⁷⁷ cf. Anexo I

¹⁷⁸ cf. Anexo III

¹⁷⁹ cf. Anexo I

¹⁸⁰ “A confiança é um dos elementos centrais, já teorizados por Simmel como uma forma de conhecimento indutivo, ou por Luhmann como um mecanismo de redução da complexidade – de normas de reciprocidade e de objetivos partilhados entre indivíduos. O capital social pode, segundo Putnam, ser medido pela acumulação da confiança, normas e redes. Da sua conjugação resulta o equilíbrio social.” (Lopes, 2017:83)

5 - CONCLUSÃO

Estudar este caso concreto ajuda-nos a perceber duas coisas: a importância que o papel do discurso dos *media* assume na percepção que temos da realidade e a importância que essa percepção tem no equilíbrio do sistema social. Esta segunda dimensão é ainda mais expressiva quando aquilo que está em causa são questões de segurança.

Nesta pesquisa, concluímos que existiu uma boa articulação entre o discurso político e operacional e que se foi construindo uma relação de confiança com o discurso mediático. Podemos dizer que, cada um dos atores, representantes dos três *frames* considerados (político, operacional e mediático), ao ter assumido o seu papel, cumpriu uma função específica.

Os *frames* político e operacional foram responsáveis pela definição de uma estratégia com base no conhecimento adquirido, tanto a nível nacional como internacional (identificação de ameaças e necessidades, aquisição de meios, preparação de um quadro legal adequado às circunstâncias, cooperação internacional e coordenação entre o poder político, a comissão de segurança em articulação com todas as forças e serviços de segurança envolvidos e, por fim, a implementação no terreno, que ainda antes do início do evento envolveu situações de treino e simulacros).

O *frame* mediático, ao acompanhar a preparação fez o escrutínio, questionou, verificou e informou, deu voz aos restantes atores que, desta forma, colocaram no espaço público os diferentes enquadramentos ou *frameworks* e o confronto entre discursos, coadjuvados pelos acontecimentos e factos dos dias do Euro 2004, os dias do medo, os dias da festa e por fim os dias do sucesso e do orgulho.

Percorremos todo o caminho deste evento, assistindo a uma metamorfose do discurso jornalístico que nos conduz por um trajeto de significação, que liga os diferentes paradigmas construtores do significado do Euro 2004.

Verificámos a importância da comunicação para garantir a homeostasia do sistema social, um equilíbrio que contempla a existência de objetivos comuns a que chamámos de “desígnio nacional”, em função do qual agimos e partilhámos informação com clareza, com verdade.

Percebemos também que o “improvisado à portuguesa”, quando assenta em trabalho e preparação, é uma importante mais-valia e revela a capacidade de fazer face aos verdadeiros

acontecimentos. Neste contexto é a capacidade de adaptação às circunstâncias porque, quando estamos a lidar com pessoas, a realidade sobrepõe-se sempre às ideias.

No mundo global, numa sociedade de risco, esta capacidade de adaptação é uma característica imprescindível tendo em conta as ameaças e a imprevisibilidade dos nossos dias. Neste sentido, “as pessoas ficaram impressionadas com a nossa capacidade de improviso” (Magalhães,2016:96).

Existe um país antes do Euro 2004 e existe um país depois do Euro 2004. Ou seja, podemos dizer que é o ícone da mudança, uma metáfora para a mudança de paradigma entre o insucesso e o sucesso, entre a incapacidade e a concretização, a não inscrição e a inscrição entre o “Medo” e a “Festa”.

Segundo o General Leonel Silva Carvalho, acabámos “em clima de festa, embora tivéssemos perdido a final, o que foi um desgosto muito grande, mas foi tudo excelente e isso foi reportado pela imprensa internacional” (2017:102)¹⁸¹.

Num mundo em que tudo se sobrepõe, em que o público e o privado nos são apresentados como uma mescla, em que o funcionamento das instituições se confunde, percebemos que a articulação e a cooperação foram possíveis porque cada um sabia qual era o seu lugar, que função lhe competia. Não foram só os jogadores que foram convocados: cada português foi chamado a participar, cada cidadão tinha um papel a desempenhar e pôde contribuir para a causa comum.

No final do dia, é este escrutínio que faz o juízo final, é neste momento que a opinião pública é chamada a fazer a verificação daquilo que foi dito, se há convergência entre factos e os discursos, entre o sentimento de segurança e a perceção do mundo que nos rodeia. No caso do Euro 2004, a revelação desta convergência de verdades resulta em credibilidade da fonte e confiança na mensagem. Foi esta confiança que levou as pessoas a irem para a rua festejar e que remeteu para o esquecimento as incertezas, a desconfiança, as ameaças e o medo, para dar lugar à festa e ao sentimento de pertença e de orgulho.

Assim, em resposta a uma das nossas perguntas, (“ Dos diferentes níveis de discurso, o que ficou?”), podemos dizer que ficou um modelo civilista de policiamento, aquele que faz uma

¹⁸¹ Cf. Anexo II

abordagem amigável. Um modelo que aposta na visibilidade e na dissuasão, na rápida resolução dos pequenos conflitos, de modo a que estes não cheguem a assumir proporções de maior violência. Um modelo que, em vez de impor, prefere propor a adoção de comportamentos de segurança.

Por fim, podemos dizer que um evento desta dimensão que decorre sem incidentes de maior é um símbolo, um sucesso, um orgulho, o retorno do trabalho de muitos e o resultado do envolvimento de todos num verdadeiro desígnio nacional, que só foi possível pela relação de confiança construída em cima da verdade, a primeira obrigação dos jornalistas, que, em segundo lugar, se devem manter leais aos cidadãos (Kovach e Rosenstiel, 2001) de forma a proporcionarem o devido acesso à informação, garante da autonomia e liberdade nas sociedades democráticas.

Se o Euro 2004 se transformou, nos diferentes discursos e, de modo especial, no discurso mediático num símbolo nacional, um acontecimento cuja magnitude o inscreveu, a par dos Descobrimentos, como um dos grandes feitos nacionais, também é a unidade de medida que nos ajuda a perceber o quanto a segurança é importante para o equilíbrio da sociedade e o papel que os *media* têm nessa matéria.

O constante escrutínio dos *media* em todas as fases do Euro 2004 e todo o processo de construção da mensagem assente no trabalho jornalístico, através da verificação da informação, gerou uma relação de confiança com os responsáveis pela segurança e foi fundamental na perceção da segurança junto da opinião pública .

Na mesma medida, decorridos 12 anos, na análise alargada que fazemos até ao Euro 2016, com a crescente relevância dos novos meios, verificamos a alteração profunda deste equilíbrio. Porque a produção e divulgação da informação deixa de ser um exclusivo dos *media*, que deixaram de estar em concorrência com os seus pares para entrarem na corrida com todos os que têm acesso à rede. Esta corrida que passou a ser um *sprint* marcado pela instantaneidade e pela convergência anula o tempo de reflexão e verificação da informação e esbate as diferenças entre géneros jornalísticos.

Neste contexto, onde prolifera a desordem informacional, onde coabitam, e por vezes, se confundem a *mis-*, *dis-* and *mal-information*, podemos também verificar que, sempre que falamos na difusão de informação e na veiculação de mensagens, importa confirmar a veracidade da informação, em especial quando está em causa matéria de segurança. Ou seja, ,

este estudo reforça a importância da necessidade de encontrar mecanismos de verificação da informação, de creditação e responsabilização das fontes e da curadoria na seleção da informação veiculada. Em matéria de segurança, de manutenção do sistema social e, até mesmo em termos de autopreservação, é relevante recuperar o processo jornalístico e criar mais chancelas ou marcas de confiança para a informação.

6 - BIBLIOGRAFIA

Almeida, João Luís Pereira de (2013) - **Gestão de eventos desportivos: o controlo de multidões e os seus intervenientes na segurança dos estádios**. Lisboa. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/5665>[Consultado em: 25.07.2016]

Almeida, Reginaldo Rodrigues (2004) **Sociedade Bit: Da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento**. Lisboa: Fomento ISBN 978-972-29-304

Amaral, Inês (2012)- **Participação em rede: do utilizador ao “consumidor 2.0” e ao “prosumer”**. CECS/Universidade do Minho e Instituto Superior Miguel Torga Revista Comunicação e Sociedade. v.22 Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/91> [Consultado em: 07.03.18]

Arantes, Rita de Cássia Bastos (2011)- **Arquitecturas espaciais em textos poéticos: abordagem cognitiva dos sonetos ingleses de Fernando Pessoa**. Lisboa. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4146> [Consultado em: 25.Mar. 2016]

Araújo, Jair e Costa, Joicy Suely Galvão da (2001)- **Compreender: Reflexões Bourdianas sobre a Interação de entrevista; bourdieu, Pierre - A miséria do Mundo**. Petrópolis, Editora Vozes. Revista Inter-legere. 09. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09le02.pdf> [Consultado 20.07.16]
ISSN19621662

Arendt, Hannah (2001) **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. Lisboa: Antropos/Relógio D'Água. ISBN 972 -708637 -3

Berlo, David Kenneth (1999) **O Processo da Comunicação Introdução à Teoria e à Prática**. São Paulo: Martins Fontes Editora. ISBN 85-336-1029-7

Cadima, Francisco Rui (2010) - **Média, política e crise de sentido**. Comunicação e Sociedade. vol.18,Braga. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/990> [Consultadoem:15.06.16]

Carvalho, Anabela (2000) - **Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações**. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Cadernos do Noroeste: série comunicação". Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/5520> [Consultado em: 25.Mar.2016]. ISSN 1645-2089.14:1-2

Castells, Manuel (2005)- **La Era De La Informatioón. Economía, Sociedad y Cultura**Vol.1 La sociedade Red. Madrid Alianza Editorial. ISBN-13 – 978-8420677002.

Cazeneuve, Jean *et al* (1976) - **Guia Alfabético das Comunicações de Massa** Lisboa: Edições 70. ISBN 972-44-0333-5

Correia, João Carlos (1998) **Jornalismo e Espaço Público**. Covilhã: Universidade da Beira Interior. ISBN 972-9209-59-6

Damásio, António (2003) **Ao Encontro de Espinosa**. Mem Martins: Publicações Europa-América. Edição nº. 154158/8296.

Damásio, António (2020) **Sentir & Saber – A caminho da consciência**. Lisboa. Temas e Debates – Círculo de Leitores. 1ª Edição ISBN 978-989-644-540-9

Duarte, Teresa (2009)- **A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)**.Lisboa: CIES-ISCTE, (CIES e-Working Paper, 60). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1319> [Consultado 25.Mar. 2016} ISSN 1647-0893.

Eco, Umberto (1989) **Obra Aberta**. Lisboa: DIFEL. ISBN 972-29-0039-0

Eco, Umberto (2004) **O Signo**. Lisboa: Editorial Presença. Título original: *Segno*. ISBN 972-23-1297-9

Fiske, John (2001) **Introdução ao Estudo da Comunicação**. Porto: Edições ASA. ISBN 972-41-1133-4

Gaillard, Philippe, (1971) **O Jornalismo**. Mem Martins: Publicações Europa-América *Technique du Journalisme*. ISBN 972-7089-36-9

Gil, José (2004) **Portugal, Hoje O Medo de Existir**. Lisboa: Relógio D'Água. ISBN972-708-817-1

Gomes, Manuel Fernando Martins (2013) - **A violência das claque, uma etnografia interpretativa e discursos legitimadores**. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/3904> [Consultado 25.Mar.2016].

Gradim, Anabela (2016) **Framing o enquadramento das notícias**. Lisboa: Livros Horizonte, LDA. ISBN 978-972-24-1828-7

Harcup, Tony; O'Neill, Deirdre (2016)– *What is news? News values revisited (again)*. *Journalism Studies*. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2016.1150193> [Consultado em: 14.03.18] ISSN: 1469-9699

Innerarity, Daniel (2004) **La Sociedad Invisible**. Madrid: Espasa Calpe, SA,. ISBN9 84-670-1597-7

Innerarity, Daniel (2006) **O Novo Espaço Público**. Lisboa: Editorial Teorema, SA ISBN978-972-695-906-9

Janeira, Ana Luísa (1971) - **A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: natureza e aplicações**. Lisboa: Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41008398> [Consultado 25.Mar.2016]

Kovach, Bill e Rosenstiel, Tom (2001) **Os Elementos do Jornalismo**. Coord. Joaquim Fidalgo e Manuel Pinto. Porto: Porto Editora, Título Original: *The elements of journalism*. 223 p. ISBN972-0-45257-9

Lalanda, Piedade (1998)- **Sobre a Metodologia Qualitativa na Pesquisa Sociológica.** Análise Social. Lisboa XXXIII 148. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf> [Consultado 25.03.2016]

Lima, Marinús Pires de - **O inquérito sociológico: problemas de metodologia.** Análise Social. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa Vol.IX, 35/36,1972. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224260943V6zYE4uv8Ef71FH8.pdf> [Consultado 25.03.2016]

Lopes, Paula (2017) **A idade dos Media- Media, jornalismo e cidadania na contemporaneidade: conceitos e dicas para uma leitura orientada.** . Faro: Editora Silabas & Desafios. ISBN: 978-989-8842-25-1

Lopes, Paula (2014) - Literacia mediática e cidadania: práticas e competências de adultos em formação na Grande Lisboa. Lisboa: ISCTE-IUL. Tese de doutoramento. Disponível em [www:<http://hdl.handle.net/10071/8666>](http://hdl.handle.net/10071/8666) [Consultado 07.03.18]

Luhmann, Niklas (2001) - **A improbabilidade da comunicação.** Lisboa: Veja. ISBN 972-699-349-0

Mantovani, Harley Juliano (2003) -**Arqueologia Fenomenológica de Merleau-Ponty.** Revista eletrónica Print By UFSJ/ Metanoia [Em Linha]. N.º5. Disponível em: http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/merleau04.pdf [Consultado em 4.03.18]

Marques, Edgar da Rocha *et al.* (2016) **Percepção e Conceito** – Revista Portuguesa de Filosofia Braga: Aletheia. ISBN978-972-697-264-8

Mattelart, Armand e Michèle (2002) - **História das Teorias da Comunicação.** Porto: Campo das Letras. ISBN 972-610-002- x

Melo, Raquel Alexandra dos Santos Reis de (2007)- **O impacto do Euro 2004 na percepção da Marca Portugal.** Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto

Superior de Economia e Gestão. Dissertação de Mestrado Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/871>[Consultado 25.03.2016]

Mendes, João Maria (2001) – **Por Quê Tantas Histórias- O Lugar Do Ficcional Na Aventura Humana**. Coimbra Minerva. ISBN 972-798-028-7

Mendes, José Manuel (2015)- **Ulrich Beck: a imanência do social e a sociedade do risco** *Análise Social*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 214,1(1.º) Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_214_o01.pdf [Consultado em 06.11.17] issn2182-2999

Mesquita, Mário (2003) - **O Quarto Equívoco, O Poder dos *Media* na Sociedade Contemporânea**. Coimbra: Minerva. ISBN 972- 798-083 -X

Moreira, Adriano (coordenador) (2004) - **Terrorismo**, Coimbra: Almedina. ISBN 972-40-2091-6

Moreira, Fabiana Barbosa (2006) – **Os Valores-Notícia no Jornalismo Impresso**. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação, apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf> [Consultado em 06.03.18]

Pena, Paulo (2019) – **Fábrica de mentiras – Viagem ao Mundo das Fake News**. Lisboa: Objectiva. ISBN 978-989-665-887-8

Pereira, Maria Helena da Rocha (2003) - **Estudos de História da Cultura Clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 972-31-0799-6.

Ramonet, Ignacio (1999) - **A Tirania da Comunicação**. Porto: Campo das Letras. ISBN 972-610-193-X

Ribeiro Sofia (2015)- **Spin Doctors: Manipulação ou Comunicação Estratégica?** *Revista Comunicando, A Sociedade em Foco: Globalização, questões políticas e*

desafios sociais Vol.4 Disponível em:
<http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20151229-spin.pdf> [Consultado em: 19.02. 2018]

Ribeiro, Filipa Perdigão (2010)- **The discursive construction of Portuguese national identity in the media thirty years after the 1974 revolution.** Lancaster. .PhDThesis.LancasterUniversity. Disponível em:
<://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/1390> [Consultado 25.Mar.2016]

Rosen, J. (2012) - “**Three-layer Journalism cake**”, MIT Center for Civic *Media*. Disponível em: <https://civic.mit.edu/blog/mstem/jay-rosens-three-layer-journalismcake> [Consultado 07.03.2018]

Santos, José Rodrigues dos (2001) – **Comunicação**. Lisboa, Prefácio. ISBN 972-8563-46-9

Saperas, Enric (2000) - **Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas**. Porto: Edições ASA, . ISBN 972-41-1134-2

Silva, Claudinei Aparecido de Freitas da (2012)- **A estrutura do sentido**. Revista Trans/Form/Ação, S. Paul v.35,n.03 (OASISbr) Disponível em: <https://www.rcaap.pt/detail.jsp?id=oai:periodicos.ibict.br.RevistaFilosofia:oai:ojs.www2.marilia.unesp.br:article/2622> [Consultado em:15.07.16]

Silva, Gisele (20105) - **Valores-notícia: atributos do acontecimento1** (Para pensar critérios de noticiabilidade Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia, V.2,n.1 Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/27944232744219019527870145197533508038.pdf> [Consultado em 05.03.18]

Silva, Victor Mateus Ferreira da (2013) - **Comunicação de risco em saúde : a importância do eWOM** Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/3327> [Consultado 11.07.2021]

Sousa, Bibiana Maria Fernandes de (2011) - **Mapeando mundos no mundo de futebol: abordagem semiótico-cognitiva dos *media* alemães.** Lisboa. Tese de doutoramento, Linguística (Linguística Alemã), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/5115> [Consultado em: 25.Mar.2016]

Stott, Clifford *et al.* (2007)- **Variability in the collective behaviour of England fans at Euro2004: ‘Hooliganism’. public order policing and social change** European Journal of Social Psychology. Vol. 37, issue 1 Disponível em: http://s.muni.cz/el/1423/jaro2010/PSY222/um/11678300/Variability_in_the_Collective_Behaviour_of_England_fans_at_Euro_2004__Scott_et_al._.pdf [Consultado em: 25.03.16]

Viseu, José *et al* (2004).- **Avaliação do Impacto económico do Euro 2004** Relatório, Universidade do Minho. Núcleo de Investigação em Políticas Económicas Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/2761> [Consultado em: 25-03.16]

Wardle, Claire and Derakhshan, Hossein (2017)- **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking.** Council of Europe report Published by Council of Europe Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c> [Consultado em: 15-07.2021]

Wolf, Mauro (1995) - **Teorias da Comunicação.** Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 4ª ed: Lisboa, Editorial Presença. ISBN 972-23-1440-8

7 - ANEXOS

I – Entrevista - Secretário de Estado da Administração Interna XV e XVI Governos Constitucionais – Nuno Magalhães

Palavras-chave: Sucesso; Trabalho; Cooperação; Coordenação; desconfiança; cumplicidade; confiança; Sorte; fé; Responsabilização; Alarmismo; Envolvimento

Quando pensa no Euro 2004, que ideia lhe ocorre? Que palavras-chave utilizaria para falar do Euro 2004. E para a preparação do evento?

Sucesso, a segunda é trabalho, mas uma tem a ver com a outra. Muito trabalho, muita pressão, mas a primeira ideia que me ocorre é sucesso. Para a Preparação: utilizaria contra relógio. Quando o Dr. Figueiredo Lopes me disse que ia delegar em mim essas competências, a única coisa que existia era um papel com um organigrama de uma comissão organizadora que quase nunca tinha reunido, um esboço e nada feito. O que se verificava é que as forças de segurança trabalhavam cada uma por si. Não havia coordenação, de nenhum nível.

E posto isto quais eram os principais desafios?

Tudo, tinha de pôr a máquina a andar. Em relação ao EURO 2004, contávamos com o Coronel Sousa Vicente, que me dizia sempre que estava tudo controlado porque já tínhamos organizámos a Expo 98, falava sempre da EXPO e foi isso que me inquietou, como adepto sabia que o EURO 2004 era uma realidade que não tinha nada a ver com a Expo 98. Isto preocupou-me. Embora na preparação da EXPO 98, também existissem ameaças, entre elas a ameaça de terrorismo, devido ao aglomerado de pessoas, não existia a ameaça dos *hooligans*. O Euro 2004 decorreu três meses depois dos atentados de *Atocha* em Madrid, e havia a ameaça da *Al quaeda*, haviam passado três anos do 11 de Setembro, no entanto para o *holiganismo* não havia uma sensibilidade que eu tinha como adepto.

Quais as principais ameaças consideradas e qual a sua ordem de importância pelo grau de ameaça que representavam, ou pela probabilidade de poderem ocorrer.

Era um cruzamento destes critérios, ditado pela gravidade obviamente: Terrorismo; *holiganismo*; pequena criminalidade (carteiristas, daria sempre mau nome ao país haver muitos carteiristas, muitos furtos, muitos roubos, assaltos à mão armada) na ordem da gravidade. A ameaça terrorista é mais difícil de prever e de combater, a ameaça do holiganismo, se estivermos preparados, não digo que seja eliminada, mas é minimizada.

Em Albufeira? Foi uma intervenção musculada, feita por um esquadrão da GNR que esteve no Afeganistão, se bem me recordo.

Em Albufeira, tivemos uma intervenção sobre *holiganismo*, mas foi minimizado, as pessoas até se esquecem disso, dizem que não houve nenhum incidente de *holiganismo* no Euro 2004, o que é mentira, houve uma intervenção musculada da GNR no Algarve, porque nestas intervenções o objetivo é ser o mais rápido possível para repor a ordem pública, com um efeito dissuasor e que sirva de exemplo para o futuro. Havia tempos de atuação, tanto para a evacuação dos estádios, até cinco minutos como para a intervenção, porque para além do minuto e meio, dois, há o risco de correr mal. Tanto as evacuações de estádios como a intervenções no exterior dos mesmos tinham de ser realizadas o mais rapidamente possível. Qualquer intervenção era para circunscrever e eliminar.

Estamos a falar de espaços que comportam alguns milhares de pessoas. Como é que é possível evacuar, em tão pouco tempo, estádios com tantas pessoas?

Por isso mesmo. Com aquilo que nós introduzimos, com a segurança passiva e estrutural. No sentido em que muitas vezes no futebol a maior causa tragédia é o pânico dos adeptos, foi o que aconteceu com o Liverpool, em *Sheffield*, na meia-final da Taça de Inglaterra, A ameaça do pânico pode ser superior à ameaça do holiganismo ou até do terrorismo. Estou a falar de uma de uma meia-final da Taça de Inglaterra em 1989 que provocou cerca de 100 mortes, por esmagamento e não houve *holiganismo* nenhum. Nesse caso foram pessoas que só queriam ver o jogo. Tivemos muitas conversações e conflitos durante a construção dos estádios. Tinha de haver muitas portas e as portas, completamente abertas, poucos torniquetes, para as pessoas poderem fugir rapidamente.

E volto a perguntar: falando do Euro 2004 e da questão da segurança, em palavras-chave o que é que diria?

Contrarrelógio, sucesso, trabalho, e sobretudo cooperação e coordenação.

O relatório que nós fizemos fala da maior operação de segurança alguma vez realizada em Portuga. Possivelmente foi a única vez em que houve coordenação e cooperação entre as Forças e Serviços de Segurança e Forças Armadas. Houve reuniões com o Secretário de Estado da Administração Interna a presidir, o Coordenador do Gabinete de Segurança, o General Leonel Silva Carvalho, membros e oficiais de ligação de Forças e Serviços de Segurança, da Justiça, através da Polícia Judiciária; da Defesa, com a Polícia Marítima e posteriormente, a Saúde, através do INEM e Transportes, ou seja, houve cooperação e coordenação.

E também por parte do Ministério da Economia, e associações como a ARESP, no que diz respeito à rede de restaurantes.

Também. Sim, no que diz respeito aos restaurantes e até às Câmaras Municipais, fiz uma visita a todos os presidentes de Câmara Municipais de todas as cidades que recebiam o Euro 2004 a pedir coisas muito simples, mas, que em caso de situações complicadas podem ser problemáticas, como haver obras. Se houver estaleiros os materiais das obras como pedras e ferros podem ser armas mortíferas em caso de confrontos. Também tivemos a colaboração da UEFA e da Sociedade Euro 2004 no caso de um jogo da primeira fase, de particular risco, o Holanda- Alemanha, que era para ser em Aveiro e por questões de segurança, de experiência das Forças de Segurança, por ter mais espaço para acomodar um maior número de espectadores foi mudado para o Porto. Esta parte da coordenação foi fundamental em todas as áreas, mesmo aquelas que não estão diretamente associadas à segurança. Houve, pela primeira vez em Portugal, e se calhar a única vez, até agora, uma coordenação total e completa entre Forças de Segurança, Forças Armadas, Socorro e Proteção Civil, Bombeiros voluntários e profissionais e o INEM.

Considera que os *media* tiveram influência no processo de preparação, no decurso do campeonato e na imagem que ficou do EURO, depois do evento e em que medida?

Tiveram imensa e em duas fases muito distintas, uma pela negativa, no princípio e outra pela positiva, na parte final. Quando chegámos havia uma **desconfiança** completa e total acerca de Portugal ter sucesso na organização do Euro 2004. O que se dizia é que podia correr mal, que Portugal ia ficar mal visto, havia desconfiança sobre a capacidade e coordenação das Forças de Segurança, havia uma opinião pública que quase que deixava nas mãos da sorte, ou da fé, se as coisas corresse bem e havia uma grande pressão nos pós atentados de setembro de 2001, que aumentou a seguir aos atentados da Atocha e da *Al-quaeda*, de março, três meses antes de começar o Euro 2004. Nós sentimos uma grande necessidade de informalmente, falar com diretores dos principais jornais, principalmente dos três jornais diários desportivo.

Está a falar de imprensa desportiva?

A Bola, o Jogo e o Record. Convidei o José Manuel Delgado, o Vítor Serpa, o José Manuel Ribeiro do Jogo e o Joaquim Rita do Record, para um almoço, para com tempo respondermos a tudo, não para escreverem, não para uma entrevista na qual não se poderia dizer tudo. Isto oito, nove meses antes do evento, tal como também tive oportunidade de falar com outros jornais e televisões generalistas, para os sensibilizar para a importância de não criar alarmismo

e para a confiança que deveriam ter porque as coisas estavam a ser feitas. Também manifestei disponibilidade total, minha, da assessoria de imprensa do meu gabinete ou através do gabinete coordenador de segurança, para poderem questionar e sobretudo para criar uma relação de confiança. Quando nós dizemos que não podemos falar é porque de facto não podemos falar, não é por desconfiança ou mau estar com a comunicação social.

Estamos a falar de confiança a dois níveis, na relação e na preparação?

Exatamente! Uma dupla confiança, quer na preparação. Nós não considerávamos a comunicação social o inimigo, percebíamos as inquietações e queríamos envolvê-los. Há uma fase até seis meses antes do Euro 2004 de grande desconfiança e depois desses seis meses já é de confiança. Os jornalistas perceberam que de facto havia trabalho feito e começaram a ter uma abordagem muito positiva, muito cooperante, pelo que só posso dizer bem da comunicação social, que teve um papel decisivo e importante na coordenação e na cooperação do Euro 2004.

Em janeiro de 2004 teve lugar na Assembleia da república a comissão eventual de acompanhamento do Euro 2004. Por essa altura os *media* tinham um panorama de alarmismo em torno do Euro. Podemos identificar essa altura como uma referência?

Foi o *turning point*. Tive uma intervenção inicial de uma hora e quarenta e três, segundo um deputado da oposição que cronometrou, que foi intencional. Fui o mais pormenorizado possível, porque também tinha a consciência de que era importante que essa comissão eventual de acompanhamento tivesse toda a informação e só não dei aquela que não podia dar, como falar de terrorismo ou a dar pormenores da operação táticas ou técnica concreta no terreno.

Mas podia dar alguns pormenores, por exemplo aquilo que hoje é uma banalidade, mas na altura era uma novidade, sobre os assistentes de recintos desportivos. Os *stewards*, porque na altura muito se falava se seriam capazes, a segurança privada nos aeroportos, nos estádios, era a primeira vez, havia grande desconfiança em relação a isso e dei-lhes todos os detalhes, dos concursos que nós fizemos, concursos públicos das exigências da formação do treinamento do caderno de encargos, do calendário, convidamos e envolvemos todos os partidos sobre o que foi feito. Dissemos que juridicamente íamos fazer uma lei transitória, que ia permitir a expulsão imediata e ainda que do ponto de vista constitucional duvidosa, mas como era uma lei temporária percebia-se, era uma situação excecional que exigia medidas excecionais, que iríamos acionar a cláusula do tratado de Schengen, o parlamento soube que nós iríamos acionar a cláusula, creio que segunda do tratado de Schengen, que iríamos fechar fronteiras, e foi sempre muito aberta e portanto aí também, para além da comunicação social, tivemos o

envolvimento dos partidos da oposição, mas acho que foi esse o ponto de viragem, a abertura com que nós fizemos isto, não com uma lógica de acusação, uma lógica negativa mas uma lógica positiva que envolveu os Deputados e que os corresponsabilizou.

Falámos de desconfiança, em entregar as coisas à sorte, à fé, alarmismo, gerar confiança, cooperação. Há mais alguma palavra-chave deste ponto de vista?

Responsabilidade e cumplicidade. Gerar confiança nas pessoas, gerar cumplicidade na comunicação social e até nos partidos da oposição, gerar confiança e cooperação e responsabilização nas Forças e Serviços de Segurança.

Nos discursos apelou sempre à serenidade à confiança na preparação, que tudo iria correr bem. Era uma estratégia de comunicação ou era uma convicção?

As duas coisas, diria que estratégia de comunicação sempre foi. Convicção foi crescendo. Ou seja, era uma estratégia de comunicação ao início. Se o próprio responsável pela segurança não tivesse confiança, então mais ninguém teria. Depois, com o aproximar do Euro, com o aproximar do evento cada vez foi mais convicto. Porque se notava, porque se percebia, até pelos contactos com outras Polícias, com outros Serviços de Informação. percebia-se o envolvimento de todos, de políticos, das Forças de Segurança, da comunicação social, foi em crescendo e foi galvanizador.

Além da operação de segurança, também foi uma operação de comunicação?

Foi. Mas não há grandes operações de segurança sem grandes operações de comunicação. Vamos lá a ver, a segurança também é uma questão psicológica. Isso só se consegue (na altura não havia *Facebook*, não havia redes sociais) através da comunicação social. A segurança tem um fator muito importante que é o fator psicológico, quer do ponto de vista de quem é seguro, dos adeptos, de quem não é seguro, dos *hooligans*, e até da criação de um ambiente de segurança, através da comunicação social, tem de haver envolvimento com a comunicação social e com a população em geral.

Em algum momento temeu que as coisas corressem mal.

Sim, já durante o Euro, na sexta-feira, véspera do primeiro dia, que tivemos (isto é mais ou menos público), algumas ameaças na Alfandega do Porto, no jantar da inauguração do Euro 2004, tivemos situações complicadas. Temi as noites de Santo António, na véspera a 12, 13 ou

14 houve alterações entre adeptos franceses e ingleses. Depois quando houve a necessidade de intervenção da GNR em Albufeira e depois no dia da Final.

Conseguiram dar uma resposta eficaz ao imprevisto.

Estas operações são feitas por pessoas e as pessoas são imperfeitas, no fim do dia, conseguimos responder. Eu acho que essa capacidade de improviso é a grande mais-valia de Portugal e dos portugueses, e o grande momento de exportação do modelo. Quando saí da Secretaria de Estado, já tínhamos convites para Africa do Sul, onde seria o próximo Mundial, e para o próximo Europeu, na Suíça numa organização conjunta com a Áustria. De fato as pessoas ficaram impressionadas, com a nossa capacidade de improviso, ou, por outras palavras, na adaptabilidade que as Forças e Serviços de Segurança demonstraram. Que é de resto aquilo que eu vejo que falta no Euro 2016, mas isso é uma outra conversa.

Isso de alguma forma pôs em causa, ou poderia ter posto em causa o próprio evento?

Sim. Ou pelo menos o sucesso da operação de segurança. Se num e noutro caso, eu diria dois, ou três, a abertura, a intervenção na Guia em Albufeira e a Final, se não tivessem corrido bem esses três momentos, mesmo na intervenção, no caso de Albufeira, poderiam por em causa, nada seria como hoje que é um modelo de exportação. Pelo menos esses três, identifico como momentos de potencial risco.

De algum modo, no Euro 2016, está a acontecer aquilo que na fase de preparação do Euro 2004 se antecipava que pudesse ter ocorrido em Portugal?

Primeiro ponto, solidariedade total com os Serviços de Informação franceses que têm tido convulsões sociais políticas, terrorismo, infelizmente não ameaças, mas ataques efetivamente concretizados e, portanto, têm estado nos últimos seis, sete, oito meses bastante assoberbados. Houve uma atenção exclusiva à ameaça terrorista, não à ameaça do holiganismo. Por isso mesmo, desvalorizou-se a prevenção. Desvalorizou-se essa ameaça e desvalorizou-se a cooperação internacional, nomeadamente na partilha de dados, na partilha de listas de adeptos potencialmente perigosos. França está em estado de emergência, mas, não percebo porque é que não se fechou fronteiras, Portugal foi o primeiro país da zona Schengen a fechar fronteiras a propósito do Euro 2004. França está em estado de emergência, mas, não percebo porque é que não se fechou fronteiras. Portugal foi o primeiro país da zona Schengen a fechar fronteiras a propósito do Euro 2004, depois até voltámos a fazê-lo. Na cimeira do G8. Portugal fechou duas vezes fronteiras.

A experiência do Euro 2004 é útil para evento que não sejam desportivos?

Sim, a realidade demonstro-o. A organização do G8, a organização da final da liga dos campeões em Portugal, entre o Real de Madrid e o Atlético de Madrid. É um Benfica- Sporting, a nível mundial. Deu-nos um modelo que é exportável e tem sido exportável nas grandes competições, cada vez há mais modelo civilista de Segurança. Inspirados em Inglaterra no combate ao *holiganismo*, que introduziram os *stewards*, assistentes de recinto desportivo ou ARD, em português. Não ter fardas dentro e ter farda fora, numa atitude descontraída de normalidade, a polícia estava lá para ajudar. Aquilo que eu vi em França foi o contrário, o que de resto já tinha corrido mal em 2000, na Bélgica em *Charleroi*. Os adeptos ingleses chegaram à estação de *Charleroi* e tinham o corpo de intervenção belga equipado, pronto para uma intervenção, sem eles terem feito rigorosamente nada. Esta lógica de ter polícias descontraídos, fardados e identificados com certeza, mas o polícia amigo que está ali para dar indicações onde são as *fanzones*, onde se pode ver o futebol mesmo sem bilhete, onde são os estádios, onde se pode ver num ecrã gigante, em Lisboa, tínhamos a Expo e o Rossio, é desarmante, estar face a face com um polícia amigo.

O Euro é um modelo exportável. Nosso, que foi beber a experiências anteriores?

Acho que sim. Pensei que era um modelo exportável, eu e não era só eu, as autoridades Sul-Africanas, as autoridades Suíças, austríacas. Hoje, acho que é irrepetível porque tem a ver com a maneira de estar e de ser portuguesa, ou seja, é exportável nas grandes ideias, é exportável e tem sido exportável nas grandes competições, cada vez há mais modelo civilista, cada vez há mais a ideia de fazer *Fanzones*.

As *fanzones* foram uma estreia nacional?

Foram. Fizemos, para aqueles que ficavam, *fanzones* para se divertirem, beberem, futebol tem a ver com cerveja, não tem é a ver com excesso de cerveja que leva à violência, e por outro lado, também fizemos as *bufferzones*, que eram as zonas de evacuação daqueles adeptos que não têm possibilidades para ficar no país onde se realiza o jogo, vão e vêm no próprio dia e que, preventivamente, tinham que ser separados à priori.

Em França a ameaça terrorista está sempre presente no discurso político. Está relacionado com os recentes ataques terroristas, com a ameaça, com a omnipresença dos *media* e da existência de redes sociais. Em sua opinião o que está a acontecer?

França tem um problema com o terrorismo, diferente do nosso, ou seja, nós temos tido, até hoje, capacidade de integrar a comunidade islâmica, coisa que França nunca teve. A razão é essa, é a consciência que as autoridades francesas têm que qualquer cidadão francês legalmente residente em França, porque é cidadão francês pode ser um potencial terrorista. Parece é que uma preocupação máxima, absolutamente máxima sobre o terrorismo e não sobre o outro tipo de ameaça, que também existe em todos os campeonatos, neste, no anterior, no Euro 2004 e no próximo, que é o *holiganismo*. agora o *holiganismo* é de facto suscetível de prevenção. Não há nenhum Europeu, anteriores e futuros, em que não haja problemas de *holiganismo*.

Assistimos a imagens de confrontos com arremesso de cadeiras e outros objetos, que olhando para o relatório de segurança do Euro 200 podiam ter sido evitados.

Very lights , petardos. O que nos faz logo pensar que algumas medidas que estão previstas, que estão identificadas não foram tidas em conta, nomeadamente a não utilização de equipamentos que possam ferir, a introdução de determinados objetos dentro dos estádios. As pessoas não foram devidamente revistadas e identificadas. O primeiro perímetro de segurança era longe do estádio, depois havia o segundo e um terceiro, para segunda e terceira revista, numa lógica civilista, com a qual as pessoas colaboraram. As pessoas a quatro ou cinco metros do ARD já estavam de braços no ar e de carteiras de fora. Houve cooperação, envolvimento. Isso não se cria com polícia armada.

Há mais alguma coisa que considere importante dizer neste contexto?

O envolvimento de um país de uma comunidade, de uma sociedade de um povo... que se entusiasmou e que interagiu não só com o Futebol, mas com a sua própria imagem, foi um exercício de autoestima. Nesse sentido, que percebeu que tinha de ajudar. Que confiou nas suas Forças e Serviços de Segurança. Que não aproveitou a situação para chamar a atenção para as suas causas, lembro-me de vários sindicatos que perceberem isso. Por exemplo as ameaças de greve, seria trágico o sindicato do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Perceberam que teriam contra si a opinião pública, porque foi uma mobilização de uma sociedade, dum povo e de um país que queria passar uma boa imagem.

Obrigada

II – Entrevista - Coordenador do Gabinete Coordenador de Segurança - General Leonel Silva Carvalho

Palavras-chave: **Abertura, acreditar, ameaças, autoestima, confiança, colaboração, coordenação, credibilidade, desconfiança, disponibilidade, disciplina, dúvida, expectativa, festa, incapacidade, insegurança, organização, orgulhos, proximidade, receio, rigor, serenidade, sucesso, verdade.**

Como descreve a relação com os *media* durante o Euro 2004?

Na Política de Comunicação Social para o Euro 2004, havia o nível político naturalmente, embora eu não tivesse nada a ver com isso, estive disponível para assessorar e conversar. A gestão de informação genérica com a atuação de segurança propriamente dita, era centralizada no coordenador geral com uma filosofia de atuação de disponibilidade e abertura, veracidade e credibilidade, serenidade do discurso e abertura aos *media* internacionais. Tentei criar um clima de proximidade, o que foi muito importante numa situação em que houve muita crispação e que inclusivamente afetou o Secretário de Estado a nível internacional, na sequência dos atentados de Madrid, em 11 de março.

Na Atocha

Sim, o 11 de março de 2004, a três meses de começar o campeonato, isso criou logo uma perturbação muito grande, o que foi aproveitado. O ambiente de algum receio, foi aproveitado pelo senhor Presidente da Associação Sindical dos Profissionais de Polícia da PSP, ASPP/PSP, o qual entendeu criar um clima de suspeita sobre a nossa capacidade de organização, de preparação e também de meios para fazer face à segurança do Euro.

Começou com o discurso de haver falta de meios, falta de efetivos, falta de equipamentos. As esquadras todas a caírem de podres e não se limitou ao discurso nacional, convidou o líder da Intersindical das Policias da União Europeia a vir a Portugal.

Mostrou-lhe as esquadras do Porto, que de facto estavam em mau estado, mas, não tinha qualquer influência na segurança do Euro 2004. Este discurso foi aceite e tomado como o discurso do líder da Intersindical que posteriormente deu entrevistas em relação à incapacidade, à falta de meios à insegurança da polícia portuguesa. Isso teve repercussão não só ao meu nível que é o nível das federações e das ligações policiais, mas também ao nível político. Era preciso desmontar este discurso.

Os jornalistas portugueses vieram logo fazer as perguntas. O Governo correspondendo às solicitações das forças de Segurança e não só, também para o INEM, gastou cerca de 20 milhões de Euros a equipar, quer a PSP, quer a GNR, quer a dar meios também para o INEM, em termos de tenda climatizadas. Foram compradas cerca de 400 viaturas, cerca de 400 viaturas foi ótimo para as polícias, as unidades de intervenção quer da PSP quer da GNR receberam o melhor que havia em termos de equipamento de intervenção. Incluindo a parte cinotécnica, para preparação dos cães e até melhor proteção dos cães. No caso da GNR a parte dos cavalos, também receberam tudo o que era preciso. Foram recuperados os camiões, canhões de água. Na fase da preparação da segurança, houve informação para os Órgãos de Comunicação Social, reuniões a nível local e nacional, eu e o Senhor Secretário de Estado visitamos todas as capitais de Distrito e as Câmaras onde havia jogos. A imprensa foi sempre acompanhando tudo o que era feito e, portanto, foram ganhando confiança e foram sabendo que as coisas estavam a ser tratadas com toda a atenção.

A nível internacional, em 2003 que fomos a Inglaterra a convite das autoridades inglesas, para assistir a jogos internacionais em *Manchester* e a *Sanderland*, ao pé de *New Castel*. Fomos ver como é que ingleses tratavam da segurança e as medidas contra o *hooliganismo*. A própria ligação com os órgãos de comunicação social. Fomos a Espanha, ver equipamentos e o um jogo a *Valencia*, perceber como é que os espanhóis tratavam da segurança e solicitar a disponibilização de canhões de água, caso fosse necessário. Isto para além da ligação e da segurança que tinha a ver com o controle das fronteiras, com Schengen, que ficou suspenso a 15 dias do início do campeonato a 4 de junho.

E os centros de detenção temporários e as *baning orders* e a lei transitória?

Exatamente, foi criada a lei transitória que tinha a ver com os centros de detenção temporária com os tribunais de primeira instância em permanência nos locais. Julgamentos Sumários com extradição rápida, fizemos isso no Algarve, foi o teste para ver se estava tudo a funcionar na perfeição. Atuação brilhante da GNR

Está-me a falar dos Incidentes de Albufeira?

Sim, uma atuação brilhante da GNR com conta peso e medida, eficaz, com ajuda dos polícias ingleses, que conheciam muito bem parte daquela gente, foram feitas as detenções, foram presentes a tribunal e um dia ou dois depois estavam a caminho de Inglaterra acompanhados pelo SEF.

Quando fala dos polícias Ingleses está a falar-me dos *spoters*?

Sim, vieram 22 *spoters*. Eu estava em ligação permanente com a Senhora Embaixadora inglesa, que estava muito preocupada, tinha muito receio por causa dos *Hooligans*.

Fizeram Treinos e simulacros, se bem me recordo.

Fizemos o treino nos Estádios que iam receber os Jogos, todos eles ou novos ou recuperados, jogos importantes, onde houvesse a visita de um dos três grandes clubes, já com o dispositivo que íamos aplicar no Euro 2004. Um sistema todo novo de segurança, que não existia, com segurança privada e com videovigilância.

Com os ARDs (Assistentes de Recinto Desportivo)

Com os ARDs e com a videovigilância, tudo isso foi testado, estádio a estádio, depois foram feitos simulacros de manifestações com alguma agressividade, começamos com uma no estádio nacional com alguma envergadura e depois fizemos uma no Algarve, em Faro já com a utilização dos meios todos, carros, cavalos, cães, isto no terreno. Fizemos outros exercícios em gabinete chamados CPX em termos militares. Injetando incidentes por rádio por telefone e depois recebendo a resposta dos comandos que estão no terreno. Fizemos todo o tipo de exercícios foram criados depois os Centros de coordenação. Os CCIP e os CLIP.

Havia uma grande ligação através da PSP, da PJ Interpole e da Europol. Para além da ligação permanente que tínhamos através dos meios de comunicação, também foi feito um investimento muito grande em termos de meios de comunicação.

As centrais de rádio foram colocadas na polícia, além disso tínhamos no CCIP e nos CLIPs, que eram os locais nas capitais de Distrito onde havia jogos, com um representante sempre, da GNR e da PSP e ligação aos *spoters* ligados aos países que tinham jogos nesses locais. Todos os dias de manhã, isto funcionava 24 sobre 24 horas mostrava-se o que se tinha passado anteriormente e previa-se o que se ia passar nos jogos a seguir. Eu presidia à reunião de manhã, pelas 11 horas passando em retrospectiva o que se ia passar dando as instruções e depois iam para o terreno, os *spoters* com os oficiais de ligação portuguesa.

A hospitalidade portuguesa

Uma hospitalidade formidável, só tivemos dois problemas, um com os adeptos alemães que tentaram agredir os adeptos holandeses antes do Alemanha-Holanda. E o SEF recebeu uma comunicação, na véspera da abertura do Campeonato antes do jantar de abertura no Porto, dos congéneres holandeses a informar que havia quatro suspeitos de ligação ao fundamentalismo

islâmico, que passou imediatamente para a judiciária que tinha a responsabilidade do contra terrorismo. Três anos depois do 11 de Setembro e três meses depois dos acontecimentos de Madrid. As polícias estavam todas alertadas para as ameaças e riscos, incluindo a ameaça que não sendo a mais provável, era a mais perigosa.

Nós estudamos as ameaças, as mais prováveis e as mais perigosas, normalmente não coincidem, mas neste caso não sendo a mais provável era certamente a mais perigosa e, portanto, estávamos em cima desses acontecimentos todos.

Houve outro incidente que não tem nada a ver com os jogos, mas que de qualquer maneira, foi morto um turista inglês. Não foi bem no Rossio, foi mesmo ao lado na R. Augusta. Foi morto por um Ucrânio ligado à criminalidade, poderia ter tido repercussões muito grandes. Felizmente a nossa ligação com a comunicação social, imediatamente separámos as águas e não se fez ligação nenhuma com riscos para o Euro 2004. Foi uma tentativa de roubo que correu mal e depois houve o homicídio, que não foi premeditado, mas foi na sequência da tentativa de roubo.

Depois, à medida que os jogos iam correndo não tivemos problemas, no último jogo tivemos algum receio. Portugal perdeu com a Grécia, mas, a forma como os portugueses estavam a encerrar o campeonato e o clima de sucesso e paz social era tão grande que os portugueses tiveram um desportivismo extraordinário se fosse com o Sporting, o Benfica ou o Porto era diferente, mas como era a nível nacional, perdemos e os Gregos ficaram completamente espantados. Estavam à espera de grandes problemas. Se fosse na Grécia, se a Grécia fosse à final, se perdesse na Grécia o campeonato. Havia problemas terríveis. Portanto estava com receio e às tantas estavam a festejar no Marquês de Pombal e na Avenida da Liberdade com portugueses, até para a imprensa grega aquilo foi uma coisa nunca vista.

Acabámos completamente em clima de festa

Em clima de festa, embora tivéssemos perdido a final, o que foi um desgosto muito grande, mas foi tudo excelente e isso foi reportado pela imprensa internacional.

Quando pensa no Euro qual é a primeira ideia que tem e com que palavras-chave poderia definir o Euro no seu todo.

Um acontecimento importantíssimo para Portugal em termos internos, relacionado com a autoestima dos portugueses. Como sabe, somos um pouco de extremos. Ou somos os piores do mundo, ou estamos nas piores condições, ou então somos muito bons, mas quando vamos

organizar qualquer coisa surge o clima de dúvida e de receio de não conseguirmos corresponder às expectativas e que, no conjunto, o país fique mal visto. Havia dúvidas sobre a nossa capacidade de organizar e fazer face a todos os problemas que uma organização dessas pudesse ter. No fundo em termos desportivos é a terceira organização mais importante do calendário desportivo mundial. Primeiro são os Jogos Olímpicos, depois é o campeonato do mundo de futebol e depois é o campeonato da europa em termos de dimensão e de dificuldade de organização. Reuníamos sempre com a presença do Senhor Secretário de Estado que me deu o apoio, foi uma pessoa excepcional, também confiava em mim. Se eu não tivesse o apoio político não tinha a força suficiente para por aquela gente na ordem. Deu-me todo o apoio político e a partir de uma certa altura toda a gente compreendeu que era um desígnio nacional, todos tínhamos de atuar com o objetivo das coisas correrem o melhor possível e felizmente foi assim. Ao princípio foi muito, muito, complicado, até pela ausência do tal plano.

Tinha de Coordenar e conciliar todas as Forças e Serviços de segurança

Coordenar e Conciliar e no fundo comandar, porque às tantas era preciso mesmo uma voz de comando. Muitas vezes as coisas eram combinadas e acordadas na sede da comissão de segurança, depois iam para o Senhor Diretor Nacional da PSP, Senhor Diretor da PJ, Senhor Comandante Geral da GNR.

Outro desafio a desconfiança dos Órgãos de Comunicação Social?

A **desconfiança** e a procura daquilo que é a má notícia, que é para ser notícia! É um bocado difícil conseguir as *bonnes nouvelles* porque seriam *pas de nouvelles*.

Eles acreditavam naquilo que eu dizia e quando tinham uma informação de outra fonte, a procuravam confirmação comigo. A minha disponibilidade foi total, sempre que o assunto merecesse realmente atenção. Eles confiavam na minha palavra que o que eu dizia era verdade e por vezes tinha de aceitar que uma coisa ou outra não estava a correr tão bem e imediatamente dizia.

Tiveram um voto de confiança do Primeiro-ministro Inglês Tony Blair, com uma declaração no parlamento Inglês.

Sim, mas isso se calhar por influência da embaixadora...

Para acalmar um bocadinho os ânimos?

Claro e os Ingleses tiveram uma colaboração muito boa porque todos aqueles que eles tinham a certeza que podiam causar problemas aqui em Portugal retiveram-lhes o passaporte. Outros vieram. Alguns problemáticos, mas que não havia razões suficientes para não os deixar viajar, causaram aqueles distúrbios em Albufeira, tentaram em Lisboa, mas não conseguiram e pronto correu tudo tão bem, tão bem que o Euro 2004 passou a ser o exemplo, não só na segurança, também na organização que é nos aspetos ligados aos jogos e à problemática da bilhética, foi excelente, portanto em todos os aspetos o Euro 2004 foi um exemplo a seguir. Tanto eu como o Paulo Gomes fomos chamados várias vezes para nos pronunciarmos na preparação, quer do campeonato do Mundo na Alemanha em 2006, quer no Campeonato da Europa em 2008 na Suíça, mais tarde até já na preparação para o que foi na Polónia e na Ucrânia, inclusivamente tive de dar uma conferência para uma série de delegados brasileiros que estavam já a preparar o Campeonato do Mundo e os Jogos olímpicos, Portanto o Euro 2004 passou a ser o paradigma do exemplo a seguir em termos de segurança e de organização em geral.

E os incidentes no Euro 2016, houve ali falta do modelo do Euro 2004?

Não sei, aquela filosofia da segurança que não tinha nada a ver com a mesma, era tudo forte e feio com militares nos estádios, além da segurança dentro do recinto, nas próprias cidades nas imediações dos estádios. Eram policias e militares às centenas, aquilo criava um ambiente com um bocado de crispação.

Ainda o EURO 2016, referiu que existiam ameaças prováveis e outras mais perigosas.

Quando se faz o plano da segurança um dos capítulos importantes, a exemplo dum plano militar, são as ameaças e riscos e quando se fala nas ameaças e riscos fala-se nas mais prováveis, aquelas que têm grandes hipóteses e acontecer e que temos a certeza que vão acontecer, não sabemos é qual é a amplitude a dimensão e a repetição e aquelas que são menos prováveis, mas que são muito graves ou muito mais graves.

Em 2016, antes do campeonato, houve uma frequência de atentados mais intensa.

Sim, mas é preciso fazer distinções, o Euro 2016 acontece num dos países que tinha sido alvo mais frequente dos atentados do terrorismo Islâmico. França era um alvo preferencial, também tinha algumas fragilidades em termos da prevenção contra esses atos, atendendo á dimensão do Euro 2016 e ao número de estrangeiros que iriam para França. Além dos habitantes, também haver turistas e visitantes para acompanhar as equipas torna muito mais sensível a prevenção e

depois o mediatismo da organização em si que é uma das razões para que se façam os atentados, que é para ter mais visibilidade a nível mundial, é mais uma razão.

O Euro 2004 acontece num momento em que a grande maioria dos *media* são essencialmente analógicos, assim um grande evento com cobertura a nível mundial não era um risco acrescido?

Não estavam só focados nos jogos, eles também acompanhavam muito a possibilidade de manifestações, sobretudo das claques que estavam mais ligados, sobretudo aos ingleses, eles tinham sempre acompanhantes para ver se acontecia alguma coisa, aliás em Albufeira, aquilo foi acompanhado a par e passo pelos *media*.

E hoje em dia, com a existência das redes sociais com a existência de dispositivos que com a maior facilidade em qualquer momento tirar uma fotografia, fazer um filme, emitir, isso em termos de segurança altera alguma coisa?

Altera, altera muito, é muito mais complicado, por outro lado também se o controle da internet for feito como deve ser, infelizmente nem sempre é, também se consegue prevenir muitas situações, através duma análise grande dos conteúdos e da origem desses conteúdos, que possam subentender que possam estar ligados a eventuais atentados terroristas ou manifestações graves da ordem pública.

Na altura da entrega dos meios, a imprensa portuguesa não valorizou muito, ao contrário da imprensa inglesa que se interessou pela entrega de uns pequenos aparelhos para desligar os telemóveis que estavam no meio da listagem, entre canhões de água, equipamentos, carros e outros equipamentos.

Se calhar não tinha sensibilidade para isso, mas para além dos aparelhos nós tínhamos outro sistema ainda muito mais eficaz com uma dimensão muito maior. Nós contactamos com a PT e em situações limite eram eles que imediatamente cortavam todas as ligações dos telemóveis naquela área, para além daqueles pequenos aparelhos tínhamos uma eficácia maior. Fizemos reuniões com a PT sobre isto, estava previsto e estava autorizado pelo poder judicial, a PT só faria isso com cobertura legal. Tivemos outras medidas de segurança que era a proibição de sobrevoar os Estádios, nem sempre foi fácil também com a força aérea.

Encerraram o espaço aéreo durante esse período, por razões de segurança?

Não encerramos o espaço aéreo, só determinadas zonas e pedimos para que as rotas dos aviões fossem de acordo com este tipo de pedidos. E mais, havia inclusivamente uma situação que é uma situação de extremo que é o avião vir preparado para..., o caso das torres gémeas, numa situação dessa em que houvesse a certeza absoluta a nossa força aérea ter a possibilidade de abater o avião que uma coisa quase impensável, no caso português só o Primeiro-Ministro é que tinha esse poder e para tomarmos uma decisão dessas era preciso informação, mas também estava previsto.

Estava tudo previsto, não há nada como pensar em tudo o que pode correr mal para fazer com que tudo corra bem.

Fizemos um estudo exaustivo, como lhe disse dentro das ameaças e riscos. Há uma coisa que é fundamental, nós estamos aqui a falar ao nível das Forças de Segurança e do Gabinete Coordenador de Segurança, mas uma coisa fundamental foi o papel do Dr. Nuno Magalhães nesta situação. Nem sempre conseguimos uma sensibilidade tão grande do poder político, não é para as coisas grandes são para o terreno, para aquilo que tem a ver com as medidas que é necessário tomar, com consciência que essas medidas pode ter efeito político, que o Dr. Nuno Magalhães me apoiou totalmente, ele e a sua equipa, o Chefe de Gabinete o Assessor para a segurança o Comandante Serradas Duarte.

O Discurso político é importante.

É importante haver um discurso oficial que transmita um sentimento de segurança. No que diz respeito ao Dr. Nuno Magalhães tudo o que foi feito foi exatamente proporcionar todas as condições para que esse discurso passasse, ao nível político essa mensagem. Euro FRAME

Uma das principais apostas era na dissuasão?

Sim e inclusivamente conseguimos uma coisa que nunca se tinha conseguido antes nem depois, foi que a PSP aceitasse o reforço da GNR, neste caso da GNR a cavalo, quer em Lisboa quer no Porto em termos de prevenção.

Em termos de articulação das diferentes forças, neste caso da PSP e da GNR no que diz respeito à política de comunicação as posições divergiram, enquanto que a PSP emitiu briefings diários, a GNR optou por comunicados, sempre que se justificava.

Isso estava previsto. Tudo tinha a ver com a atuação técnica e com a parte da informação ligada ao dia a dia. A GNR fez aquilo que eu entendia que era mais correto, mas a PSP queria mais visibilidade, tinha mais estádios e tinha centralizadas as comunicações.

A esta distância acha que isso teve importância. Os *media* terem informação constante, contribui para dar continuidade ao clima de transparência e aumentar aquela confiança que dava tranquilidade os *media*.

Sim, isso foi logo uma das condições e que foi autorizado, primeiro politicamente e depois na própria comissão de segurança em que era fundamental a informação imediata em cima do acontecimento e verdadeira, mas sem quaisquer comentários. Só o factual, absolutamente mais nada. Nenhuma consideração, nenhuma extrapolação relativamente às consequências que aquele facto ia ter.

O facto de dizermos, por exemplo pequeno furto ou zero incidentes, não contribui para criar uma maior perceção de segurança, não é também informação?

É só que aquilo passa a ser rotina e repetição depois passa a não ter valor. Isso é uma questão que faz parte da técnica também. As pessoas já nem ligam é a conversa do costume. Esta é a minha filosofia, que vem da experiência.

Porque é que a comunicação é fundamental para a segurança?

A comunicação é fundamental para a segurança porque a segurança é das coisas mais importantes que as pessoas têm em termos da sua própria forma de ser e de estar e naquilo que tem a ver com os elementos essenciais próprios e da sua própria família, portanto a pessoa se não se sentindo segura imediatamente isso repercute-se em todas as condições de vida portanto uma coisa fundamental para as pessoas é a segurança, não é só a segurança em si é também o sentimento de segurança, porque às vezes há segurança e as pessoas não sentem segurança porque o sentimento de segurança, as pessoas não são informadas devidamente e então criam um sentimento de insegurança, muitas vezes motivado por notícias falaciosas ou mal transformadas e não havendo a explicação há um sentimento de insegurança que não é verdadeiro mas que tem a ver, muitas vezes com a tal política de segurança errada em termos de informação. Eu lutei contra isso na GNR, creio que consegui, a partir do Buziã. Os jornalistas são pessoas muitas vezes pressionados para dar notícias, muitas vezes notícias que não são verdadeiras, portanto eles não têm uma vida fácil, nós vamos é procurar que eles se sintam apoiados para dizerem a verdade e para terem a devida informação.

A tensão entre aquilo que dizemos aos jornalistas e aquilo que é publicado é importante para a construção do sentimento de confiança?

Sim e que advém da relação de confiança entre o jornalista e a fonte. Essa relação de confiança. Só dizia aquilo que eu sabia que era publicável, mas a relação de confiança permitia que quando o próprio contexto da notícia em si era importante podia ir além daquilo que era publicável. Tinha de haver confiança mútua.

O sucesso do EURO, em parte deve-se a essa relação de confiança?

Numa parte importante sim, claramente, porque é através dos *media* que passa a imagem da organização em si, a boa ou a má imagem, do sentimento de segurança ou de insegurança que é criado. Eu sentia que os próprios jornalistas, no caso dos jornalistas portugueses, eles próprios estavam satisfeitos e recetivos para as boas notícias o que normalmente não acontece nos jornalistas que querem é as más notícias para ser notícia e nem sempre é.

Senhor General, muito obrigada.

III – Entrevista- Jornalista - Valentina Marcelino

Palavras-chave: Abertura, ameaça, apreensão, comunicação, competência, convicção, diálogo, disponibilidade, expectativa, interação, informação, orgulho, preparação, planeamento, verdade.

Que ideia lhe ocorre? Que palavras-chave utilizaria para falar do Euro 2004?

Expectativa, no sentido de nunca se ter realizado um evento com a dimensão como a do Euro 2004, que envolveu vários pontos do país. Apreensão, até saber se seríamos capazes de estar à altura dum evento desses. E no fim Orgulho, porque fomos capazes, como se provou e acabámos por ser um exemplo na segurança de grandes eventos como foi do Euro 2004 e depois estiveram cá várias outras Forças Policiais para saber como é que fizemos, como é que tínhamos organizado e planeado a segurança do evento.

No início, qual era o seu ângulo de abordagem sobre o Euro 2004?

Na Fase inicial era sem dúvida de estarmos à altura e a preocupação, de facto era se a polícia principalmente a PSP que era a força que ia ficar com a responsabilidade da maior parte da segurança das cidades onde aconteciam os jogos, se tinham equipamento, se tinham formação especial como ia ser organizada era essa a fase inicial dos jogos.

Nesse sentido, pegando nas suas palavras-chave, em que medida é que foi construída e evoluiu a mensagem EURO 2004 através do discurso jornalístico?

Essa evolução tem a ver com isto que eu já referi, passámos da expectativa de perceber se as polícias iam estar à altura, se tinham os meios, os equipamentos e a formação necessária. Acompanhámos de muito perto a organização do evento, com todas aquelas reuniões que houve do gabinete coordenador de segurança, envolvendo todas as forças policiais, com os sindicatos das polícias, a dizerem que não tinham meios. Do diretor da PSP ter vindo a público dizer que havia um limite para além do qual ele não admitiria fazer a segurança nem assumia a responsabilidade pela segurança do Evento. Elencou um conjunto de meios e medidas que tinham de ser tomadas pelo Governo. À medida que o campeonato foi decorrendo e à medida que as pessoas foram percebendo que estava tudo sobre controlo que não ia acontecer nada, acho que isso depois começou a passar para aquela mensagem da missão cumprida. Outra coisa muito importante foi a PSP ter uma linha, um princípio de comunicação muito importante.

Havia rostos na própria polícia que davam confiança às pessoas. Havia reportagens, havia disponibilidade para os jornalistas acompanharem o trabalho da polícia. O Diretor nacional, o Dr. Mário Morgado, lembro-me que acompanhei o Comandante de Lisboa, Francisco Oliveira Pereira numa reportagem em Lisboa foi surpreendente vê-lo a interagir com os agentes, com os adeptos na rua, a falar francês com uns, inglês com outros, acabou por ser a mensagem transmitida através da comunicação social, acabou por ajudar que a perceção geral fosse de facto que as pessoas estavam a trabalhar, tinham competência e era possível que as coisas corressem bem.

A relação com as Forças de Segurança teve importância para a construção da mensagem? E a relação ao poder político, também teve importância neste processo?

Sem dúvida, sim esta relação de abertura com a comunicação social não pode existir sem haver uma orientação do Governo nesse sentido, ou seja, para haver esta abertura da PSP obviamente teve que haver essa sensibilidade da parte do Governo da altura. Aliás não me lembro assim de muitos momentos posteriores a esse em que tenha havido assim tal abertura e essa vontade, essa transparência em relação ao que estava a acontecer. Havia essa preocupação e de facto e ela era verdadeira.

Estávamos a falar da relação com o poder político na construção da mensagem.

Sim. Sim isso foi determinante obviamente para que houvesse a abertura por parte da própria polícia porque nestas situações a experiência que nós vamos tendo, quando há mesmo vontade real, quando não há nada a esconder. Não me lembro se houve algum momento de mais tenção, sei que a pressão era muita, de facto, porque havia os sindicatos, havia sempre a tradição portuguesa do não sou capaz, não temos meios e acabou por se mostrar que tínhamos os meios que eram precisos. Lembro-me que foram adquiridos equipamentos, muito material e depois havia aquela ideia da polícia ter rostos que mostravam essa capacidade e essa responsabilidade e isso não poderia ter sido feito sem o apoio do Governo na altura, isso não tenho dúvida da parte que me toca, não me lembro de ter tido problemas em obter as informações solicitadas.

Transparência é definitivamente uma palavra que associa a todo o processo do Euro?

Sim, porque nós acabamos por ser os porta-vozes dessas políticas públicas para a sociedade ter a perceção se as coisas estão a correr melhor ou pior a nossa mensagem acaba por ser essencial e se não houver informação nem abertura nós não a podemos passar.

Houve verdadeira cooperação com *media*, foram parte do processo?

Eu posso falar da parte que me toca, eu acho que sim, foi essencial, pelo menos é escrever com toda a convicção, que aquilo que estamos a escrever é a verdade, ou aquilo que achamos que é a verdade na altura e isso só é possível com essa abertura, por haver informação e por explicarem se houve alguma coisa que correu mal, porque é que correu mal e o que é que se iria fazer para melhorar a seguir, se faltavam meios e se não havia tudo o que a polícia queria, porque é que não foi possível, o que é iriam fazer para compensar. Do que me lembro, houve sempre esse diálogo, a informação era facultada o que ajudou a passar a mensagem.

Falou-me da proximidade com a PSP, com a GNR, como foi?

Sinceramente, da GNR, só me lembro daquela situação em Albufeira.

Refere os distúrbios que houve em Albufeira à noite, aos adeptos referenciados

Sim, não sei se chegou a haver violência, mas, houve ali uma tensão grande a ponto da GNR sentir a necessidade de se justificar.

Na do discurso e da construção da mensagem, qual é a opinião com que ficou sobre a perceção dos portugueses sobre as questões relacionadas com a segurança?

A partir do momento em que tudo correu bem, somos elogiados internacionalmente a seguir houve até visitas de entidades internacionais de polícias de outros países que vieram ter com a PSP a perguntar como é que tinham feito. É preciso notar que em todos os Euros ou eventos desta dimensão há sempre problemas, há sempre, noutros países e porque é que aqui não houve? e acho que isso passou como , principalmente a PSP mostrou a sua preparação e o seu planeamento. Eu agora estava aqui a recordar também, eu julgo que foi nessa altura, que o diretor da altura fez o todo o processo dos vários níveis de intervenção da polícia.

A PSP estava integrada no plano geral de segurança, coordenado pela Comissão Coordenadora de segurança.

Estava, não era visível policiamento musculado. Começou aí depois continuou nos anos a seguir, para jogos de maior risco, acho que eram cinco níveis, agora não me lembro de todos, ou seja, organizaram a intervenção por níveis, e com capacidades diferentes conforme o risco dos jogos, o último era já a intervenção da unidade dos corpo de intervenção, já envolvia uma série de meios mais pesados mas o facto de não haver policiamento musculado visível, mesmo

para os adeptos era estranho porque estavam habituados, noutros países, a ver sempre os policias armados até aos dentes e mais nada. Aqui não, houve essas fases diferentes, que faziam parte do próprio planeamento da PSP, obviamente que foi em colaboração com o Governo, que houve a perceção que havia um ambiente desportivo, tranquilo de jogo, quando havia algum problema eles tinham os homens prontos a atuar em sítios estratégicos, isto ajudou a este ambiente de tranquilidade e à perceção precisamente das pessoas de que as coisas estavam a correr bem.

O Euro 2004 transformou-se num modelo aplicável e replicável. Em jogos de risco?

Claro que sim, este modelo de policiamento por níveis da PSP.

Não sei, a ideia que tenho é que passou a ser mais musculado, visivelmente mais musculado, porque também o Euro 2004 não era só o jogo propriamente dito, havia toda a envolvimento na cidade. Na cimeira da NATO em 2010, também fomos admirados internacionalmente por ter corrido bem. Tem a ver com isso claro que também tem a ver com a coordenação com outras forças e serviços de segurança, os serviços de informações. Quem está no terreno de facto nota isso e acho que isso foi essencial.

Além da Cimeira da NATO, lembra-se de outras grandes operações de Segurança?

Na visita do Papa Bento XVI, lembro-me também que na altura fiz uma reportagem, na sala de situação da PSP, onde estava uma dezena de polícias estrangeiros, entre os quais polícias de *Metropolitan Police of London*, que estavam a ver como é que estavam aqui a organizar a operação de segurança.

O Euro nestas circunstâncias surge como modelo é referenciado?

É, lembro-me que era referenciado, aliás entrevistei um dos responsáveis da polícia Londrina que afirmou ter vindo a Portugal porque já na altura do Euro 2004 tinham ficado admirados com a organização da segurança portuguesa. Voltaram cá para a visita do Papa, e era um bocado assim esta perceção. Foi um orgulho, sem dúvida alguma!

Como jornalista, tendo acompanhado o Euro e acompanhando as questões da segurança, quando olhou para a violência no Euro 2016, depois dos atentados terroristas em França. Sente que ali faltou o modelo do Euro 2004?

Não tenho informação a fundo para poder fazer uma análise suficientemente rigorosa, mas, a realidade é outra e, de facto, perante a ameaça vigente é normal que o policiamento seja mais

musculado, sendo o policiamento mais musculado proporciona situações de conflito, é inevitável. Uma coisa são os adeptos a quererem divertir-se e terem pela frente uns policias normais dialogantes e vamos lá resolver isto, outra coisa é ter policias fortemente armados que não têm palavras, nem conversas, nem diálogo. Se fosse cá em Portugal eu acredito que nesta altura já não seria o mesmo tipo de policiamento, aliás desde os atentados de Paris que é visível, no caso da PSP, estamos a falar de uma mudança de paradigma na segurança, visível desde os atentados, embora ameaça de terrorismo em Portugal se mantenha moderada. Depois do atentado, a PSP entendeu que por prevenção e para criar a sensação de segurança na população devia de utilizar elementos da unidade especial de polícia, armados com *shotganes*, em pontos sensíveis como aeroportos e centrais de transportes, mas, o que é verdade é que se tem mantido esse tipo de policiamento, ou seja, um Euro 2016 se tivesse sido cá possivelmente teria um policiamento diferente do de 2004, porque o nível de ameaça é diferente. Como se sabe esse tipo de policiamento mais musculado provoca mais conflitos porque as pessoas reagem. Uma coisa é falar com um polícia que fala connosco tranquilamente outra coisa é ter um polícia musculado, armado que não fala, que afasta que empurra.

Aquilo que aconteceu no Euro 2016 em França era aquilo que nós temíamos que acontecesse em 2004 em Portugal? Aqueles cenários de violência de confronto

Sim, tendo em conta o histórico dos outros Euros, nos outros também aconteceram situações dessas, inicialmente temia-se isso, daí a preocupação e a apreensão sobre como é que nós íamos conseguir enfrentar essa realidade, isso sem dúvida que sim.

Por acaso não falei de uma situação, no Porto, na véspera da abertura dos jogos do jogo inicial, lembra-se, que foi uma detenção de suspeitos terroristas e que isso foi noticiado. Cheguei a noticiar no Expresso que Portugal teria sido ameaçado em redes de terrorismo, na altura era a Al-qaeda.

Sim, estávamos a poucos meses de distância dos atentados da Atocha.

De facto, o terrorismo era uma ameaça, um risco a considerar e houve essa detenção que foi noticiada, não foi ocultada, foi falada, houve pessoas detidas e expulsas, embora depois não se tivesse provado a ligação, e o engraçado é que apesar disso a PSP não alterou o paradigma de segurança. Mais tarde um foi detido na Holanda. Ou seja, apesar da ameaça terrorista e de ter havido um caso concreto a PSP não alterou, visivelmente o paradigma de segurança, manteve o policiamento não hostil, não musculado.

De proximidade?

De proximidade, exatamente e se calhar isso foi determinante para que não tivesse havido problemas de maior, tendo em conta aquele raciocínio que quanto mais policiamento musculado, mais tensão provoca e mais hipóteses existe de haver conflitos. A verdade é que na altura houve também a ameaça terrorista, foram detidas pessoas, a PSP manteve o tipo de policiamento que tinha planeado e não aconteceu nada de extraordinário.

Mantiveram de alguma forma uma certa serenidade perante os acontecimentos.

Sim, mantiveram, agora pensando bem acho que isso foi muito importante porque a tendência, se calhar hoje seria a de por a tropa toda na rua.

Passámos do clima de insegurança, de expectativa, de incredibilidade na nossa capacidade de preparação para percebermos que não só estávamos preparados, como conseguimos lidar bem com as situações, mantendo a serenidade a confiança.

É isso, apesar de ter havido esse momento que poderia ter invertido tudo, mantiveram a confiança no planeamento. Nós que já andamos aqui há tantos anos, percebemos perfeitamente o que significa um policiamento de proximidade na primeira linha, as pessoas mais serenas mais tranquilas, mas também é assim (isso só funciona se tivermos as costas guardadas) porque em qualquer momento se alguém fizer alguma asneira está logo ali a “tropa” musculada, a polícia melhor armada, caso seja necessário.

Este angulo de abordagem condiciona a opinião pública num sentimento de medo, numa perceção de insegurança?

Sim, sem dúvida. Vendo isto noutra cenário, se não tivesse havido abertura e transparência na explicação de como é que tudo estava a ser organizado e do plano que havia, o resultado seria sempre na especulação, que envolve sempre sindicatos. No âmbito das suas reivindicações sindicais, vêm sempre dizer que falta mais um colete e que falta mais uma arma e que faltam mais meios e que falta mais “N” coisas.

Houve algum aproveitamento

Claro e isso teria sido o que tinha valido para os artigos de jornal e depois ninguém sabia mais nada, portanto o facto de terem logo mostrado abertura para explicar o que iam fazer e o que se estava a passar foi sem dúvida importante.

Na altura do Euro os *media* eram essencialmente analógicos, no advento do digital, os principais jornais têm sites onde colocam algumas notícias, mas, a cobertura dos eventos dependia dos OCS. O *broadcast* era exclusivo dos *media*, só alguns telefones tinham camaras, filmar ou fotografar em tempo real não era possível.

Já havia 4 canais?

Já havia 4 canais, a SIC notícias e não havia CM TV . Agora a realidade é diferente, como é que olha para os riscos e para a responsabilidade dos próprios *media*.

Possivelmente a história teria sido outra porque a voragem das notícias, que eu chamo notícias desqualificadas, sem confirmação, sem contraditórios, que resultam do ser o primeiro a por o que quer que seja, imagine na altura que chegava a uma *fanzone* havia um polícia a agarrar num adepto, alguém filmava aquilo e publicava sem mais explicação. “Polícia deteve adepto em conflito”, depois ia-se perceber porque é que tinha acontecido. É diferente porque nessa altura era possível fazer alguma seleção da informação, era possível ter tempo para fazer as confirmações e os contraditórios necessários. Era diferente, agora a notícia sai de qualquer maneira, à partida, só depois é que se vai confirmar, tudo seria. Não havia a calma nem a serenidade necessária para essas coisas como houve no 2004. Verdadeiramente um novo tempo.

Obrigada.

IV - Carta do Ministro Adjunto do Primeiro-Ministro, José Luís Arnaut (Com tutela do Euro 2004) –Maio de 2004

Maio de 2004

Caros Portugueses

Estamos a poucos dias do início da Fase Final do Campeonato Europeu de Futebol, Euro2004, que constitui o terceiro maior evento desportivo a nível mundial.

Trata-se de uma oportunidade única para a projecção internacional do nosso País, da nossa riqueza humana e patrimonial e da nossa ambição.

Ao longo de várias semanas, cerca de 8.500 jornalistas estrangeiros farão do nosso País o centro das atenções de todo o Mundo.

Para assistir ao Campeonato deveremos ter mais de 1 milhão de espectadores, dos quais cerca de 500.000 serão estrangeiros. Perto de 200 estações de televisão já confirmaram a sua presença em Portugal para levar imagens dos jogos e do nosso País ao Mundo durante todo o torneio.

No entanto, é natural que um evento desta envergadura possa, eventualmente, provocar algumas perturbações no seu quotidiano e na vida da sua cidade, já que, depois das obras nos estádios e nas suas acessibilidades, vamos agora enfrentar um fluxo extraordinário de visitantes.

Mas devemos encarar essas eventuais perturbações como consequência própria de uma festa muito especial que o País vai viver.

Importa aproveitar ao máximo este evento e demonstrar, a quem nos visita, a nossa intrínseca e cordial hospitalidade.

Estou certo que, todos juntos, faremos deste momento um grande sucesso, desde logo pelo empenho dos Portugueses em agarrar de uma forma determinada esta grande oportunidade.

Estamos todos convocados - Portugal está pronto e conta consigo!

José Luís Arnaut

José Luís Arnaut
Ministro Adjunto do Primeiro-Ministro
(Com a tutela do Euro 2004)



V - Calendário dos Jogos Euro 2004

CALENDÁRIO DOS JOGOS

JOGOS DA FASE DE GRUPOS

12 Junho 2004 - Grupo A	Portugal 17:00 Espanha 19:45	Grécia Rússia	Estádio do Dragão - Porto Estádio Algarve - Faro-Loulé
13 Junho 2004 - Grupo B	Suíça 17:00 França 19:45	Croácia Inglaterra	Estádio Dr. Magalhães Pessoa - Leiria Estádio da Luz - Lisboa
14 Junho 2004 - Grupo C	Dinamarca 17:00 Suécia 19:45	Itália Bulgária	Estádio D. Afonso Henriques - Guimarães Estádio José Alvalade - Lisboa
15 Junho 2004 - Grupo D	Rep. Checa 17:00 Alemanha 19:45	Letónia Holanda	Estádio Municipal de Aveiro - Aveiro Estádio do Dragão - Porto
16 Junho 2004 - Grupo A	Grécia 17:00 Rússia 19:45	Espanha Portugal	Estádio do Bessa Século XXI - Porto Estádio da Luz - Lisboa
17 Junho 2004 - Grupo B	Inglaterra 17:00 Croácia 19:45	Suíça França	Estádio Cidade de Coimbra - Coimbra Estádio Dr. Magalhães Pessoa - Leiria
18 Junho 2004 - Grupo C	Bulgária 17:00 Itália 19:45	Dinamarca Suécia	Estádio Municipal de Braga - Braga Estádio do Dragão - Porto
19 Junho 2004 - Grupo D	Letónia 17:00 Holanda 19:45	Alemanha Rep. Checa	Estádio do Bessa Século XXI - Porto Estádio Municipal de Aveiro - Aveiro
20 Junho 2004 - Grupo A	Espanha 19:45 Rússia 19:45	Portugal Grécia	Estádio José Alvalade - Lisboa Estádio Algarve - Faro-Loulé
21 Junho 2004 - Grupo B	Croácia 19:45 Suíça 19:45	Inglaterra França	Estádio da Luz - Lisboa Estádio Cidade de Coimbra - Coimbra
22 Junho 2004 - Grupo C	Itália 19:45 Dinamarca 19:45	Bulgária Suécia	Estádio D. Afonso Henriques - Guimarães Estádio do Bessa Século XXI - Porto
23 Junho 2004 - Grupo D	Holanda 19:45 Alemanha 19:45	Letónia Rep. Checa	Estádio Municipal de Braga - Braga Estádio José Alvalade - Lisboa

QUARTOS-DE-FINAL

24 Junho 2004 - Encontro 25	Vencedor do Grupo A 19:45	Segundo classificado do Grupo B	Estádio da Luz - Lisboa
25 Junho 2004 - Encontro 26	Vencedor do Grupo B 19:45	Segundo classificado do Grupo A	Estádio José Alvalade - Lisboa
26 Junho 2004 - Encontro 27	Vencedor do Grupo C 19:45	Segundo classificado do Grupo D	Estádio Algarve - Faro-Loulé
27 Junho 2004 - Encontro 28	Vencedor do Grupo D 19:45	Segundo classificado do Grupo C	Estádio do Dragão - Porto

MEIAS-FINAIS

30 Junho 2004 - Encontro 29	Vencedor do Jogo 25 19:45	Vencedor do Jogo 27	Estádio José Alvalade - Lisboa
01 Julho 2004 - Encontro 30	Vencedor do Jogo 26 19:45	Vencedor do Jogo 28	Estádio do Dragão - Porto

FINAL

04 Julho 2004 - Encontro 31	Vencedor do Jogo 29 19:45	Vencedor do Jogo 30	Estádio da Luz - Lisboa
------------------------------------	---------------------------	---------------------	--------------------------------

VI - Deliberação da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) de 24.02.2004

alta autoridade  para a comunicação social

DELIBERAÇÃO DA AACS
sobre
OS PROBLEMAS SUSCITADOS PELA
COBERTURA MEDIÁTICA DO EURO 2004

✓

(Reunião plenária de 25 de Fevereiro de 2004)

1. Sendo a organização do EURO 2004 uma importante iniciativa com incidências em praticamente todos os sectores da vida nacional, inevitável seria que também no campo dos "media" aquele evento suscitasse problemas de enquadramento e coordenação a exigir um tratamento adequado.

2. A Alta Autoridade para a Comunicação Social, consciente das suas obrigações na matéria, tem levado a cabo desde há vários meses um abrangente programa de avaliação e estudo da situação que incluiu consultas com os diversos agentes com intervenção no processo, a saber, a própria administração da Sociedade EURO 2004, S.A., o Sindicato dos Jornalistas, a Associação Portuguesa de Radiodifusão, a EBS, entidade responsável pela gestão das transmissões dos jogos do campeonato e das respectivas instalações, o Governo e a Assembleia da República. Para além de comunicações por escrito com as entidades referidas, foram feitas reuniões de trabalho com todas elas, e com algumas mais do que uma vez. A AACS munuiu-se ainda de um estudo que encomendou a especialistas de direito do desporto.

3. No que reporta à Sociedade EURO 2004 registre-se com agrado que ela própria tomou a iniciativa de contactar repetidamente a Alta Autoridade, solicitando a posição deste órgão de Estado acerca de um conjunto de questões relacionadas com os "media" no campeonato europeu, pelo que a presente Deliberação representa também, naturalmente, uma reacção àquela solicitação.

4. Acentua-se antes do mais que a Alta Autoridade pretendeu e pretende, nesta sua actividade de acompanhamento do EURO 2004, garantir por um lado o cumprimento da lei, e por outro lado, naturalmente, a promoção do direito e da liberdade de informar, de se informar e de ser informado, na senda das atribuições e competências que lhe estão constitucional e legalmente cometidas.

12252

VII- Mapa Semântico Euro 2004

MS-t1- Período anterior ao Campeonato- até 11 de Junho de 2004

Correio da Manhã

1- Euro2004: Sectores da PSP Apontam Falhas nas Linhas Estratégicas Segurança posta em Causa. - 24.08.03

Diário de Notícias

1 - Euro 2004 Divide Empresários -12.09.03

2- Falta de polícia “põe em causa a segurança do país” – 18.09.03

3 -Durão garante segurança e Jorge Sampaio chama partidos -17.03.04

Expresso

1-Euro-2004 pode ser alvo terrorista - 08.02.03

2- Euro a conta relógio -22.02.03

3-Acções no Terreno começam agora -22.02.03

4- Uma Ameaça Real - 20.03.04

Focus

1 -Tropa do Iraque põe país na ordem -10.12.03

2 - Euro 2004 Alto Risco-Os Estádios e as ruas de Portugal estão preparados para os “hooligans” - 21.01.04

Público

1-Associação da PSP pede a demissão do ministro da administração interna. -18.09.03

2-MAI desmente atrasos na segurança do Euro – 20.09.03

3-Euro 2004 e Segurança nos Estádios – 20.11.03

4- Ingleses apostam na segurança e numa boa imagem para 2004 – 20.11.03

5 -Filme sobre “hooligans” considerado mau exemplo para o Euro- 11.05.04

6- Euro 2004: O acontecimento mais importante desde os descobrimentos – 14.05.14

7- Maioria acredita que o Euro não compensa – 11.05.04

Visão

1 - Contagem decrescente 12-06.03

2 - Segurança: as ameaças ao Euro - 29.01.2004

3 - É bonita a festa, pá! – 20.05.04

4 - Votos, futebol e rock, dias de festa -03.06.2004

5- Comecem os Jogos! -09.06.04

MS-t2 - Campeonato- De 12 de Junho a 4 de Julho de 2004

Correio da Manhã

1-Adeptos Expulsos de Portugal 17.06.04

2-Ingleses provocam violência 17.06.04

3 -Lisboa em Estado de Sítio - 24.06.04

Diário de Notícias

1-Expulsos 33 Ingleses e um holandês 18-06-2004

2- Apelo à “portugalidade” não leva à suspensão de greves - 23.06.04

3- O Portugal de Scolari -02.07.04

Expresso

1-Preto no Branco- Boa Sorte! -03.07.04

Focus

1- Os Símbolos nacionais – 30.06.04

2- A festa continua -30.06.04

Público

1-“Hooligan” apanha dois anos de prisão, outros 14 foram expulsos de Portugal -18.06.04

2-Jogo de hoje é de Alto Risco -24.06.04

3- Carris, Metro e Rodoviária regressam hoje à greve -30.06.04

Visão

1- Os dias mais loucos -17.06.04

2- De Bestiais a Bestas - 17.06.04

MS-t3 PERÍODO FINAL CAMPEONATO A PARTIR DE 5 DE JULHO DE 2004

Correio da Manhã

- 1-Os Sindicatos deviam de ter tido mais ponderação -07.07.04
- 2- Uma Pátria, Uma Língua – 05.08.04

Diário de notícias

- 1 - Um País de eventos - 06.07.04
- 2- Do euro ao Euro - 06.07.04
- 3- Portugal a três dimensões - 26.07.04

Expresso

- 1-Governo de compromissos - 17.07.04
- 2- Santana Lopes entre o “flop” e a incógnita -31.07.04

Público

- 1-O Euro 2004 em Portugal? Obviamente - 07.07.04

Focus

- 1 -Não Chores Miúdo! O Euro acabou num vale de lágrimas, mas foi um grande sucesso. Veja como Portugal ganhou. - 07.07.04

Visão

- 1 - A máquina de Santana -22.07.04

VIII - Mapa Semântico Euro 2016 – 10.06.16 a 10.07.16

Correio da Manhã	
31.05.17	Terroristas preparavam ataque em Marselha
07.06.16	Explosivos – Francês Detido com Arsenal de Guerra
	Seguranças do EURO Suspeitos de Terrorismo
12.06.16	Segurança- 24 Horas em Alerta Máximo
Diário de Notícias	
07-06.16	Ameaça ao Euro 2016 - Mais de 90 Mil nas ruas para garantir segurança no Euro
07-06-16	Ameaça ao Euro 2016 - Polícia proíbe Treino aberto da seleção em estádio francês.
07-06-16	Quando o Terror entra em jogo.
12.06.17	Portugal Top Secret. Vizinhos da seleção sob apertadas restrições.
15.06.16	Instruções do ISIS: atacar polícia. Com facas, pedras ou veneno
15.06.17	
Expresso	
08.06.16	França deporta ativista russo de extrema direita e mais 19 adeptos
07-07-16	Liberdade: a verdadeira vencedora do Euro 2016 http://leitor.expresso.pt/#library/expressodiario/07-07-2016/caderno-1/opiniaio/ricardo-costa--altos--baixos
i	
06.06.16	Euro 2016. PSP e GNR levam armas para França e já sabem quando as podem usar
Jornal de Notícias	
07.06.16	O terrorista francês que Paris não confirma
08.06.17	Inglaterra alerta para alvos terroristas
09.06.17	Aplicação lançada contra o terrorismo
Negócios	
01.06.16	Estados Unidos Alertam para risco de Atentados na Europa
	Observador
07.06.16	EURO 2016
	França em estado de nervos para o Euro não ser um pesadelo de segurança
08.06.16	Portugueses que vão ao Euro 2016 devem informar consulados
10.06.16	A segurança do Euro 2004. Quando ainda não havia Estado Islâmico, só Al Qaeda http://observador.pt/2016/06/10/a-seguranca-do-euro-2004-quando-ainda-nao-havia-estado-islamico-so-al-qaeda/
12.06.17	O terrorismo fez esquecer os “hooligans”
03.07.16	Polícia francesa faz explodir carro junto ao Stade de France http://observador.pt/2016/07/03/policia-francesa-faz-explodir-carro-junto-ao-stade-de-france/
Público	
07.06.16	A dias do Europeu, a França apercebe-se de que não é só alvo do terrorismo islâmico
10-06.17	<i>Hooliganismo</i> no Euro: Uma ameaça a juntar ao terrorismo https://www.publico.pt/2016/06/10/desporto/noticia/hooliganismo-no-euro-uma-ameaca-a-juntar-ao-terrorismo-1734474
11.06.16	“O Estado Islâmico atingiu uma eficácia nunca vista” https://www.publico.pt/2016/06/11/mundo/entrevista/manuel-navarrete-o-estado-islamico-atingiu-uma-eficacia-nunca-vista-1734740
08.06.17	Europol apoia autoridades
Sábado	
12.06.17	Marselha, a cidade tomada pelos hooligans http://www.sabado.pt/desporto/detalhe/marselha-a-cidade-tomada-pelos-hooligans-fotogaleria
12.06.17	Confrontos violentos entre (cada vez mais) adeptos espalham-se por França http://www.sabado.pt/bau/euro2016/detalhe/confrontos-com-cada-vez-mais-adeptos-espalham-se-por-franca?ref=DET_relacionadas_desporto
12.06.17	Violência: UEFA ameaça excluir Inglaterra e Rússia http://www.sabado.pt/bau/euro2016/detalhe/violencia-uefa-ameaca-excluir-inglaterra-e-russia?ref=DET_relacionadas_euro2016
Visão	
26.05.16	Resistir aos sinais de alarde
09.06.16	Terror, Greves e Futebol

24 Horas

DIAS DA CUNHA NÃO PERDOA AUTORIDADES DE SEGURANÇA DO EURO 2004

1.100 agentes de segurança no clássico

“Baixaram as calças”

O presidente do Sporting diz que foi pressionado a escolher entre a função dos adeptos portistas ou a admissão do jogo. Mas: caso os responsáveis pela segurança se recusarem a baixar as calças, o jogo não será realizado

Presidência do Sporting
O presidente do Sporting, António Coimbra Baptista, afirmou hoje que foi pressionado a escolher entre a função dos adeptos portistas ou a admissão do jogo. Mas: caso os responsáveis pela segurança se recusarem a baixar as calças, o jogo não será realizado.

Presidência do Sporting
O presidente do Sporting, António Coimbra Baptista, afirmou hoje que foi pressionado a escolher entre a função dos adeptos portistas ou a admissão do jogo. Mas: caso os responsáveis pela segurança se recusarem a baixar as calças, o jogo não será realizado.

24 Horas – “Baixaram as Calças”

Correio da Manhã

“Baixaram calças à ameaça portista”

Presidência do Sporting diz que foi “forçado” a negociar os adeptos do FC Porto ou enfrentar a violência do Alvalade

500 efectivos da PSP em Alvalade

500 efectivos da PSP foram destacados para o Alvalade para garantir a segurança durante o jogo entre o Sporting e o FC Porto.

Correio da Manhã – “As autoridades baixaram as calças perante as ameaças”

Jornal de Notícias

Contundente

Dias da Cunha acusa autoridades policiais de terem “baixado as calças” ao Porto na questão dos bilhetes para Alvalade // páginas 2 e 3

Jornal de Notícias – “Dias da Cunha insurge-se contra pressão portista”

Jornal de Notícias

Dias da Cunha insurge-se contra pressão portista

Localização das ciladas portistas

Polícia e Supertrâns reúnem-se em Lisboa

Record

Bilhetes repartidos

CLAUQUES FICAM COM A LARGA MAIORIA DOS INGRESSOS PARA O CLÁSSICO

DEFINIDO. As ciladas foram divididas a maior parte dos bilhetes para o clássico de futebol entre o Sporting e o FC Porto. Cada clube recebeu 25 mil ingressos, que serão repartidos entre os adeptos.

Record – “Bilhetes repartidos”.

A Bola

Cederam às ameaças

Dias da Cunha aceita as autoridades de segurança por causa dos adeptos portistas

Instigação à violência

Desculpa pelo incidente

A Bola – “Cederam às ameaças”;

X – Legislação

Anexo X- 1 - Resolução da Assembleia da República n.º 11/2000, de 18 de fevereiro: Constituição de uma Comissão Eventual para a Análise e a Fiscalização dos Recursos Públicos Envolvidos na Organização do EURO 2004.

<https://dre.pt/application/conteudo/414672>

Anexo X- 2 -Resolução do Conselho de Ministros 64/2001, de 31 de maio: No âmbito da realização da fase final do Campeonato Europeu de Futebol de 2004 e com o objetivo de assegurar a coordenação, acompanhamento e avaliação, a nível global, dos investimentos públicos a efetuar com infra-estruturas e equipamentos complementares.

<https://dre.pt/application/file/332322>

Anexo X- 3 - Portaria 1325/2001, de 4 de dezembro: A Portaria n.º 970/98, de 16 de Novembro, veio regulamentar os princípios gerais previstos no Decreto-Lei n.º 231/98, de 22 de Julho, no que respeita à formação inicial do pessoal de segurança privada e ao respetivo sistema de avaliação.

<https://dre.pt/application/file/581502>

Anexo X- 4 -Decreto-lei 94/2002, de 12 de abril: O exercício da atividade de segurança privada encontra-se regulado pelo Decreto-Lei n.º 231/98, de 22 de Julho, o qual se tem mostrado suficientemente ajustado à realidade de um sector económico em expansão e na prossecução do objetivo expressamente visado, ou seja a qualidade do serviço prestado e a dignificação dos respetivos profissionais.

<https://dre.pt/application/file/303291>

Anexo X- 5 - Resolução da Assembleia da República n.º 30/2002, de 23 de maio: Constituição da Comissão

Eventual para a Análise e a Fiscalização dos Recursos Públicos Envolvidos na Organização do EURO 2004.

<https://dre.pt/application/file/158547>

Anexo X - 6 - Portaria n.º 1522-B/2002, de 20 de dezembro: Nova redação ao Decreto-Lei n.º 231/98, de 22 de Julho, veio estabelecer medidas inovadoras no que respeita à segurança nos recintos desportivos. - ARD

<https://dre.pt/application/conteudo/516246>

Anexo X- 7 -Portaria n.º 1522-C/2002, de 20 de dezembro: Nova redação ao Decreto-Lei n.º 231/98, de 22 de Julho, veio estabelecer medidas inovadoras no que respeita à segurança nos recintos desportivos. ARD

<https://dre.pt/application/conteudo/516247>

Anexo X- 8 -Despacho conjunto 8/2004, de 3 novembro de 2003 (2.ª série):

O Euro 2004 é um evento que, pela sua dimensão e pelo seu modelo organizativo, suscita a necessidade de se estabelecer uma adequada articulação entre as várias estruturas do Ministério da Saúde e entre estas e outras áreas governamentais, assim como com a organização desportiva, essencialmente no que concerne à informação, à prevenção sanitária, à segurança alimentar, ao transporte pré e inter-hospitalar, à emergência, à urgência, à reserva estratégica de medicamentos e de sangue e à prestação de cuidados diferenciados em situação de excepção.

<https://dre.pt/application/conteudo/790920>

Anexo X - 9 - Portaria 485/2003, de 17 de junho:

<https://dre.pt/application/file/684285>

Anexo X- 10 - Despacho 22440/2003, de 18 de novembro (2.ª Série): A realização do Campeonato Europeu de Futebol de 2004 — Euro 2004, para além de constituir um acontecimento desportivo de projeção internacional, vem concretizar uma aposta estratégica, capaz de promover a nível mundial, a imagem do País; Este evento atrairá um número muito significativo de espectadores e turistas, o que se poderá traduzir num importante impacto económico para o País. Transportes

<https://dre.pt/application/conteudo/2689580>

Anexo X- 11 - Decreto-Lei n.º 35/2004, de 21 de fevereiro: Atividade de segurança privada
<https://dre.pt/application/conteudo/569761>

Anexo X- 12 - Resolução do Conselho de Ministros n.º 28/2004, de 9 de março: A fase final do Campeonato Europeu de Futebol de 2004, evento de reconhecido interesse nacional, permitirá uma projeção internacional de Portugal jamais alcançada por nenhum outro acontecimento desportivo realizado no nosso país. Para acolher esse evento, foi implementada uma estrutura de trabalho que passou pela criação de diferentes entidades.
<https://dre.pt/application/file/554332>

Anexo X- 13 - Lei n.º 16/2004, de 11 de maio: Aprova medidas preventivas e punitivas a adotar em caso de manifestação de violência associadas ao desporto.
<https://dre.pt/application/conteudo/264360>

Anexo X- 14 - Lei Orgânica n.º 2/2004, de 12 de maio: Estabelece o regime temporário da organização da ordem pública e da justiça no contexto extraordinário da fase final do Campeonato Europeu de Futebol — Euro 2004.
<https://dre.pt/application/conteudo/264283>

Anexo X- 15 - Resolução do Conselho de Ministros n.º 65/2004, de 21 de maio: Estabelece que no período compreendido entre 26 de maio e 4 de julho de 2004 será reposto o controlo documental em todas as fronteiras portuguesas.
<https://dre.pt/application/file/270697>